



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS**

THAIS ALMEIDA DA SILVA

**ARTICULAÇÃO DE SABERES TEÓRICOS E PRÁTICOS NA PROMOÇÃO DO
LETRAMENTO LITERÁRIO NO PROJETO COLMEIA LITERÁRIA**

**ARAGUAÍNA-TO
2019**

THAIS ALMEIDA DA SILVA

**ARTICULAÇÃO DE SABERES TEÓRICOS E PRÁTICOS NA PROMOÇÃO DO
LETRAMENTO LITERÁRIO NO PROJETO COLMEIA LITERÁRIA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras/Português, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Araguaína, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.
Orientadora: Profa. Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca.

ARAGUAÍNA – TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586a Silva, Thais Almeida da .
ARTICULAÇÃO DE SABERES TEÓRICOS E PRÁTICOS NA
PROMOÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO NO PROJETO COLMEIA
LITERÁRIA . / Thais Almeida da Silva . – Araguaína, TO, 2019.
112 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.
Orientadora : Vilma Nunes da Silva Fonseca.

1. Educação Literária . 2. Círculo de Leitura . 3. Mediação de Leitura . 4.
Formação de leitor . I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

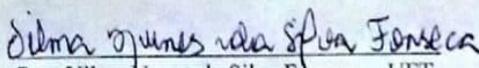
THAIS ALMEIDA DA SILVA

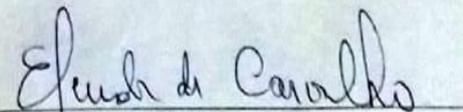
**ARTICULAÇÃO DE SABERES TEÓRICOS E PRÁTICOS NA PROMOÇÃO DO
LETRAMENTO LITERÁRIO NO PROJETO COLMEIA LITERÁRIA**

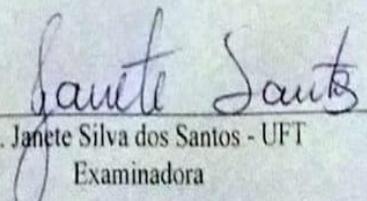
Monografia apresentada à - Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Araguaína-TO, Curso de Letras para a obtenção de título de Licenciatura e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 24/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca – UFT
Orientadora


Prof. Dra. Maria Eleuda de Carvalho - UFT
Examinadora


Prof. Dra. Janete Silva dos Santos - UFT
Examinadora

Dedico este trabalho, principalmente, aos meus pais Wasterlei e Selma por acreditarem em mim, e pela ajuda e confiança. Assim como a minha irmã Thallita e aos meus familiares e amigos, que sempre estiveram comigo, me apoiando em todos os momentos e a minha falecida avó Mair Santa Machado. Também a todos os professores que contribuíram para o meu amadurecimento e a minha orientadora Profa. Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca pelo carinho, atenção e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Passamos por tantos momentos em nossas vidas, bons e ruins, mas que nos modificam. Choramos, sorrimos, gritamos de alegria e de tristeza, ficamos saudáveis ficamos doentes ganhamos e perdemos, aprendemos e ensinamos. Ao decorrer de nossas vidas muitas pessoas passam por ela, algumas ganham seu espaço em nossos corações outras apenas passam e se vão. Não sabemos quando vamos vir a este mundo e muito menos quando vamos embora, e mesmo assim caminhamos em uma estrada sem chegada nem fim, pois não sabemos onde realmente vamos parar, se quem veio primeiro foi o ovo ou a galinha.

Temos a necessidade de acreditar em coisas para nossa sanidade mental, precisamos de outras pessoas para nos ajudar em momentos em que não conseguimos mais lutar sozinhos ou para compartilharmos nossos momentos mais especiais. Erramos muito, mas também acertamos, fazemos escolhas que nos faz crescer outras não.

Também perdemos pessoas que nos desestruturam de corpo e, alma e nesses momentos, nos perguntamos por quê de tudo isso, por que perdemos pessoas que amamos e não pessoas que não gostamos, somos juizes das vidas das pessoas, julgamos tudo aquilo que nos faz mal tentamos organizar as vidas das pessoas do nosso ponto de vista, mas sabemos que não é assim, não sabemos da vida do outro, não sabemos ao menos da nossa vida e queremos o pior ou o melhor para outras pessoas. Nos conformamos com as situações.

A rotina diária nos torna pessoas mecanizadas e insensíveis, criamos barreiras entre nós e o desconhecido, colocamos vendas em nossos olhos para não enxergarmos o próximo ou situações que estão a nossa volta. Vivemos em um mundo/ sociedade de diversidades sexuais, culturais e sociais. Já tivemos e temos guerras por não respeitarmos as escolhas do próximo, pessoas sofrem para ganhar seu espaço ou para serem quem elas verdadeiramente são.

Sonhadores. É o que nos move; sonhamos com um mundo melhor em todos os seus aspectos. Que todos tenham a autoridade da escolha, direitos iguais, liberdade, amor.

Este trabalho é uma grande conquista tanto para mim quanto para minha família, somos sonhadores e já passamos por muitos momentos como esses já mencionados anteriormente, mas continuamos o nosso caminho. Estar aqui nessa etapa da vida, é muito gratificante, agora escrevendo nesta página, ouvindo minha playlist faço uma retrospectiva da minha vida e vejo quantas coisas já passei e imagino quantas ainda estão por vir, e agradeço por tudo.

Necessitamos acreditar em coisas ou seres, acredito que temos um ser que nos guia por esse mundo sem fim, como uma boa religiosa, acredito em Jesus Cristo, nosso

salvador que veio ao mundo para nos mostrar como devemos agir com as outras pessoas, dar e ser exemplo de coisas boas. Apesar de vivermos em conflitos e desigualdades temos pessoas que tentam viver suas vidas como Jesus nos ensina através das Escrituras. Somos a mudança do mundo e se quisermos podemos fazer a diferença, iniciando com pequenos atos.

É chegado o momento em que deixo registrado o meu MUITO OBRIGADA! A Deus por ter me concedido a vida aos meus santos e anjos que sempre caminham ao meu lado, sejam eles espirituais ou carnis. Em meio as caminhadas, vamos sendo presenteados com anjos carnis em nossas vidas e são eles que nos ajudam a prosseguir e que nos dão força para nunca desistir apesar dos pesares.

Família os amo muito, obrigada pelo amor de cada um, saiba que os amo muito. Obrigada por me apoiar em cada escolha, decisão, dificuldade e alegrias que passamos juntos, sou grata e orgulhosa de tê-los como família. Agradeço especialmente aos meus pais, Wasterlei e Selma, e a minha irmã Thallita, muito obrigado por estarem comigo nesta etapa tão difícil e feliz da minha vida.

A todos os meus professores, meu muito obrigada por contribuírem na minha formação acadêmica e pessoal, aos meus professores das escolas que frequentei em Nova Olinda, e aos da escola Guilherme Dourado em Araguaína. Aos professores da Universidade Federal do Tocantins (UFT) que proporcionaram grandes aprendizados e que fizeram com que me apaixonasse ainda mais pela minha profissão. Em especial à professora Eleuda de Carvalho por ter possibilitado que eu participasse do Programa de Iniciação à docência (PIBID), no qual pude aprender valiosas lições. Agradeço também professora Vilma Nunes pelo aprendizado e pela dedicação, pelo Programa Apoio ao Discente Ingressante (PADI) e Projeto de Extensão Colmeia literária no qual tornou minha fonte de pesquisa para realização deste trabalho. À Danielle Masterali, que prestou valiosas instruções para a realização deste trabalho e por suas orientações. À professora Elisandra Vieira por ter me ensinado e mostrando as realidades da educação e por ter me ajudado em grandes questões de ensino e por ter deixado eu estar ao seu lado aprendendo muito tornando-se minha colega do estágio para a vida. E a todos os professores que contribuíram para minha formação e crescimento saibam que guardo cada um de vocês em meu coração.

Também deixo meus sinceros agradecimentos ao grupo “Além da Leitura” (Anne Raytielle, Edmaira, Felipe, Andressa, Thais Helena, Debora, Andreia, Eliane Testa e João de Deus) por terem me incentivado e contribuindo para minha paixão pela leitura, e a minha colega Maria Edna por seu apoio em todo esse percurso, por todas as contribuições.

*Gosto daquilo que me desafia.
O fácil nunca me interessou.
Já o obviamente impossível
Sempre me atraiu – E muito.
(Clarice Lispector)*

RESUMO

Nesta monografia, investigamos como os mediadores de leitura do Projeto Colmeia Literária (PCL) articularam os saberes teóricos e práticos na promoção do letramento literário em Círculos de Leitura (CL) em diferentes contextos socioculturais. O PCL foi um projeto de extensão idealizado na disciplina Letramento Literário, ministrada no Curso de Letras/UFT, no período 2017.2. Essa ação de extensão universitária objetivava a criação de uma rede de leitores em diferentes espaços públicos do município de Araguaína (TO), visando a propiciar a troca de experiências de leitura literária entre jovens mediadores (agentes de letramento) e leitores de diferentes faixas etárias, através do acesso a obras literárias. Para fundamentar a questão de pesquisa apresentada foram mobilizados os pressupostos teóricos apresentados por Abramovich (1998), Candido (2008), Cosson (2014), Street (2014), Soares (2017) e Zilberman (2011). Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa e interpretativista, e quanto aos procedimentos corresponde a um estudo de caso. Para compor o recorte temático, neste estudo, foram analisados dados referentes à dinâmica e à organização didática dos encontros nos CL em (03) três grupos de trabalho, respectivamente, denominados de Flor de Lótus, Flor de Murici e Flor de Ipê. Tais grupos foram escolhidos em função das peculiaridades dos leitores alvos do PCL. No primeiro, participavam crianças de um bairro periférico; no segundo, os participantes eram idosos de uma instituição de acolhimento; e no terceiro, eram pessoas (adultos e crianças) que frequentavam o passeio público da Via Lago, espaço de lazer e de prática esportiva existente na cidade. O *corpus* desta investigação é constituído pelo diário de campo da pesquisadora e pelos relatos de experiência dos acadêmicos. Também estão contidos fotos e transcrições de áudio (extraído de vídeo) que complementam a contextualização dos dados analisados. A partir do estudo das materialidades linguísticas geradas, foram produzidas as seguintes categorias de análise: a) Impactos do Projeto Colmeia Literária na formação acadêmica dos agentes de letramento; b) Contribuições do Projeto Colmeia Literária para formação de leitores na visão dos participantes; c) Momento no qual os acadêmicos se enxergam como agentes de letramento. Os resultados apontaram que todo o processo de execução do PCL foi norteado por implicações teórico-práticas que conduziram as ações didáticas, assim como as reflexões teóricas subjacentes as atividades realizadas (elaboração, planejamento, execução, avaliação).

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Literário, Círculo de Leitura, Mediação de Leitura

ABSTRACT

In this monograph, we investigated how the reading mediators of the Literary Beehive Project (LBP) articulated the theoretical and practical knowledge in the promotion of literary literacy in Reading Circles (RC) in different sociocultural contexts. The LBP was an extension project idealized in the “Literary Literature” discipline, taught in the Course of Letters / UFT, in the period 2017.2. The proposal of this university extension project is to create a network of readers in different public spaces of municipality of Araguaína (TO), aiming promote the exchange of literary reading experiences between young mediators (literacy agents) and readers of different age groups, through access to literary works. In order to substantiate the research presented, the theoretical assumptions proposed by Abramovich (1998), Candido (2008), Cosson (2014), Street (2014), Soares (2017) and Zilberman (2011) were mobilized. This is a research with a qualitative and interpretative approach, and as to the procedures, it corresponds to a case study. In order to compose the thematic clipping, in this study, data was analyzed concerning the dynamics and didactic organization of the RC meetings in (03) three working groups respectively, denominated “Flor de Lótus” (Lotus Flower), “Flor de Murici” (Murici Flower) and “Flor de Ipê” (Ipê Flower). These groups were chosen according to the singularities of the LBP target readers. In the first, children from a peripheral neighborhood participated; in the second, the participants were elderly of a host institution; and in the third, were people (adults and children) who attended the public walk of Via Lago, place for leisure and sports practice in the city. The *corpus* of this investigation consists of the researcher's field diary and the academic experience reports. Also included, are photos and audio transcripts (extracted from video) that complement the contextualization of the analyzed data. From the study of the linguistic materialities generated, the following categories of analysis were produced: a) Impacts of the Literary Hive Project on the academic training of literacy agents; b) Contributions of the Beehive Literary Project for the formation of readers in the view of the participants; c) The moment in which the scholars see themselves as agents of literacy. The results pointed out that the entire process of LBP implementation was guided by theoretical and practical implications that led to the didactic actions, as well as the theoretical reflections underlying the activities carried out (elaboration, planning, execution, evaluation).

KEY WORDS: Literary Literature, Reading Circle, Reading Mediation;

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: O Medo	55
Quadro 2: Inexperiência	55
Quadro 3: Enquadramento	56
Quadro 4: Patrocínio	57
Quadro 5: Acesso	58
Quadro 6: Preparação	60
Quadro 7: Leituras.....	60
Quadro 8: Ouvir	61
Quadro 9: Despertai	61
Quadro 10: A compra.....	61
Quadro 11: Nós lemos.....	62
Quadro 12: Relação.....	62
Quadro 13: Tipos de leitura.....	63
Quadro 14: Articulação	63
Quadro 15: Confissão.....	67
Quadro 16: Convidados.....	67
Quadro 17: Letramento	68
Quadro 18: Orgulho	68
Quadro 19: Diálogos: Abelhinha 4 vs participante 1.	69
Quadro 20: Diálogos entre Abelhinha 4 vs participante 2.	71
Quadro 21: Rima	72
Quadro 22: Por fim.....	75
Quadro 23: Reflexão sobre o projeto.	76
Quadro 24: O leitor	77
Quadro 25: Experiência.....	78
Quadro 26: Semente	79
Quadro 27: Contribuições	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Hora da Leitura	21
Figura 2: Alpendre.....	23
Figura 3: Ar livre	25
Figura 4: Ler para pode crescer	34
Figura 5: Era uma vez.....	41
Figura 6: Um dedo de prosa	43
Figura 7: Diversificação	47
Figura 8: Silêncio!	51
Figura 9: Em voz alta	53
Figura 10: No chão.....	51
Figura 1: Hora da leitura	21
Figura 2: Alpendre	23
Figura 3: Ar livre.....	25
Figura 4: Ler para pode crescer.....	34
Figura 5: Era uma vez... ..	41
Figura 6: Um dedo de prosa	43
Figura 7: Diversificação	47
Figura 8: Silêncio!.....	51
Figura 9: Em voz alta	53
Figura 10: No chão.....	58
Figura 11: Leitora Mirim.....	65
Figura 12: Socialização das atividades.....	75

LISTA DE SIGLAS

PCL	Projeto Colmeia Literária
AL	Agente de Letramento
CL	Círculo de Leitura
ML	Mediador de Leitura
ESC	Estágio Supervisionado Curricular

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1- DESVENDANDO O PERCURSO METODOLÓGICO	18
1.1 CONHECENDO O PROJETO COLMEIA LITERÁRIA	18
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	20
1.2.1 Flor de Lótus	21
1.2.2 Flor de Murici	22
1.2.3 Flor de Ipê	24
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
1.4 CARACTERIZAÇÃO DE COLETA DE MATERIAL	28
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 LETRAMENTO.....	29
2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO.....	35
2.3 ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: O PODER DA ORALIDADE.....	39
2.4 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA.....	44
CAPITULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	52
3.1 IMPACTOS DO PCL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS AGENTES DE LETRAMENTO	52
3.2 CONTRIBUIÇÕES DO PCL PARA FORMAÇÃO DE LEITORES NA VISÃO DOS PARTICIPANTES	65
3.3 MOMENTO EM QUE OS AGENTES DE LETRAMENTO SE ENXERGAM COMO MEDIADORES DE LEITURA	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	86
ANEXO A- RELATOS DE EXPERIÊNCIA DOS AL.....	88
ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO (Vídeo)	105
ANEXO C- PERGUNTAS REALIZADAS PELA ORIENTADORA DO PCL PARA A ML ABELHINHA 6: TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO (Vídeo).....	107
ANEXO D- REGISTRO FOTOGRÁFICO DO PCL	110

INTRODUÇÃO

Nesta monografia apresentada ao Curso de Letras (Português) Araguaína da Universidade Federal do Tocantins (UFT) investigamos o projeto de extensão universitária COLMEIA LITERÁRIA (PCL), cuja proposta tinha como objetivo criar uma rede de leitores em diferentes espaços públicos que possa propiciar ao cidadão comum, que deseje integrar o grupo, o contato com obras literárias e a troca de experiências de leitura com jovens mediadores, agentes de letramento, desenvolvido pelos acadêmicos de letras na disciplina Letramento literário (2017.2).

Esta pesquisa é de suma importância para o meio acadêmico e social, pois apresentamos e documentamos uma parceria entre universidade e sociedade, possibilitando-nos mostrar para a comunidade que nós acadêmicos estamos cada vez mais preocupados com os rumos da educação em transmitir conhecimentos dentro e fora dos muros escolares. É salientar sobre o vínculo indissociável entre teoria e prática expressados por meio de experiências adquiridas com Círculos de Leitura, assim promovendo a promoção do letramento literário para uma maior culminância de públicos diversificados.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como os mediadores de leitura articularam os saberes teóricos e práticos na promoção do letramento literário em Círculos de Leitura em diferentes contextos socioculturais. Assim, sendo composta por objetivos específicos no qual norteia esse trabalho que são eles: 1) Identificar como os agentes de letramento literário se enxergam como mediadores; 2) Identificar como as ações do grupo trouxeram impactos para a formação acadêmica e profissional dos estudantes; 3) Detectar a influência do PCL na vida dos participantes dos Círculos de Leitura; 4) Investigar como as teorias e as práticas são assimiladas pelos acadêmicos e de que forma elas são articuladas.

A motivação de pesquisa partiu por observarmos que o incentivo à leitura é um problema dentro e fora das instituições de ensino, que de certa forma, reflete na formação acadêmica dos professores. Portanto, procuramos investigar como acontecem as articulações teóricas e as práticas para com os acadêmicos em formação. Em consequência disso, vimos que o PCL atendia, de certo modo, ainda que de forma tímida, uma demanda, pois é a primeira atividade de extensão da UFT que visava captar leitores que estavam na escola e fora dela.

A questão de pesquisa desta monografia é investigar como os distintos mediadores com contextos sociais, públicos e materiais diferentes, no entanto com as mesmas orientações

de leituras e teorias, que podem refletir no meio acadêmico e pessoal, a partir do momento que começam a participar do projeto a ser investigado, também como os agentes de letramento literário se enxergam como mediadores e de que forma essas ações trouxeram impactos para sua formação acadêmica, após o desenvolvimento e participação no PCL, no qual está interligado através de uma tríade Universidade-Acadêmicos-Participantes e, ainda, como os leitores (participantes) receberam a iniciativa e como a participação no PCL repercutiu em suas vidas.

O estudo está fundamentado em autores e especialistas que atuam na área do Letramento Literário, Mediação de leitura e Contação de história que abordam o ensino de literatura e suas formas de apropriação, tais como: Zilberman, Cosson, Candido, Street, Lajolo entre outros, que teorizam e discutem as questões fundamentais relacionadas à Educação Literária.

Podemos considerar esta pesquisa de cunho qualitativo e documental, por caracterizar-se no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, trabalha com descrições, comparações e interpretações, possuindo como finalidades alcançar dados voltados à compreensão de atitudes, motivações e comportamentos dos atores envolvidos ao projeto mencionado. Objetiva entender e tentar responder aos questionamentos levantados do ponto de vista desta monografia em questão.

Desta forma, a presente monografia encontra-se estruturada em três capítulos:

O primeiro capítulo, intitulado **“Desvendando o percurso metodológico”**, corrobora para o conhecimento do projeto de extensão Colmeia Literária que contava com o objetivo de promover a criação de círculos de leitura em diferentes espaços públicos da cidade de Araguaína – Tocantins, surgindo assim por meio da disciplina de letramento literário, no qual contou com o início previsto em 01/02/2018 e término em 01/07/2018, não possuindo recursos financeiros, mas contando com carga horária de 150 horas para os discentes, os locais de realização foram Câmpus de Araguaína, escolas, ONG, bibliotecas e entidades filantrópicas. É justificada a escolha dos grupos para a pesquisa dividida em seções, Flor de Murici: possuindo público alvo de idosos, localizado no Cantinho do Vovô, no setor Brasil, sendo composta pelas abelhinhas 1 e 2. Flor de Lótus: dispõe de crianças e jovens, instalado na Comunidade Vida abundante (Igreja evangélica) no setor Itaipu, reunindo as abelhinhas 3 e 4. Flor de Ipê: grupo-alvo de crianças, jovens, adultos e idosos, o espaço em que aconteciam os encontros foi na Avenida Via Lago, mais especificamente em frente a placa de inauguração da avenida, tendo como agentes as abelhinhas 5 e 6, com isso foram selecionados esses três grupos a serem investigados por abrangerem públicos alvos

diversificados, os discentes tiveram seus nomes renomeados na pesquisa, para resguardar suas identidades. Sendo uma pesquisa qualitativa, estudo de caso e interpretativista.

O segundo capítulo, nomeado “**Fundamentação teórica**”, é destinado ao diálogo com estudiosos como Angela Kleiman (2006), Antonio Candido (1988), Brian Street (2014), Fanny Abramovich (1997), Marisa Lajolo (2005), Magda Soares (2017), Paulo Freire (1989), Rildo Cosson (2014), entre outros, sendo explanados os tópicos: Letramento, quando discutimos as vias pelas quais são levantados alguns conceitos sobre letramento e alfabetização e a maneira que esses termos são transmitidos na sociedade. Posteriormente, Letramento Literário, buscando o letramento com acesso ao literário, para isso usando os estudiosos para discutirmos a importância os meios e as práticas que podem ajudar na formação de leitores literários, logo também, Arte de contar histórias: O poder da oralidade, no qual podemos conhecer um pouco das origens das contações de histórias e sua importância para construção de uma sociedade, e assim por meio dela formar leitores e contadores proporcionando a interação humana, por fim a Mediação de leitura literária, discutimos o que é esta ação, para que serve e sua importância para os formadores e formandos, o poder que ela pode proporcionar para quem medeia e para quem é mediado, o papel influencer que o mediar possui para assim formar novos leitores.

O terceiro capítulo nomeado “**Análise e discussões dos dados**”, cruzamos os dados que resultaram de ações na aplicabilidade do projeto investigado o que encontramos estudando os mecanismos de pesquisa, divididos em três tópicos de análise: 1) Os/o impactos(o) negativos e positivos do projeto na formação dos acadêmicos agentes de letramento ocasionados pelo Projeto Colmeia Literária. 2) Os/o ganhos(o) ou não para os grupos de participantes atendidos. 3) Momento que os agentes de letramento se enxergam como mediadores de leitura. E, por fim, as “**Considerações Finais**”, quando respondemos nossa questão inicial, se os mediadores de leitura do Projeto Colmeia Literária articulam os saberes teóricos e práticos na promoção do letramento literário, em círculos de leitura em diferentes contextos sócios culturais.

CAPÍTULO 1- DESVENDANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

Iniciaremos essa pesquisa fazendo o levantamento metodológico, no qual conheceremos o Projeto Colmeia Literária e todas suas origens para composição dos Círculos de Leitura, e interpretarmos por meios de símbolos e significados as escolhas dos nomes atribuídos. É também apresentado o devido objetivo do afunilamento e sua materialidade de pesquisa.

1.1 CONHECENDO O PROJETO COLMEIA LITERÁRIA

O Projeto Colmeia Literária é uma ação de extensão universitária cujo objetivo consiste em promover a criação de Círculo de Leitura em diferentes espaços públicos da cidade de Araguaína – Tocantins, no qual obteve a duração de seis meses iniciando no dia 01/02/2017 e finalizado no dia 01/07/2017. As atividades de promoção à leitura literária foram desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Letras (Português), da Universidade Federal do Tocantins / Câmpus de Araguaína, que atuaram como agentes de letramento, no Câmpus de Araguaína, escolas, ONG, biblioteca e entidades filantrópicas. O objetivo da ação era criar uma rede de leitores, visando propiciar ao cidadão comum o contato com obras literárias e a troca de experiência de leitura com jovens mediadores, agentes de letramento. Cosson (2014) esclarece como funcionam os Círculos de Leitura, destacando o papel do coordenador (agente de letramento) do CL:

Este tipo de círculo não possui propriamente um roteiro, mas sim orientações que servem para guiar as atividades do grupo de leitores. Essas orientações ficam sob a responsabilidade de um coordenador ou condutor que dá início à discussão, controla os turnos de fala, esclarece dúvidas e anima o debate, evitando que as contribuições se desviem da obra ou tema a ser discutido. Também é responsabilidade do condutor que seja feito um aprofundamento ou alargamento da leitura, podendo demandar que o grupo detenha em um ponto ou reveja algum aspecto anterior discutido. (COSSON, 2014, p.159).

É necessário que o Círculo de Leitura esteja organizado, com os papéis estabelecidos para que os encontros aconteçam de forma harmônica e assim possibilitando a interação de todos os presentes que cada um seja ouvido e, também o AL conduzirá os caminhos da leitura selecionando pontos a serem debatidos.

Conceituando por meio de símbolos, significados e sentidos, buscamos a interpretação do nome atribuído ao projeto investigado, pois o PCL é composto por

simbologias. “Colmeia” significa casulo construído por abelhas que serve para ser seu abrigo, sendo assim o PCL é o ponto de encontro dos grupos tornando-se assim o “casulo” dos AL, no qual é feito os encontros de todos os CL e assim partilharem os aprendizados adquiridos e buscar mais conhecimentos. Abelhas significa cooperação e lealdade, como enfatiza Prado (2011, p.33) “as abelhas, porque seu símbolo é o respeito, a admiração, a adoração ao rei, que é o guardião dos trabalhos”, os quais buscam os pólen das flores para produzir seu alimento. Flor¹ “simboliza beleza, pureza, infância e juventude. Assim, representam a glória e refletem tudo o que é passivo e feminino, portanto, tudo o que esteja ligado à beleza, à juventude, à paz, ao espírito e à primavera”. Em torno destes sentidos simbólicos obtivemos que o PCL tem por casulo a Literatura e as abelhas servem como representatividade para os acadêmicos que buscam alimentar-se da teoria e prática que são simbolizados pelas flores e os participantes representam os pólen que são minúsculos grãos produzidos pelas flores.

O PCL se originou na disciplina de “Letramento Literário”, semestre 2017.2 ministrada pela professora Dra. Vilma Nunes da Silva Fonseca, foi proposto pela docente a realização do PCL como atividade prática curricular. Os estudantes foram divididos em dez grupos de dois a três discentes, sendo nomeado cada grupo com nomes de flores do Cerrado: Flor de Pequi, Flor de Ipê, embora a orientação tenha sido denominar os grupos com os nomes das flores do Cerrado, um grupo exigiu ser reconhecido como “Flor de Lótus”, “Flor de Murici”, “Girassol do Cerrado”, entre outros. Flores que representam a beleza, a criação, infância, juventude e harmonia, também para caracterizar a região do Cerrado. Os grupos se reuniam semanalmente para planejar a execução do PCL, selecionar obras e materiais didático pedagógicos. Os textos literários foram escolhidos de acordo com o público-alvo, que varia entre crianças, jovens, adultos e idosos.

Para a concretização do PCL foram escolhidos pelos acadêmicos diferentes espaços públicos de Araguaína. Os locais selecionados foram: “Cantinho do Vovô”, “Comunidade Vida Abundante”, “Casa de Acolhimento Ana Carolina”, “Praça São Luiz Orione”, “Parque Cimba”, “Calçadão da Via Lago”, “Escola Municipal Benedito Canuto Braga” e “Ensino Infantil Creche Dona Benta”.

Durante todo o desenvolvimento do PCL, as atividades produzidas foram registradas por meio de diários de campo dos acadêmicos, fotos, vídeos, relatos dos

¹ Disponível em: < <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/flor/> > Acessado em: 04 de junho de 2019, às 20h21.

participantes, relatos reflexivos e relatos de experiência de leitura. A proposta do PCL despertou o interesse dos acadêmicos uma vez que oportunizava aos acadêmicos relacionar a teoria e prática na execução do projeto. Esse aprendizado sobre as práticas de letramento proporcionou observarmos a falta de práticas curriculares, principalmente, quando é chegada a hora de realização dos Estágios Supervisionados Curriculares, momento em que se deve relacionar e colocar as teorias correlacionadas às práticas de ensino pela disciplina de Letramento Literário, ajudando-os a articular conhecimentos teóricos práticos sobre o ensino de literatura nos ESC.

Nesse aspecto, a pesquisa se voltou para a investigação do trabalho de mediação de leitura exercido pelos acadêmicos de Letras “Agentes de Letramento”. Para isso, os instrumentos escolhidos para coleta de dados foram, principalmente no local dos encontros dos Círculos de Leitura, as observações, estudo de caso, documental e qualitativo, pelos quais a pesquisadora terá suporte para fazer sua análise a respeito do tema investigado.

Foram no total seis relatos dos agentes de letramento analisados, tendo também o diário de campo da pesquisadora. Ao fazermos uma análise dos materiais (*corpus* da pesquisa), notamos a importância de projetos de extensão na vida dos acadêmicos, oportunizando colocar em prática os aprendizados já adquiridos antes mesmo de iniciar a carreira profissional.

Então, na seção seguinte apresentaremos os Círculos de Leitura que foram selecionados para investigação da pesquisa, apontando os significados dos nomes dos grupos escolhidos no qual faz relação com a forma em que eles atuam, também os públicos e locais que desenvolveram suas ações.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Desejávamos conhecer experiências distintas de promoção à leitura. Com isso selecionamos três grupos para serem investigados: O primeiro, “Flor de Lótus”, porque trabalhavam com crianças e podia conhecer a realidade de participantes carentes e com poucas oportunidades de contato com a leitura literária fora do âmbito escolar. O segundo, “Flor de Murici” realizava um trabalho de incentivo à leitura literária com um grupo de idosos analfabetos e semi-alfabetizados com restrições físicas e saúde debilitada. Por fim, o terceiro grupo, “Flor de Ipê”, não tinha um público-alvo definido, pois nos encontros participavam pessoas de múltiplas faixas etárias.

1.2.1 Flor de Lótus

“Flor de Lótus”, simbolicamente significa² “na literatura clássica de muitas culturas asiáticas, a flor de lótus simboliza elegância, beleza, perfeição, pureza e graça, sendo frequentemente associada aos atributos femininos ideais”. É o nome escolhido pelos organizadores para o grupo que buscava realizar mediação de leitura e contação de histórias para crianças e jovens. Com objetivo de construção de uma rede de leitores as reuniões deste Círculo de Leitura aconteceram na “Comunidade Vida Abundante”, localizada no Setor Itaipu. Na figura 1, podemos observar os participantes que estão lendo e sendo acompanhados pelos AL.

Figura 1: Hora da leitura



Fonte: Arquivo da pesquisa

Então é como observamos na imagem, sentados no chão faziam as articulações das leituras com seu público, no qual fazem parte de uma comunidade carente na zona periférica da cidade, um dos integrantes organizador do grupo é o pastor da igreja, com isso, facilitando na organização dos encontros e na disciplina dos visitantes, os encontros com os alunos eram anunciados durante os cultos em que maior parte tinham a presença dos responsáveis das

² Disponível em: < <https://www.significados.com.br/filosofia/> > Acessado em: 04 de junho de 2019, às 20h16.

crianças que participavam dos encontros semanais. O local em que acontecia os Círculos de Leitura, era bem aconchegante e climatizado proporcionando um maior conforto aos participantes e aos agentes de letramento.

O Círculo de Leitura literária fazia planejamento para articular os materiais, o cronograma de atividades e as formas para facilitar a fixação das leituras centrais dos encontros. Com devida dedicação que os acadêmicos preparavam cada detalhe para chegada das crianças, em consequência da falta de recursos financeiros o grupo não conseguia desenvolver muitas atividades com recursos didáticos diversificados, no entanto eles iniciaram com os poucos recursos disponíveis, pois objetivaram o contato das crianças com os livros que eram oferecidos nos encontros.

1.2.2 Flor de Murici

A “Flor de Murici”, provem de uma planta de nome homônimo, está³ “presente em toda a América Latina. O nome dessa árvore é de origem tupi e significa “árvore pequena”. O CL atuava no “Cantinho do Vovô”, localizado no setor Brasil da cidade de Araguaína-TO. O CL “Flor de Murici” tinha poucos participantes e exigia esforço e dedicação dos acadêmicos. Eles realizavam os Círculos de Leituras com pessoas idosas, que apresentavam problemas de audição, visão, restrições físicas e intelectuais. Esse trabalho exigia disponibilidade, criatividade na realização dos encontros.

Para que os encontros pudessem acontecer, as acadêmicas passaram por uma pequena dificuldade com o processo burocrático com a gestão administrativa do local. Tiveram que apresentar documentos de identificação e tanto informações sobre o projeto que iriam executar. Tudo isso, foi necessário para obter a autorização dos gestores da instituição que eram responsáveis pelos idosos, pois muitos não conseguem mais responder por si mesmo. Na figura 2 apresenta um registro ao qual aconteciam. Os participantes sentavam em um semi- círculo direcionados para as agentes de letramento. Os cadeirantes e aqueles com problemas de audição eram colocados bem próximos às acadêmicas para que pudessem participar da atividade.

³ Disponível em: < <http://www.cerratinga.org.br/murici/> > Acessado em: 04 de junho de 2019, às 20h35.

Figura 2: Alpendre



Fonte: Arquivo da pesquisa

Dentre os fatores que dificultavam a realização das atividades do grupo destacamos o barulho que vinha da rua e os equipamentos de construção que acontecia nos fundos da casa. Conforme pode ser observado na figura 2, o cantinho para ocorrer o Círculo de Leitura era decorado com flores e cartazes, havia vários livros de gêneros literários diversificados, mas a grande maioria deles não lia mais por problemas de visão ou não eram alfabetizados. Por isso, as AL faziam as leituras em voz bem alta devido aos problemas de visão e audição, para que todos escutassem a contação das histórias.

O objetivo dos encontros do CL “Flor de Murici” com os idosos era de divertir os idosos, retirando-os da monotonia. E as obras literárias foram selecionadas em função do interesse do público-leitor. Os idosos gostavam de pequenas narrativas, causos, piadas, Crônicas de Barnabé e charadas que traziam as memórias da juventude, e assim interagiam com as histórias contadas e com dinâmicas organizadas. Na maior parte dos encontros, eles preferiam contar suas próprias aventuras de quando moços, eles sentiam muita necessidade de conversar sobre suas vidas com outras pessoas, com isso houve um pouco de dificuldade para o grupo desenvolver as atividades planejadas. Esses idosos pareciam carentes e solitários, e viam na presença das acadêmicas uma oportunidade para interagir com pessoas “de fora” da instituição.

Os idosos têm muito mais a ensinar do que a aprender e gostam de compartilhar os ensinamentos apreendidos ao longo da vida. Geralmente, eles em sua grande maioria eram sinceros, se não estavam gostando se retiram e diziam que não iam participar, mas quando

gostavam, ficavam atentos às leituras e às discursões promovidos pelas acadêmicas. Possuíam o raciocínio mais lento, problemas de memória, por isso precisavam de mais tempo para compreender as leituras ou a proposta de atividade.

Por ser um lugar público, muitas pessoas passavam pelo local para visitá-los e algumas vezes, atrapalhavam o desenvolvimento do encontro das acadêmicas, mas apesar desses empecilhos as atividades mesmo que tímidas eram realizadas, o mais importante era que eles pediam para que elas voltassem semana seguinte, pois eles gostavam bastante daqueles momentos. Era possível perceber o brilho no olhar de cada um ao ouvir as histórias contadas pelas agentes de letramento. As atividades do grupo “Flor de Murici” aconteciam duas vezes por semana com duração de duas horas.

1.2.3 Flor de Ipê

A “Flor de Ipê”, é⁴ “conhecida por sua beleza e pela resistência e durabilidade de sua madeira”. O grupo encontrava-se no calçadão da Via Lago, localizada na cidade de Araguaína-TO. As reuniões deste Círculo de Leitura aconteciam em espaço aberto e atingiam pessoas de diferentes idades que praticavam esportes ou buscavam momentos de lazer. Persistentes, as acadêmicas que realizavam essa ação demonstravam coragem e ousadia para interpelar as pessoas na rua com um convite para ler um livro ou ouvir uma história contada.

As acadêmicas não tinham público alvo, percorriam o calçadão e conquistavam seus leitores através do diálogo, compartilhando seu amor aos livros e, que dessa forma preenchiam o carpete, cheio de livros de diferentes gêneros literários, com crianças, jovens, adultos e idosos. Os encontros aconteciam três vezes por semana com duração de duas horas por dia. O lugar de realização das atividades era fixo, para as pessoas terem uma referência do grupo “Flor de Ipê”, mas os leitores nunca eram os mesmos, pois eram conquistados a cada encontro.

Os livros ficavam espalhados pelo tapete tornando assim livre a escolha das obras para as pessoas que passavam por ali, muitas das vezes, as acadêmicas eram confundidas com vendedoras por estarem com os livros expostos. Por ser um local ao ar livre e de lazer havia um grande número de pessoas praticando exercícios físicos, alguns adultos passavam e observavam de longe, e somente na volta, da corrida por exemplo, paravam para perguntar o objetivo da ação, e em grande maioria parabenizavam bastante a iniciativa, as crianças

⁴ Disponível em: < <https://www.xapuri.info/cultura/mitoselendas/lenda-do-ipe-de-milhares-de-canarinhos-vem-o-amarelo/> > Acessado em: 04 de junho de 2019, às 20h40.

passavam bem devagar observando, logo as AL convidava-as para participarem e muitas de primeira aceitavam, outras era necessário ir até elas e mostrar os livros, contar um pouco da narrativa e, assim elas se juntavam ao grupo.

Para ilustrar o campo de atuação do círculo de leitura “Flor de Ipê”, segue abaixo a figura 3, no qual podemos observar as atividades do PCL, na Via Lago, às margens do Rio Lontra.

Figura 3: Ar livre



Fonte: Arquivo da pesquisa

De modo geral, as pessoas achavam a iniciativa bastante positiva, tiravam fotografias estimulavam suas crianças a participarem, mas não chegavam a integrar o grupo. Alguns pais deixavam os filhos com as acadêmicas que contavam histórias e iam conversar com os amigos. A maior dificuldade encontrada nos três grupos selecionados do PCL foi a falta de recurso financeiro para a execução do projeto.

O barulho excessivo no local dificultava bastante no desenvolvimento das ações de leitura, pois interferia na atenção dos leitores, fazendo com que perdessem o foco da atividade. Havia um número considerável de crianças participando dos Círculos de Leitura, muitas ainda não alfabetizadas.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois está pautada na interpretação do mundo real na experiência vivida dos seres humanos, justifica-se pelo fato de as investigações lidarem com a interpretação e serem adotadas algumas técnicas para a coleta de dados, dentre as quais, destacamos a observação participante, estudo documental que consiste nas análises de diários de campo, vídeos, fotos e relatórios. Para melhor explicar, citamos Severino (2007):

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos documentais, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir, da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2007, p.122)

É um estudo de caso, pois é realizada durante e depois da ocorrência dos fatos para conduzir a pesquisa, permitindo envolvimento do pesquisador nas experiências dos participantes com abordagem qualitativa, quando houve coleta de informações para serem descritas e analisadas, e observação no ambiente em que o PCL atuavam, com a preocupação de coletar e atentar para um maior número de elementos, a fim de uma compreensão mais apurada do problema que vem sendo estudado e por ser delimitado. Com seus objetivos definidos, haja vista a exploração do caso ser amplo, a delimitação favorece a pesquisa dos fatos em um tempo limitado, a fim de captar a realidade no decorrer do trabalho, aberto às novas significações, esclarecimentos, descobertas e por enfatizar a interpretação em contexto está dentro do paradigma de pesquisa qualitativa, possuindo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana, de forma a descrever de forma detalhada e profunda um determinado fenômeno.

É uma pesquisa de campo com viés etnográfico, pois visitamos os locais das ações, mas não interferimos nas ações realizadas pelos AL, apenas observamos e coletamos os dados que compõe o *corpus* da pesquisa, no qual aconteceu em fases na primeira, através da observação participante, no momento em que a pesquisadora frequentava os encontros e reunião organizados pelo PCL, produzindo vídeos, fotos, diário de campo e registros, relatos de experiência dos agentes de letramento e dos participantes crianças e adultos. Na segunda, teve acesso consentido aos relatos de experiência elaborados pelos acadêmicos, realização de transcrição de vídeos e sistematizamos nossas próprias anotações de campo.

Para Santos (2004, p.61) “o trabalho de pesquisa visando à construção do conhecimento desenvolve-se por etapas, que se constitui num método, num caminho do

processo [...] que requer boas doses de trabalho intelectual e braçal”, no qual é utilizado nessa pesquisa, pois estamos utilizando mecanismos de pesquisa que requer da pesquisadora muito trabalho intelectual por termos que fazer as interpretações e análises dos dados e braçal porque tudo isso é descrito.

A observação foi importante para registro dos eventos de letramento evidenciados na interação dos agentes de letramento com os idosos, as crianças, os jovens e os adultos, como também para investigação científica em andamento. Para alcançarmos o objetivo de pesquisa era necessário que acompanhássemos as atividades desenvolvidas pelos grupos de trabalho selecionados.

Nos relatos de experiência dos agentes de letramento foi possível evidenciarmos as expectativas iniciais e o conhecimento adquirido com o PCL. Nesses textos, os acadêmicos avaliavam o desenvolvimento do projeto, registrando opiniões sobre desenvolvimento do projeto juntamente com as contribuições positivas e negativas articuladas ao decorrer da execução da ação. Todo o material linguístico analisado foi gerado durante a realização do PCL.

Durante as observações dos eventos de letramento, foram produzidas anotações em diário de campo que foi uma ferramenta importante para a coleta de dados, pois consiste na memória que podia ser acessada a qualquer momento, possibilitando uma escrita detalhada dos fatos observados. Também foram gerados pelos AL os relatos de experiência, nas quais foram registrando o seu aprendizado com a experiência que pôde ser compartilhada com os colegas no evento final de socialização das atividades do PCL.

Para Lewgoy e Arruda (2004, p. 123-124), o diário de campo consiste em um instrumento capaz de possibilitar “o exercício acadêmico na busca da identidade profissional” à medida que, através de aproximações sucessivas e críticas, pode-se realizar uma “reflexão da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios”. É um documento que apresenta tanto um “caráter descritivo-analítico”, como também um caráter “investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas”, ou seja, consiste em “uma fonte inesgotável de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento profissional e do agir através de registros quantitativos e qualitativos”.

1.4 CARACTERIZAÇÃO DA COLETA DE MATERIAL

A materialidade linguística analisada nesta pesquisa consiste em: transcrições de vídeos, relatos de experiência, diário de campo da pesquisadora. No primeiro momento, a pesquisadora selecionou três grupos do projeto Colmeia Literária para serem investigados seguindo alguns critérios como públicos e contextos. Esse material possibilitou estabelecer a realidade dos fatos expostos para concretizar a investigação realizada.

O *corpus* de pesquisa constituído por fontes escritas de três gêneros textuais considerados significantes para discutir a realidade contextual em sua complexidade e fundamentar a investigação sobre a articulação teórica/ prática de medidas de leitura na promoção do letramento literário.

Escolhemos efetuar nosso trabalho de pesquisa com esses grupos por percebemos que lidavam com diferentes públicos, conseqüentemente com objetivos específicos e diversos. Não tivemos contato prévio com os discentes que desenvolveram o PCL, assim como não participamos da fase de elaboração do projeto.

Nas observações de acompanhamento dos grupos do PCL tivemos como foco o registro dos momentos em que os discentes faziam as articulações dos conhecimentos teóricos que eles adquiriram na disciplina de “Letramento Literário” como também os impactos do PCL para a formação acadêmica e profissional dos acadêmicos os discentes e para a educação literária dos participantes.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LETRAMENTO

Letramento é uma palavra nova ao nosso vocabulário do meio científico educacional, como enfatiza Soares (2017, p.15) “Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas”, estudos catalogam sendo usada em meados dos anos 80, que vem para distinguir os conceitos de letrado e iletrado e sendo utilizado no lugar do termo “alfabetismo⁵”. O termo Letramento, etimologicamente, segundo Soares⁶ significa que:

A palavra *literacy* vem do latim *litera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser [...] ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. [...] é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2017, p.17-18)

São práticas de atividades humanas sólidas que vão além do que as pessoas fazem do uso destas, dando, portanto, importância ao que é produzido a partir destas práticas sociais. No entanto, para a expressão letramento não existe uma só concepção, havendo assim, uma dimensão plural do termo, pois ocorre em diferentes contextos de atividades dentre eles (casa, escola, trabalho, parque, ruas, praças, igrejas....), tendo em vista as diversas expressões de linguagem e escrita.

O letramento não é unicamente pessoal, mas, é sobretudo, uma prática social: “letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2004, p. 72).

Os indivíduos ao participarem dessas práticas e eventos de letramento pode ser entendido como processo permanente de empoderamento social, no campo da cultura escrita em diferentes âmbitos culturais da nossa sociedade, construindo assim relações de identidade e de poder, como consequência de ter se apropriado da escrita para além da escola. Vamos considerar que as instituições sociais usam a língua escrita de forma

⁵ **Alfabetismo**, conceito utilizado para estabelecer o estado ou condição de pessoas que já foram alfabetizadas, esses que receberam o código (alfabeto), portanto que sabem ler e escrever.

⁶ **Magda Soares**, professora da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), também pesquisadora fazendo parte do grupo de pesquisas CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), faz parte de um conjunto de nomes mais renomados na área de Alfabetização e Letramento.

dessemelhante, em práticas diferentes, no qual poderíamos dizer que a alfabetização é uma prática de letramento, no qual faz parte do conjunto de práticas sociais de uso da escrita, conforme Ferreiro (2005, p. 12):

Prática de letramento é um conjunto de atividade envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às competências necessárias para a sua realização. Exemplo de práticas de letramento: assistir aula, enviar cartas, escrever diários. (FERREIRO, 2005, p. 12)

Como também o evento de letramento ele faz a inclusão de atividades que têm características semelhantes de outras atividades realizadas na vida social, no qual envolve mais de um participante e os enredados têm diferentes saberes, que são mobilizados na medida adequada, no momento que pede sua realização, em prol de interesses e objetivos individuais e de alvos comuns, como corrobora Ferreiro (2005, p. 23):

Evento de letramento é a ocasião em que a fala se organiza ao redor de textos escritos e livros, envolvendo a sua compreensão. Segue as regras de usos da escrita da instituição em que acontece. Está relacionado ao conceito de evento de fala, que é governado por regras e obedece às restrições impostas pela instituição. (FERREIRO, 2005, p. 23)

Letramento não é um comportamento limitado somente a leitura e a escrita realizadas apenas na escola, mas uma ligação de práticas construídas na vida diária em que há promoção de conhecimentos e informações, escritas ou não, de uma determinada cultura que o indivíduo que faz uso deste procedimento, pois o ato da leitura permite ao homem não somente sua inserção, mas também a participação ativa no meio social.

O letramento literário pode ser definido em linhas gerais, como um processo de escolarização da literatura e se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece dentro e fora do ensino básico, para assim formar uma comunidade de leitores e compreendermos que todo processo educativo precisa se organizar para atingir com eficiência seus objetivos traçados. Resultando por letramento a ação de ensinar a ler e a escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Quando falamos em letramento lembramos logo da palavra "letrado", que significa aquela pessoa erudita, conhecedora de língua e de literatura. Mas o termo letramento tem atualmente outra conotação, que não se limita a essa definição. O termo foi introduzido primeiramente por Mary Kato em 1986 para atribuir um nome a um novo fenômeno começado a ser discutido no Campo das Ciências Linguísticas com o objetivo de delimitar o impacto social da escrita nos estudos sobre alfabetização.

Segundo Kleiman (1995) *apud* Souza (2011, p. 23), pode-se definir letramento como um conjunto de práticas sociais em que a escrita é utilizada, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

Logo, pode-se afirmar que nem todos os adultos alfabetizados são letrados, isso porque o processo de alfabetização é algo contínuo que não se esgota. No entanto, os programas de alfabetização focam a ação de ensinar a aprender a ler e a escrever, sem que os alfabetizando incorporem as práticas de leitura no dia a dia e sem adquirirem competências para usar essas habilidades nas diversas situações exigidas: ler livros, jornais, revistas, escrever bilhetes, cartas, ofícios, declarações, preencher formulários, encontrar informações em bulas de remédio, em listas telefônicas, em contas de água, de luz e de telefone. Por outro lado, pode uma pessoa adulta ser analfabeta, mas ser letrada. Isso porque mesmo sem saber ler e escrever ela conhece as funções da leitura e da escrita na sociedade. Verifica-se isso quando analfabetos pegam ônibus corretamente, interpretam manuais de instrução de acordo com as figuras representadas, vendem produtos, compram, passam troco dão medicamentos corretamente a pessoas enfermas, manuseiam aparelhos celulares e até conseguem identificar números de outros aparelhos celulares no ato das chamadas.

Pode-se afirmar que um idoso que não frequentou a escola é letrado, ou possui um certo grau de letramento, isso porque convivendo em contexto de prática social da escrita esse pode ver pessoas lendo, ouvir histórias, manusear livros, jornais, revistas e muitas vezes se observarmos é comum também vermos crianças simularem que estão lendo ou que representam as letras impressas no papel ou escrevendo, mesmo sem serem alfabetizadas. Logo, tem se tornado necessário não apenas saber ler e escrever é preciso saber fazer uso dessas competências para as exigências impostas pela sociedade no dia a dia.

No entanto, cabe à escola proporcionar situações em que o processo de alfabetização seja ampliado continuamente, e com acesso a livros, revistas, biblioteca, internet etc. Para que venhamos a ter pessoas alfabetizadas e também letradas, como afirma Soares (2017, p.117) [...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.

Assim, a relação ensino-aprendizagem a partir de uma perspectiva de letramento busca as questões culturais, as diversas situações comunicativas e a necessidade de interação entre o conhecimento que a pessoa já adquiriu com suas experiências de mundo e o conhecimento que já adquiriu na escola e a partir disso, aprende-se a ler o mundo.

A prática de letramento expressão usada por Street utilizou a expressão “Literacy practices” como um meio de focalizar as práticas sociais e concepções do ler e escrever. (Street, 2014, p. 29). O autor define o letramento segundo duas perspectivas: autônomo e ideológico, sendo que o primeiro se refere, basicamente, às habilidades individuais do sujeito, e o último às práticas sociais que envolvem leitura e escrita em geral. No modelo autônomo, estão incluídas as atividades de processamento da leitura, tanto as que ocorrem de forma consciente como as inconscientes na construção de sentido do texto.

O pesquisador Street sugere que o letramento, na concepção autonomista de modelo autônomo, destinado às pessoas pobres, analfabetas, residentes em aldeias, ou jovens urbanos, promoveria desenvolvimento destas habilidades cognitivas, essas que são necessárias para que o indivíduo funcione e sendo assim sobreviva na sociedade acomodando-as às condições vigentes impostas pela sociedade e a possibilidade de elevação econômica e social, tornando melhores cidadãos.

Segundo o autor este modelo (autônomo) disfarçaria as suposições culturais e ideológicas, fazendo com que o letramento se apresente como algo neutro e universal capaz de promover estes benefícios.

O modelo autônomo impõe relações de alfabetização/letramento de uma para outras culturas, sendo possibilitado dentro de um país, ou ainda de uma classe ou grupo cultural sobre outros concebendo como autônoma uma obra completa em si mesma, que não está preso ao contexto da produção do material em que será interpretado pelo leitor. Para se contrapor a esta visão, o autor sugere o modelo ideológico que oferece uma visão culturalmente mais sensível e abrangente das práticas de alfabetização/letramento, contemplando a variação nos elementos culturais juntamente com as estruturas sociais de poder que prevalece, assim a correlação que existe entre o desenvolvimento cognitivo e aquisição da escrita que está sendo entendida no contexto social..

Esse modelo propõe não apenas a aquisição neutra de habilidades técnicas, mas uma prática social que sempre está implícita nos princípios epistemológicos socialmente construídos. Os modos pelos quais as pessoas destinam a leitura e a escrita são arraigados a concepções de conhecimento, identidade e modos de ser e estar tornando-se assim revolucionário.

A leitura e a escrita estão sempre inclusas em práticas sociais, em um mercado de trabalho específico ou em um contexto educacional particular e efeitos de aprender serão dependentes destes contextos que influenciam na construção de sentidos. Alfabetização/letramento, neste sentido, sempre é competitiva e seus significados e suas

práticas, conseqüentemente são versões particulares e, portanto, sempre "ideológicas". As práticas de letramento, para Street (2014, p.29), "são os episódios observáveis que se formam e se constituem pelas práticas sociais, nesses eventos, o texto escrito passa a fazer parte da interação do sujeito com o contexto comunicativo".

Os indivíduos podem ou não se sentir inseridos em práticas de letramento, dependerá de suas experiências anteriores, por isso torna-se fundamental a imersão dos sujeitos em contextos específicos de uso da linguagem. Isso quer dizer que uma pessoa cumpre diferentes funções na sociedade e, em cada uma, tem determinados usos da linguagem, constituindo-se nos seus letramentos múltiplos: numa determinada situação de interação comunicativa, pode estar desempenhando vários papéis na sociedade em que está inserido.

Destaca-se que os modos de ler e de escrever variam "segundo diferentes instituições, considerando-se a tendência à contextualização das atividades, estratégias, saberes, segundo a situação específica, num tempo e espaços concretos". Isso significa que, mesmo dominando a escrita, o sujeito pode deparar-se com situações em que é incapaz de compreender ou de produzir um texto. Por isso, se afirma que as práticas de uso da escrita são consideradas "práticas situadas (KLEIMAN, 2005, p. 29).

Além disso, interessam as práticas não-escolares de letramento, pois os sujeitos estão constantemente expostos a diversas situações de uso da leitura e da escrita na sua interação social, em que precisam usar textos de gêneros variados e entender os textos que circulam socialmente, nos contextos em que convivem tornando assim a leitura literária algo bem além dos muros da escola como é proposto pelo Projeto Colmeia Literária, fazer a promoção do letramento literário em variados locais socioculturais na cidade de Araguaína-TO.

O professor, como "agente de letramento", é um promotor de recursos e de redes comunicativas, para que os alunos participem das práticas de uso da escrita situadas nas diversas instituições (KLEIMAN, 2006, p. 82-83). Ao se considerar a prática social como um dos elementos estruturadores do trabalho escolar, o ensino da leitura e da produção textual pode ser ampliado com vistas a incluir as leituras da paisagem urbana, com passeios por diversos "universos de letramento", para o aluno experimentar as diferentes formas de agir, pensar vivenciando as práticas sociais, se apropriando do letramento literário e assumindo o papel de agente de letramento.

Destacam-se os usos da leitura e da escrita voltados para a formação profissional, em que professores em formação, num curso de licenciatura, buscam alternativas de

elaboração didática para realizar com seus alunos na relação ensino e aprendizagem. Essas práticas exigem segurança e autonomia por parte dos professores, o que pode ser adquirido em situações reais, para a construção de letramentos específicos do contexto situado.

Segue abaixo na figura 4, no qual podemos observar o grupo “Flor de Ipê” em ação em um de seus encontros, em que faziam uso da mediação de leitura e contação de histórias para despertar e fortalecer o gosto pela leitura fora das unidades escolares da cidade, fortalecendo assim a importância da leitura literária no cotidiano das pessoas.

Figura 4: Ler para pode crescer



Fonte: Arquivo da pesquisa

É importante mencionar que os cursos de licenciatura são voltados para a formação de profissionais que irão atuar como agentes de letramento na esfera escolar, sendo que ficarão expostos, tanto no curso de formação, como na atuação profissional, ao uso de textos para realizar novas práticas sociais, que exigem o conhecimento de valores, identidades, relações de poder e discursos nelas inseridos.

Em vista disso, iniciativas vêm sendo colocadas em prática, a fim de minimizar problemas nas transformações pelas quais passam os professores em formação. Exemplo disso, podemos destacar ação de letramento promovida pelo PCL.

Nesse contexto, o PCL oportuniza aos participantes dos Círculos de Leitura, o acesso à leitura literária e a experiência com práticas de letramento diferenciadas que podem ser realizadas dentro e fora da escola, modificando a liturgia do ensino estruturalista de literatura. proporcionando uma ampla aprendizagem de formas e práticas de letramento que

podem ser utilizadas fora das salas de aulas, fazendo assim a desmistificação de que apenas se faz uso da leitura literária e de letramento literário dentro da unidade escolar.

2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO

O letramento literário contemporiza de outras formas de letramento porque a literatura preenche um espaço singular em correlação com à linguagem. Segundo Cosson (2009, p. 17), ela é capaz de tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas.

A literatura foi mencionada no momento em que entraram em cena novos leitores, novos gêneros, novos escritores e novas formas de ler aqueles que constroem materiais para uma identidade nacional/internacional proporcionado uma gama de produção de sentidos como ato individual e até arbitrário, contribuindo assim na formação cidadã do indivíduo.

Letramento Literário é o período em que o mediador e leitor se apropriam, tomam para sua vida cotidiana a leitura, ou seja, “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO e COSSON , 2009, p. 67), em que pode ser individual ou intercâmbio social, essa construção de sentido pode vir a acarretar aos sentidos literários enquanto experiências de mundo, pois é uma combinação que não há fronteiras para essas duas, elas faz-nos sentir libertos, humanos e nos possibilita estar em todo e qualquer lugar.

De acordo com Magda Soares (2017, p.15), a palavra letramento, assim como o seu conceito, “é algo recente no Brasil”. Foi introduzido na linguagem da Educação e das Ciências linguísticas há pouco mais de três décadas. Seu surgimento se deu pela necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional (que se preocupa somente em ensinar a decifrar códigos, a ler e escrever) – a criança ou o adulto.

Estritamente o “letramento literário” é um dos usos sociais da língua escrita, porém tem um relacionamento diferente com a escrita/leitura, já que “a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas [possíveis]. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada” (COSSON, 2009, p. 17), desta forma proporciona, a partir

dos textos literários, um modo privilegiado de inserção no mundo da leitura e da escrita por meio de uma metalinguagem. É com vista na relação singular do “letramento literário” com a linguagem, que, ou seja, são as experiências que dão sentido ao mundo por meio do texto e ao texto por meio do mundo, assim aprendizados e experiências recíprocas, em uma relação lógica de sentidos, que buscamos com as experiências do AL no PCL.

Assim, parte-se aqui da conceituação de literatura como espaço de imaginação e liberdade, através de uma linguagem rica em significados, que estimula o diálogo com o texto escrito e seu autor. Harmoniza-se, nesse sentido, com LAJOLO (2005), para quem:

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca. (LAJOLO, 2005, p. 44-45)

É dessa literatura, cujos mundos se agrupam ao leitor como existência, que abordamos nesta investigação acerca do desenvolvimento do PCL. A literatura que impregna o leitor, tornando texto e leitor elementos semelhantes. No que diz respeito ao processo de apropriação da literatura por meio do “letramento literário”, Silva e Silveira (2013) nos indicam que:

O letramento literário seria visto, (...) como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler o texto em verso e prosa, mas dele se apropriar efetivamente por meio da experiência estética; saindo da condição de mero espectador para a de leitor literário (SILVA; SILVEIRA, 2013, p. 96).

Silva e Silveira (2013, p.96) mencionam o letramento literário como um tipo de letramento em que a literatura é um cenário amplo. Paulino (1998, p. 16) define o letramento literário “como outros tipos de letramento, contendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se diminuem à escola, embora passem por ela”. Esse tipo de letramento, de um modo geral, acaba abarcando somente o fenômeno da leitura. As habilidades de escrita literária não costumam ser cobradas dos indivíduos, uma vez que são concebidas como escolhas individuais, segundo afirma Pinheiro (2006, p.28). Paulino (1998) destaca que:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade,

intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 1998, p. 56)

Na perspectiva do letramento literário, o foco não deve estar somente na aquisição das habilidades de ler gêneros literários, mas também no aprendizado da compreensão e ressignificação dos textos, através da motivação de professor e do estudante (SILVA; SILVEIRA, 2011, p.96). Compreende-se, pois a leitura como espaço de interação, como “prática social” e será a leitura tanto mais proveitosa quanto maior for a quantidade de provocações e desafios que ela dirigir ao leitor, este compreendido como sujeito ativo no ato de ler.

Falam-se bastante em “formação de leitores”, no qual elogiam a literatura e a leitura, mas infelizmente, são poucas essas pessoas que realmente são leitoras. Alguns pais, professores e outros até chegam a recomendar a leitura de forma superficial, mas em sua realidade não são leitores e como também pouco se interessam por/pela literatura, seus argumentos para incentivar a leitura a outra pessoa são vagos. Muitas vezes, estão bem-intencionadas querendo passar para o outro algo que irá somar em sua vida, mas que não adquiriu nem para sua vida, no entanto, costumam descrever a literatura de forma hiperbólica e bastante idealizada.

Leitores literários muitas vezes colocam a leitura/literatura como algo mágico, com um prazer extraordinário, fazendo referências a grandes viagens e com sensações de prazer, pela falta de habilidade de leitura muitas pessoas dão opiniões genéricas sobre o sentido de leitura, no qual são experiências que nos exige um grande esforço e explica que o chamado prazer da leitura é uma construção que necessita de capacitação, leitura e acumulação de obras e textos lidos, com isso não tem contribuído para a formação de novos leitores e muitas vezes desestimula os leitores que já caminham dentro desta formação.

Consideramos que o gosto pela leitura se constrói por meio de um longo processo, no qual os sujeitos encontram nela uma possibilidade de diálogo com o mundo, esperamos que os AL seja autor fundamental na mediação, num sentido de um contato cada vez maior e mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida. Para tanto, é necessário que o agente de letramento se veja como um sujeito-leitor, que se sinta desafiado diante do objeto (livro) de leitura e suas diversas formas de linguagem, é pensando também neste vínculo que o PCL é investigado.

O letramento literário, que tem como objetivo principal formar leitores críticos, capazes de compreender parte do mundo da literatura, que os cercam, nos mostrando que não

basta somente ler fragmentos de textos, resumos de obras, é preciso inserir o estudante em um mundo literário.

Portanto, o letramento literário segundo Cosson (2014, p. 54-64) consiste em uma Sequência Básica e uma Sequência Expandida que podem ser realizadas também em círculos de leitura, para melhor organização e discussões das obras literária que irão ser realizadas, objetivando um ponto de partida para a leitura seja ela coletiva ou individual que contam com as seguintes procedimentos:

- 1º Motivação: “a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto”.
- 2º Introdução: “a apresentação do autor e da obra”
- 3º Leitura: é o momento de “acompanhamento da leitura”.
- 4º Interpretação: “parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção de sentidos do texto dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”.

A Sequência Expandida surgiu para atender a demanda dos professores de ensino médio, expandindo alguns passos, e pretende deixar mais evidente as articulações entre experiência, saber e educação literária. A *motivação*, a *introdução* e a *leitura* continuam como passos na Sequência Básica. A *interpretação*, que antes era dividida em interior e exterior e fazia parte de um único passo, nessa sequência, passa a ser dividida em primeira e segunda interpretações.

A *primeira interpretação* compreende a apreensão global da obra em que oportuniza o aluno a realizar uma interpretação sobre as “impressão geral do título” (Cosson, 2014, p. 83) sendo utilizado o momento para classificar os impactos que o texto ocasionou no leitor que se debruçou sobre a obra, estabelecendo diálogos para essa primeira interpretação envolvendo o todo da obra, uma análise semiótica.

A *segunda interpretação* tem por objetivo a leitura aprofundada de uma das temáticas evidenciadas no texto, fazendo assim a articulação do estudo do contexto da obra e a leitura, proporcionando maior autonomia na leitura da obra, pois resultará num exercício de compartilhamento entre professor-aluno, aluno-professor.

A *expansão* surge como outro passo a ser seguido e busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam. A expansão pode também ser vista como um diálogo que o leitor constrói entre duas ou mais obras. O autor destaca, que a Sequência Básica está naturalmente inserida na Sequência Expandida, e

cabe aos professores definir até onde quer e pode ir com seus alunos. De acordo com Cosson (2014), as sequências são propostas de como trabalhar o letramento literário em sala de aula, e não uma fórmula imutável e perfeita. Ao aplicar, cada professor poderá encontrar novos caminhos para um letramento literário adequado a seus alunos e à sua escola ou o seu espaço de atuação.

A partir dessa exposição, faremos a articulação da Sequência Básica (COSSON, 2014) com as atividades realizadas pelo PCL, nas quais são investigadas as articulações dos saberes teóricos e práticos para a promoção do letramento literário por meio do trabalho de agentes de letramento nos contextos apresentados no capítulo 1 desta monografia.

Segundo Kleiman (2006, p. 08), agente de letramento consiste em “um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições”, que envolvem não somente o que as pessoas fazem, mas o que elas fazem a partir do que sabem e o que pensam sobre o que fazem tornando-se assim práticas sociais, atividades passíveis de reflexão e ideologias.

É com relação ao papel do letramento e de agentes de letramento que estudo o PCL, com vista podermos perceber as formas e métodos utilizados por eles na promoção do letramento literário com agentes de letramento. Portanto fazendo-se uso do letramento literário e estratégias de leitura para mediação de leitura, empregou-se também nos encontros a contação de histórias, tendo como objetivo o incentivo à leitura e a formação dos acadêmicos.

2.3 ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: O PODER DA ORALIDADE

De acordo com Mellon (2006, p.1), contar histórias “é acender uma fogueira em seu coração para que a sabedoria e a imaginação possam transformar sua vida”. É uma arte milenar, mas que infelizmente veio a sua desestabilidade devido ao aparelhamento tecnológico do mundo moderno que vez mais está ganhando espaço em nosso cotidiano. As informações estão nas palmas das mãos inferindo e ampliando os campos de aprendizado e os conhecimentos adquiridos no momento, com isso os livros estão sendo abandonados nas prateleiras, as histórias estão sendo desabrigadas do cotidiano dos indivíduos, portanto toda essa revolução tecnológica traz desafios avassaladores para nós educadores que insistimos em

compartilhar o gosto pela leitura de literatura. Ao discorrer sobre o assunto, Abramovich (1997, p. 17) enfatiza que:

É ouvindo história que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor a insegurança, a tranquilidade e tantos outros mais, e viver, profundamente tudo que as narrativas provocam em que as ouvem com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz. (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário”. Entretanto a fantasia e a magia de uma história encantam e despertam as imaginações da criança e, com isso, criam condições favoráveis para o desenvolvimento duma mente criativa e inventiva. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

É com a intenção e objetivo de mediar para o público o encontro do mundo dos sonhos e da fantasia, que o contador e mediador de leitura tem o papel de repassa a beleza, o prazer, a magia e a aprendizagem. Envolvendo todos esses mecanismos aguçados para desenvolver o gosto e apreço pela leitura pelos ouvintes e mediadores, proporcionado tanto dentro como fora da escola.

Em meados do século XVII para o XVIII, as crianças não eram reconhecidas como crianças, mas sim, como pequenos adultos. Elas carregavam responsabilidades de afazeres e cuidados equivalentes ao de uma pessoa adulta, tornando assim, as suas vidas exaustivas e sem diversões simples ou formas de lazer.

Somente com um grande progresso da classe média e reformulação das famílias, que as crianças tornaram a ser reconhecidas como sujeitos da sociedade com suas peculiaridades diferenciando-se dos adultos. Então, na primeira metade do século XVIII foram publicadas as primeiras obras infantis, mostrando a importância no âmbito escolar e a necessidade de uma transformação no intelecto e na mente da sociedade. Como menciona Nascimento (2019, p. 55):

Apenas com a ascensão da burguesia e reestruturação familiar, a criança começou a ser reconhecida como indivíduo diferente do adulto, com atribuições diferentes. No século XVIII, a literatura infantil mostrou-se importante no âmbito escolar e na necessidade de uma mudança na mentalidade sociocognitiva que a criança possui. A escola foi um dos princípios agentes para que a mudança na literatura ocorresse. (NASCIMENTO,2019, p.55).

Contar histórias é uma arte, porque deve ser realizada de forma consciente com finalidades práticas, no entanto não basta apenas ler ou decodificar as palavras ou simplesmente reproduzir algum fato acontecido ou imaginário que vem na memória, necessita-se de preparação, planejamento de uma sequência a ser seguida para o envolvimento do ambiente que irá contextualizar a narrativa. Na sala de aula, existe uma acentuada

preocupação, por parte dos docentes, com a aprendizagem da leitura e da escrita, e em ensinar as crianças a decodificar as palavras. Na maioria das vezes, esse ensino fica restrito ao quadro e ao papel deixando de lado as habilidades auditivas, a prática do ouvir e de produzir textos orais. Conforme Hunter (2004):

Há quatro maneiras essenciais de nos comunicarmos com os outros – ler, escrever, falar e ouvir. As estatísticas mostrando que na comunicação uma pessoa gasta em média 65% do tempo ouvindo, 20% falando, 9% lendo e 6% escrevendo. No entanto, nossas escolas ensinam bastante bem a ler e escrever, e talvez até oferecem uma ou duas línguas eletivas, mas não fazem nenhum esforço para ensinar a prática de ouvir. E esta é a habilidade que as crianças precisarão usar mais. (HUNTER 2004, p. 85)

A contação de história é uma ferramenta de apropriação do texto literário bastante eficaz, pois permite que o locutor e o interlocutor estabeleçam uma interação efetiva, duradoura e contextualizada durante a experiência de leitura. Nesse aspecto, as habilidades de falar e ouvir são extremamente valorizadas, pois nessa as práticas de letramentos são focalizar os exercícios linguísticos de contar e recontar narrativas. Na figura 5, temos o registro de um momento de contação de história em um dos encontros do grupo Flor de Lótus:

Figura 5: Era uma vez...



Fonte: Arquivo da pesquisa

É de suma importância para crianças, jovens, adultos e idosos ouvir uma boa história, é importante para nossa formação como sujeitos da sociedade, ouvi-las é o início ou a continuação de uma aprendizagem para sermos leitores, com isso, fazemos grandes descobertas para compreendermos o mundo em que vivemos como bem menciona Abramovich (1997, p.16), “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias ... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor [...]”.

Motivado pela importância da mediação e contação de histórias, o PCL organizou suas ações considerando a preocupação com a formação teórica e prática dos acadêmicos. O PCL teve como um dos pontos positivos seu efeito de rapidez, pois foi possível perceber a empolgação dos agentes de leitura e dos jovens leitores. Dessa forma, o objetivo de criar uma rede de leitores em diferentes espaços públicos que pudesse propiciar ao cidadão comum, o contato com obras literárias e a troca de experiências de leitura com jovens mediadores, agentes de letramento, foi alcançado.

O PCL foi o único projeto de extensão da UFT que realizou a mediação de leitura em lugares públicos de grande circulação de pessoas (praças, passeios públicos, instituições filantrópicas, instituições de ensino e igreja) e promoveu o prazer pela leitura literária para acadêmicos do Curso de Letras, crianças (dentro e fora do ambiente escolar), adultos e idosos.

A literatura oral é um dos diversos mecanismos para o ensino de leitura, pois consta como uma primeira ação da ficção que é compartilhada de boca em boca por grupos de pessoas. As histórias contadas concedem a plateia a atenção e reflexão, e, portanto, o seu senso crítico, imaginação, criatividade o interesse e a vontade de compartilhar os seus valores morais. São eventos que fazem uso do real e do fictício por meio de palavras, sons e imagens.

As narrativas orais foram transmitidas em todas as culturas em diferentes recantos do mundo, com objetivo de divertir, educar, sustentar e resguardar tais culturas passadas de geração a geração, possibilitando, assim a construção da história do homem.

O contador de histórias é o guardião do conhecimento mais profundo de um determinado grupo social, é o que revela a arte educadora. As histórias são constituídas para movimentar nossas vidas nosso dia a dia de ações muitas das vezes mecânicas. Contar histórias, como mencionamos, é uma arte milenar de interação humana que é usada através da linguagem também com o objetivo de transmitir e aflorar a imaginação, a fantasia, o conhecimento, mas também para aproveitar e trazer os valores morais, a disciplina e a essência do ato de contar histórias e estimular o gosto pela leitura. Para Coelho (1997), a contação de história estimula a socialização, prende a atenção dos ouvintes e também educa.

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (COELHO, 1997, p. 12 *apud* [SILVA, 2011, p.10]).

O pensamento de “Agradar a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida” foi o que impulsionou o grupo Flor de Murici a promover a educação literária através da contação de histórias para os idosos. A figura 6 apresenta uma cena desses momentos de interação durante a realização do PCL.

Figura 6: Um dedo de prosa



Fonte: Arquivo da pesquisa

Contação de histórias é a mais antiga forma de se passar conteúdo através de gerações, ela representa também como olhamos diversos fatos e opiniões dos quais somos influenciados pelas histórias e pelas formas como as interpretamos. Uma boa história é autêntica, criativa, faz uma conexão emocional e pessoal, inspira a ação e leva o público a uma jornada de mudanças e transformações. A visão de mundo que temos é a coleção de histórias que armazenamos sobre os fatos que acreditamos, logo, uma boa história é fundamental para criar uma sensação de “nós”.

Histórias compartilhadas valores compartilhados, visões de mundo compartilhados. A ideia de pertencer a um grupo específico, ter uma história é necessária para a concepção de um “nós”. Proporcionando o contato com a leitura e o incentivo pelos livros, as pessoas adquirem e fazem uso das práticas de letramento. Dessa forma, esses leitores ávidos

desenvolvem maior capacidade de criticidade e reconhecem que a leitura literária contribui para a ampliação de suas visões de mundo.

Não podemos deixar de mencionar que contar histórias não é uma atividade de leitura para crianças, mas também para os adultos e os idosos, pois não existem restrições de idade. Todos, sem exceções, não resistem a uma boa história, chegam a perder a noção do tempo contando causos, narram histórias verdadeiras ou fictícias, de fatos ocorridos com o próprio narrador ou com outras pessoas, seja em rodas de conversa, sentados na frente de casa ou em círculos de leitura, o homem sente a necessidade de partilhar com os seus pares os eventos factuais ou fantasiosos experienciados. De acordo com Abramovich (1997, p. 24), “Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, sedução [...]”.

Na mediação de leitura, o mediador leva embora sua alma, mas os livros permanecerão fisicamente ou não, se não tiver como levá-los, os participantes os guardarão na memória de quem ouviu e viu a história contada/mediada naquele momento, e conhecerão ou saberão que aquele objeto que te fez sair do seu mundinho, chamado “livro”, é carregado de valiosas narrativas que podem e provocam variadas e diversificadas reações no seu interior, te darão mais sentido às suas vidas.

2.4 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Cabe ao leitor ter a iniciativa de realizar cruzamentos entre os textos existentes ao seu redor. No entanto, quanto mais prematuro for esse leitor, mais necessária será a presença de um outro “personagem” para facilitar o processo de leitura, esse agente de letramento é denominado de “mediador de leitura”.

A tarefa do mediador de leitura é fundamental para que o primeiro contato entre texto e o leitor ocorra de maneira positiva, enredada e verdadeira, que ele possa afetosamente convidar as pessoas à leitura compartilhada e dialogada. Defendemos assim, que esse “personagem” é essencial para a formação do leitor iniciante, pois ele tem a missão de apresentar as obras, propor leituras de maneira prazerosa que estimule e incentive a sua prática permanente.

A leitura contribui para o crescimento e desenvolvimento intelectual do indivíduo, capacitando-o a analisar criticamente a vida em sociedade, assim como as informações que lhes chegam por diferentes meios multimidiáticos. Dessa forma, a leitura nos rodeia fazendo

isso de modo particular/individual para que haja ampliação de múltiplas e diversificadas visões de compreensão e interpretação do mundo, relacionando os acontecimentos experienciados com a própria vida. Segundo Silva (2015, p. 2-3):

A leitura depende da valorização positiva do lazer, o ato prazeroso, para que o mesmo não seja uma tortura, mas sim um momento de pura motivação e realização desse indivíduo. A leitura como a mediação feita como ato humanizador pode ser de grande importância para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Desta maneira, se direcionar e demonstrar o tipo de comunicação, circulação e socialização dessa mediação de leitura, o resultado será positivo e com grandes êxitos. (SILVA 2015, p. 2-3).

A família é essencial para nosso crescimento, é ela que nos ensina e nos instrui, inicialmente, para desbravarmos o meio em que estamos, um dos nossos primeiros mediadores de aprendizagem são os nossos familiares mais próximos, são aqueles que nos ensinam as primeiras palavras, são eles que dão início aos nossos letramentos iniciais. É com eles que muitas das vezes ouvimos nossas primeiras histórias, portanto a família é principal mediadora de leitura de um indivíduo.

É com a parceria entre família e professores que a leitura vai ganhando espaço na vida da criança, quando não se tem o incentivo da família o tempo de inicialização do contato com a leitura literária é prolongado até o momento de inserção na unidade escolar, dificultando ainda mais tanto para o aluno quanto para o professor, que assume sozinho o papel de mediador.

Mediação de leitura é, como o próprio nome diz, mediar o contato entre o livro e o leitor, é por meio de ações artísticas, leituras dramáticas, indicações de textos aproximando o leitor da leitura, despertando o seu gosto e prazer pelo ato de ler. Quem realiza essa atividade é o mediador de leitura. A mediação de leitura desenvolve formas para aproximar o leitor do texto literário, mas para que a mediação ocorra é essencial que as experiências leitoras do agente sejam levadas em consideração.

Com a aquisição da leitura descobrimos e aprendemos fatos que nos transformam possibilitando uma interação recíproca com o mundo, a leitura não deve ser delimitada, não deve ter telhados como casas, pois pode chegar a interferir em seu crescimento, ela deve ser libertaria, temos que ser livres para escolhermos nossas leituras e, principalmente, acima de tudo o ato de ler deve ser algo prazeroso.

Para muitos de nós a apreensão das narrativas orais acontece por meio de diálogos, prosas, conselhos, conversas com nossos avôs ou pessoas mais velhas que nos rodeiam. Eles foram os nossos “professores da alfabetização”, os primeiros influenciadores, muitas vezes

analfabetos, mas que nos alfabetizaram com textos literários formando a nossa fortuna literária.

Segundo Cosson (2014, p.112), “contar histórias é uma estratégia pedagógica que usualmente entra na escola como parte da preparação das crianças, para a leitura”, é uma ação literária que resiste com o passar do tempo e que a cada novo período é revitalizada, renovada mesmo com a evolução da tecnologia, ela nunca se perdeu mesmo sendo realizada em pequena frequência.

O contador de histórias pode ser também considerado um mediador de leitura, pois é um leitor experiente capaz de possibilitar ao outro uma vastidão de saberes, seja através de livros ou histórias orais ou escritas, são funções que tem como objetivo adentrar ao universo da literatura de uma forma faceira, envolvente, capciosa e o primordial, prazerosa.

A literatura é considerada por Candido (1988, p.176) como:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, Lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1988, p.176)

A literatura está em tudo ao nosso redor nos representa humanamente, “ela é a memória de um povo”(MAGALHÃES,1836), Candido (1988, p.176) complementa “aparece claramente como manifestação, universal de todos os homens em todos os tempos”, com isso podemos afirmar que não vivemos sem estar em contado com ela.

Nossas leituras são iniciadas frequentemente na infância, quando lemos, inventamos e imaginamos um mundo um lugar perfeito, não paramos para refletir sobre quão é importante a leitura e a escrita em nossas vidas, que a partir delas podemos conhecer e criar novos horizontes, sempre somos inseridos mesmo que inconscientemente ao meio letrado, seja, ele visual ou escrito através de uma leitura de mundo particular. Como Paulo Freire afirma (1989, p. 8), “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz”, muitos tiveram como raiz de formação educacional sistematizada o quintal de nossos lugares favoritos que influenciaram para uma educação e formação de qualidade. Sobre a formação do gosto pela leitura, Kuntzer (2019, p. 3) ressalta que

O hábito e o gosto pela leitura não nascem feitos, precisam ser criados dentro de cada pessoa. E, como todo processo de criação, deve começar na família. Ela é o berço de todo um futuro. Assim como a aquisição da linguagem oral, a leitura deve ser realidade das pessoas. Se não há tempo para a leitura, como muitos dizem, então

que se roube esse tempo, assim como se rouba tempo para assistir televisão. (KUNTZER, 2019, p. 3).

O incentivo à leitura e a escrita deve acontecer, inicialmente, nos primeiros anos de vida e serem cultivados e nutridos ao longo dela, é muito importante que as crianças tenham uma boa alfabetização para serem bons leitores, conforme Paulo Freire (1989, p. 5) enfatizando a contação de histórias para sua formação e compreensão do seu amor pela leitura, ressalta que : “No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra”.

Tal como afirma Freire (1989), as mediações de leituras e a contação de histórias são extremamente importantes para nossa formação leitora, pois a literatura nos possibilita a compreensão do meio em que vivemos. E é por meio da leitura e da escrita que a literatura se sustenta e possibilita as pessoas tornarem-se ativas, críticas e questionadoras dos discursos alheios, de modo a formularem suas próprias ideias e posicionamentos ideológicos. A figura 7 apresenta as mediadoras de leitura e os participantes do grupo Flor de Ipê em um dos encontros realizados no passeio público Via Lago.

Figura 7: Diversificação



Fonte: Arquivo da pesquisa

Todos os seres humanos necessitam de literatura para dar mais sentido as suas vidas, necessitam sair do mundo real e mergulhar em um mundo fictício. Essa viagem permite

que o homem abra os olhos para os acontecimentos da realidade de uma forma envolvente, fazendo-o pensar em possibilidades para solucionar os problemas existentes e criar novos caminhos para reavaliar as atitudes no dia a dia. A literatura possibilita aprendizado e autoconhecimento. De acordo com Zilberman (2009, p. 17):

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

A literatura contribui para a formação de cidadãos, pois instiga as crianças, os jovens, os adultos e os idosos para pensar criticamente e expor suas opiniões, manifestando pontos de vista, fazendo comparações saudáveis entre a leitura e a realidade em que se vive. É através da leitura que o leitor entra em contato com culturas de povos, raças e religiões diferentes, amplia seu vocabulário e o conhecimento que possui sobre a sua própria língua, além de conhecer outros idiomas. Segundo Candido (2008, p. 6), “O processo de humanizar [a partir da literatura] requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo”.

O trabalho com a literatura, conforme Candido (1995), como força humanizadora, possui entre suas funções, a reelaboração do real por meio da ficção e o conhecimento do mundo e do ser por meio da palavra. A literatura, que é uma experiência a ser realizada, permite a humanização do sujeito, pois:

Ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, a literatura possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um "bem incompressível", pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 243)

Quando discutimos sobre leitura e escrita, sempre o ambiente que nos remete é a escola, muitas vezes o ato de ler acontece apenas dentro desse espaço educacional. No entanto, as pessoas não se reconhecem leitores de textos literários nas suas vidas diárias. Dessa forma, a escola se transforma no único espaço, no qual as crianças têm acesso à literatura e onde acontece a interação entre texto e leitores. Quando o ambiente educativo não fomenta a leitura de literatura, raramente a criança será estimulada no seio do lar. De acordo com Cosson (2014): Os chamados “Círculos de Leituras”, felizmente, estão cada vez mais,

ganhando espaço nas universidades, escolas e meio social público, porque os variados textos envolvem de alguma forma carinhosa, acolhedora as pessoas e serve para inclusão e reciprocidade de conhecimento entre o público leitor.

Ao ler os textos literários, mesmo sem perceber, somos transformados, aprendemos tantas coisas, nos sentimos tão inseridos ao meio social que queremos que cada vez mais pessoas possam adquirir e apropriar-se das leituras que realizamos. Os Círculos de Leituras literárias foram criados para possibilitar que um número maior de pessoas tenha a oportunidade de apreciar e compartilhar suas leituras, mostrar o quão é importante a leitura em nossas vidas. Segundo Cosson (2014, p. 138), “Círculo de leitura” consiste em:

Uma comunidade de leitores é definida pelos leitores enquanto indivíduo que, reunidos em um conjunto, interagem entre si e se identificam em seus interesses e objetivos em torno da leitura, assim como por um repertório que permite a esses indivíduos compartilharem objetos, tradições culturais, regras e modos de ler. (COSSON, 2014, p.138).

Ainda, segundo Cosson (2014, p. 138), trata-se de “Uma forma de interação social por meio da qual as práticas de leitura ganham a especificidade e concreticidade dos gestos, espaços e hábitos”. Por isso, a leitura é sempre social porque o leitor precisa fazer parte de um meio social de uma comunidade de leitura para compartilhar e aprender junto ao seu grupo.

Os Círculos de Leitura contribuem para formação de leitores devido a sua ampla inclusão e benefícios em sua aplicabilidade na formação do leitor. Algumas vezes, a leitura na escola é de cunho valorativo, ou seja, é realizada com vistas a cumprir uma tarefa, conforme o cronograma de conteúdos obrigatórios. Os textos literários, para uma grande maioria de alunos, são estudados com o objetivo de conhecer escolas, períodos, autores e obras, ou seja, com pouca ênfase na apropriação do texto ou no prazer pela leitura. De modo geral, atividades ficam restritas a leitura de resumos de romances e a produção de fichas de leitura, provas e trabalhos em grupo. Essas ações curriculares distanciam os leitores, pois a leitura literária, nesses casos, é vista como uma obrigação e, dessa forma, “ler não é legal”. Segue a esse quadro, a falta de livros nas bibliotecas escolares, isso quando a escola possui uma biblioteca, e a prática, não incomum, de uso de resumos “prontos” extraídos de blogs na internet.

É necessário ter consciência sobre a importância do texto literário para que o aluno compreenda o caráter formativo da literatura. Por isso, é necessário que os futuros professores e mediadores de leitura se apropriem do letramento literário para transmitirem o gosto pela leitura para outras pessoas, que tais formadores estejam capacitados teoricamente para exercer suas funções com qualidade e segurança, colocando em prática os seus aprendizados.

É interessante que as pessoas de faixas etárias diferenciadas tenham a oportunidade de participarem de Círculos de Leitura, pois a literatura, como bem incompressível (CANDIDO, 1995), é um patrimônio cultural da sociedade de todos os tempos. Nesse contexto, é fundamental a participação do mediador de leitura (agente de letramento) no direcionamento do trabalho com a leitura. Cabe a ele: selecionar os textos (poesia e prosa), definir estratégias de ensino-aprendizagem, produzir recursos motivacionais, criar e/ou escolher um ambiente adequado às necessidades do grupo, discutir as regras de convivência com os membros do Círculo de Leitura, além de interagir com os participantes e, na qualidade de leitor experiente, compartilhar suas próprias leituras para estimular os outros leitores. Para realizar essa empreitada, esse agente de letramento precisa também ser leitor de obras literárias e ter consciência da importância da literatura para a formação dos indivíduos. De acordo com Cosson (2014, p.179):

Ler não tem contraindicação, porque é o que nos faz humanos. Todas as formas de ler valem a pena. Todas as formas de ler são diálogos entre o passado e o presente. Todas as formas de ler são modos de compartilhar saberes, experiências e concepções da vida e do mundo. Os círculos de leitura são espaços de compartilhamento organizados para que o diálogo em torno de uma obra seja também um lugar onde leitores se reconheçam como membros de uma comunidade” (COSSON, 2014, p. 179).

O mediador de leitura é o facilitador e responsável pela relação entre leitor e texto, planejando e estudando estratégias para que seja realizada de forma consciente e com qualidade a prática efetiva para formação de leitores literários. É importante que ocorra a relação entre teoria e prática para esses agentes de letramento e mediadores de leitura, e principalmente ter uma relação séria com os livros de forma precisa para que de fato tenha o poder e a capacidade de formar leitores, que veem o livro como parte do seu corpo, não como um objeto com data de validade, como ainda acontece nos dias atuais, alguns estudantes só leem de forma superficial somente para tirar nota na prova, e até o dia da prova e nada mais.

Um profissional da educação sem conhecimento, que não conhece os textos que circulam no meio educacional, com certeza não desenvolverá um bom trabalho, apenas terá êxito ao guiar seus alunos no mundo da leitura e conseqüentemente não será um bom mediador. Para isso, é necessário que o mediador esteja respaldado por leituras literárias, teóricas e ações práticas, pois para que haja desenvolvimento e formação de leitores é preciso que tenham conhecimento e sejam realizados esses mecanismos mencionados.

Através dessas discussões sobre o ensino de literatura tematizamos as ações realizadas pelo PCL que contribuem com a formação dos professores de língua e literatura para

conscientizá-los do papel dos educadores na promoção de letramento literário. A figura 8 mostra o grupo Flor de Lótus, quando a mediadora de leitura realiza a contação de história. Trata-se de uma das imagens mais representativas do PCL, pois evidencia a concentração e o interesse das crianças ouvirem a história que estava sendo contada. O posicionamento das crianças (reclinadas) e o direcionamento dos olhares são significativos:

Figura 8: Silêncio!



Fonte: Arquivo da pesquisa

O mediador de leitura literária é a ponte entre o livro e o leitor, assim como também o contador de histórias que exerce papéis importantes no mundo da leitura, pois tem o papel de incentivar o gosto e prazer pela leitura literária, desenvolvendo mecanismos para aproximar o leitor do texto, possibilitando ao outro uma vastidão de saberes e a prática efetiva de formação de leitores literários.

Portanto, por meio de todas essas discussões sobre educação literária iremos observar como foram executados todos os aprendizados adquiridos pelos AL no PCL, no próximo capítulo, no qual pode-se perceber com mais clareza de detalhes as ações, que foram analisadas através do corpus de pesquisa e método de pesquisa mencionado e utilizado neste trabalho.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentaremos neste capítulo, a análise dos dados coletados. Este tem como principal objetivo apresentar as análises e discussões dos dados obtidos por meio de observações registradas em diário de campo pela pesquisadora, relatos dos acadêmicos e transcrições de vídeos coletados, instrumentos aplicados a essa pesquisa, que visam alcançar o objetivo geral.

O PCL como mencionado anteriormente, objetivava propiciar ao cidadão comum o contato com obras literárias e a troca de experiência de leitura com jovens mediadores, agentes de letramento por meio de Círculos de Leitura. De acordo com Rildo Cosson (2014) para que um Círculo Leitura ou Clube de Leitura seja formado é necessário que existam três elementos básicos: Leitores, vários exemplares de livros e um coordenador, que neste caso, denominamos de agente de letramento.

Como o foco deste estudo recai, principalmente, sobre a atuação do agente de letramento na formação e na condução do trabalho desenvolvido nos CL investigados, a análise proposta procurou identificar as etapas, nas quais os próprios acadêmicos refletiam sobre a mobilização dos saberes teóricos- práticos que foram acionados durante a realização do PCL. Por uma questão de sistematização dos dados de pesquisa visando a alcançar o objetivo pretendido com esta investigação, o presente capítulo está organizado em três seções temáticas e/ou categorias de análise: i) Impactos do PCL na formação acadêmica dos agentes de letramento; ii) Contribuições do PCL para a formação de leitores na visão dos participantes; iii) Momento no qual os acadêmicos se enxergam como agentes de letramento.

3.1 IMPACTOS DO PCL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS AGENTES DE LETRAMENTO

Em rodas de discussões universitárias, podemos observar que nós, acadêmicos, sentimos a necessidade de colocarmos em prática os aprendizados adquiridos ao decorrer do Curso de Letras. Absorvemos muitas teorias, mas, infelizmente poucos possuem a oportunidade de verificar quais teorias são alcançadas nos contextos sociais e educacionais nos quais estão inseridos, e também quais dessas tem maior índice de aceitabilidades ou rejeições, proporcionando assim, práticas e experiências contextualizadas antes dos Estágios Supervisionados Curriculares, pois somente durante esse momento os acadêmicos têm esse contato direto com a prática de ensino, no qual sabemos que todas as disciplinas existem a

carga horária de “Práticas como Componente Curricular”, no entanto as disciplinas restringem-se na realização da carga horária teórica, em sala de aula.

O trabalho desenvolvido pelos acadêmicos do PCL de prover o acesso à leitura literária para grupos plurais de pessoas, em ambientes formais de ensino ou não, ganha relevância pela ousadia em promover o contato dos discentes do Curso de Letras com leitores tão distintos (crianças, jovens, adultos e idosos), membros de grupos institucionalizados (escola, igreja, entidade filantrópicas) ou, simplesmente, indivíduos encontrados nas ruas de Araguaína, nos locais nos quais os grupos fixaram um ponto de encontro (Via Lago, Parque Cimba, Praça São Luís Orione).

A figura 8 apresenta uma representante do grupo Flor de Murici em um dos encontros com os idosos. A proposta de trabalhar com os leitores da terceira idade partiu das próprias acadêmicas que desejavam viver uma experiência com um público que exigia estratégias diferenciadas de mediação de leitura. No âmbito da UFT/Araguaína, pouquíssimos universitários tiveram experiência com a prática de letramento literário com idosos, e mesmo assim, tais vivências estiveram restritas ao Estágio Supervisionado Curricular, portanto, não estiveram associados à realização de projetos de extensão.

Figura 9: Em voz alta



Fonte: Arquivo da pesquisa

Os desafios do CL Flor de Murici era selecionar textos dos interesses dos idosos (a sugestão foi trabalhar com gêneros literários, tais como: causos, anedotas e narrativas curtas regionalistas), planejar estratégias de leitura literária que possibilitassem a participação ativa dos leitores e promovessem a interação: leitura oral feita pelas AL (os idosos tinham problemas de visão e de audição), diálogo e compartilhamento de experiências, dando voz aos participantes, ouvindo suas próprias histórias, ou seja, trocando saberes. As adequações metodológicas ocasionadas em função desse público- leitor peculiar geraram impactos que propiciaram reflexões sobre as práticas de leitura desenvolvidas, assim como sobre a formação acadêmica dos futuros professores.

Estamos constantemente absorvendo informações e aprendizados que influenciam nossas vidas propiciando impactos negativos e positivos para o crescimento pessoal e social, mas o que exatamente seriam esses impactos, nos perguntamos. Primeiramente *impacto* segundo o dicionário Aurélio (2010, p. 410) significa: “Impressão causada, em alguém ou algo, por fato, ação etc.” É uma colisão com outros corpos, no nosso caso uma colisão com outros saberes para a promoção do letramento literário por estarmos interligados com comunidades leitoras e partilharmos experiências de leitura com outros indivíduos/corpos para assim desenvolver o gosto e o prazer pela leitura literária como bem menciona Barreto (2004, p.56):

Para aprender a ler e desenvolver o gosto pela leitura, é fundamental estarmos integrados em comunidades de leitores e, dessa maneira, construir sempre novos sentidos e compartilhar significados com nossos pares. Assim, para continuarmos lendo pelo resto da vida, com a mesma emoção e mantendo a mesma curiosidade sobre o mundo dos escritos, é preciso conviver com o outro para quem a relação com a literatura é também intensamente vivida. (BARRETO, 2004, p.56).

Partindo da nossa primeira categorização de análise, para com nosso *corpus* de pesquisa, o início das mudanças acontece assim que o Projeto é proposto, observamos nos relatos dos agentes de letramento, que de início, houve resistência dos acadêmicos da disciplina de Letramento Literário ao ser sugerido a turma a realização do PCL pela coordenadora/orientadora da UFT. O medo de não conseguirem com pensamentos negativos que não daria certo, absorvidos pelos AL foi quase unânime, pois eles temiam que as pessoas na rua não acolhessem a iniciativa do PCL, como o projeto focava suas ações também fora do ambiente escolar os acadêmicos ficaram receosos. O desconforto de sociabilidade e a possibilidade de sair da “zona de conforto” que causou o primeiro impacto a turma de

estudantes, como podemos observar nos relatos dos AL apresentados nos quadros 1 e 2 abaixo:

Quadro 1: O Medo

Fragmento 1:
Confesso que isso me deixou um pouco assustada, o primeiro pensamento que me veio era de que não daria certo, as pessoas que não tem esse hábito, provavelmente acha que isso é uma perda de tempo e não daríamos sua atenção e fiquei com esse receio até o dia que começamos a por essa ideia em prática.
Abelhinha 3/Flor de Lótus/ Relato-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Quadro 2: Inexperiência

Fragmento 2:
Assim é a questão, acho que pessoal, negativo como pela gente mesmo desde a sala de aula quando iniciou o projeto: - Não vai dar certo, - aí a professora investiu nisso. A gente fala assim: é um público que você vai ter, e está estudando para isso, mas no momento a gente não queria. Acho que o ponto negativo eram nos mesmos porque não queríamos participar, não fazer, e que tudo era ruim: - Aí será que vai chover, - vai ser chuvoso hoje, -o sol está muito quente, - Aí será que meu patrão vai me liberar hoje.
Abelhinha 6 / Flor de Murici / Transcrição de vídeo - 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

É de grande valia para nós, futuros docentes, estarmos sempre em constante formação acadêmica, como é exposto nos fragmentos anteriores a uma resistência inicial dos acadêmicos de se envolverem em trabalhos novos, que de um modo geral difere significativamente do ESC, porque ele possibilita que os acadêmicos vejam o ensino do lado de fora da escola tanto que é proposto o projeto anterior ao ESC, veio para auxiliá-los para melhoramento nos futuros trabalhos, à medida que surgiram pela frente, proporcionando-lhes experiências como ressalta Corrêa e Pereira (2013, p.104):

Sabe-se que as atividades extraclasses relacionadas ao ensino superior cumprem um papel importante nessa passagem de estudante a profissional. Alguns estudos indicam que os alunos que se engajam em atividades que vão além da presença em sala de aula, como estágios, monitorias e pesquisas apresentam indicadores positivos de desenvolvimento de carreira. (CORRÊA e PEREIRA, 2013, p.104)

Encontramos também agentes de letramentos que já tinham contato com específico público, como aconteceu com nossa Abelhinha 4 que, usualmente, trabalhava com adultos, mas em outra esfera, de todo modo, fazia mediações de leituras. Seu impacto inicial foi trabalhar com outra faixa etária, as crianças, que requer outra forma de mediação de leitura e que no local em que praticavam as ações tinham status econômicos de baixa e baixíssima renda, inferindo assim o contato ainda mais precário com a leitura.

É por falta de oportunidade ou por falta de motivação de hábito à leituras literárias, que encontramos dentro e fora das instituições discursos que responsabilizam a escola de propiciar a crianças, jovens e adultos o total contato com livros na sala de aula, pois na maioria em casa elas não tem esse contato, infelizmente temos a consciência de que os livros literários ainda são privilégio para um pequena parcela de leitores.

No quadro 3, verificamos por meio de seu relato de experiência a falta de auto eficácia profissional, pois menciona que sempre esteve direcionada a um público específico, no qual aparenta preocupação por sentir-se “despreparada” para assumir um compromisso com um público diferente, no entanto é muito importante para o profissional poder qualificar-se com diversificados públicos, principalmente nós como formadores, assim justifica Savickas, 2005 apud Corrêa e Pereira 2013, p.105, “Essa disposição para ser curioso e experimentar oportuniza a descoberta de novas possibilidades e o desenvolvimento de novas competências, sendo um importante recurso no processo de construção da carreira.”

Quadro 3: Enquadramento

Fragmento 3:
Confesso que estava um pouco preocupado, porque é uma experiência nova pra mim, eu sempre lido mais com adultos em uma outra esfera de atuação, mas agora era uma nova experiencia e apesar de me sentir um pouco quadrado as coisas foram fluindo.
Abelhinha 4/ Flor de Lótus/ Relato-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Podemos observar a necessidade de sairmos da “zona de conforto” e conhecermos outros contextos, para criarmos novas possibilidades e experiências para auxiliarmos as pessoas a reconhecerem a leitura como parte essencial para suas vidas. O medo de rejeições das pessoas ou mesmo a falta de força de vontade foram elementos condicionantes para impedir a participação dos acadêmicos na ação de extensão proposta pelo PCL. Contudo, o estímulo dado superou o pensamento negativo e o PCL aconteceu. A mudança é sempre desafiadora e nos possibilita pensarmos diferentes, tal como elucida Hunter (2004):

A mudança nos desinstala, nos tira da nossa zona de conforto e nos força a fazer as coisas de modo diferente, o que é difícil. Quando nossos ideais são desafiados, somos forçados a repensar nossa posição, e isso é sempre desconfortável. É por isso que, em vez de refletir sobre seus comportamentos e enfrentar a árdua tarefa de mudar seus paradigmas, muitos se contentam em permanecer para sempre paralisados em seus pequenos trilhos. (HUNTER,2004, p.47)

Outro impacto que influencia diretamente na execução do PCL foi a falta de recursos financeiros para a execução da ação de extensão, principalmente, para aquisição de acervo literário (livros de literatura infantojuvenil) e materiais didáticos. O quadro 4 apresenta da Abelhinha 5 que menciona a dificuldade em manter as atividades do PCL devido à inexistência de financiamento institucional.

Quadro 4: Patrocínio

Fragmento 4:
O lado ruim é, na minha opinião, foi que, faltou um pouco de verba para investir no projeto, como por exemplo comprar mais livros, fantoches para contar as histórias de outras formas. Falo isso porque sentimos na pele, tínhamos que nos virar com o que a gente tinha mesmo.
Abelhinha 5/ Flor de Ipê/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Presenciamos momentos nos quais os agentes de letramento confessavam que a maior dificuldade era não poder comprar material didático para tornar os encontros mais dinâmicos e atrativos, com livros de diversos gêneros literários e até lanchinho para as crianças, principalmente, para os grupos Flor de Lótus e Flor de Murici que trabalharam com leitores que apresentaram situação de vulnerabilidade social. Os acadêmicos desejavam presentear os participantes com obras literárias, pois muitos não tinham condições de adquirir livros e o único acesso era a escola ou os momentos vivenciados nos encontros do PCL. Poucas crianças têm o privilégio de ter seus próprios livros e poder folheá-los com os familiares em casa, infelizmente, em muitos casos, não raro, os pais não sabem ler e não há incentivo à leitura.

Quando a abelhinha 5 menciona, “Falo isso porque sentimos na pele, tínhamos que nos virar com o que a gente tinha mesmo”, esse discurso remete a falta de incentivo e de investimento, no âmbito da UFT, para a extensão universitária. Mendes e Souza (2016, p. 52) relembra-se que para existir êxito no ensino de leitura faz-se necessário combater “a falta de matérias e ambientes adequados; a falta de estímulo à leitura e à produção textual dos alunos por meio de projetos; a falta de bibliotecas de qualidade.” Para cada pessoa existe um livro, devemos promover esse encontro de leitores e livros.

Para isso, reporta-se a Azevedo e Oliveira (2015):

Como dito, a leitura é, foi e sempre será uma parte fundamental para a vida em sociedade. Ler é muito mais do que decifrar códigos ou reconhecer as letras e formar palavras, ler é dar sentido às palavras e aplicar o que se lê a própria vida, para que

assim, seja possível agregar conhecimentos. Para cada finalidade na vida existe um tipo de leitura específico. (AZEVEDO e OLIVEIRA 2015, p.5).

Quadro 5: Acesso

Fragmento 5:
Não tínhamos variedades de livros para nosso público
Abelhinha 6/ Flor de Ipê/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Portanto, como mencionado acima constatamos impacto no PCL, inicialmente a falta de confiança dos acadêmicos, por embarcarmos em algo novo e desafiador. É em possibilitar que possamos conhecer como está a nossa educação brasileira, também fora dos muros da unidade escolar e de sairmos do nosso estado de conforto e pensarmos que apenas se pode compartilhar saberes dentro de quatro paredes, mas que em qualquer lugar a qualquer momento podemos fazer uso do letramento literário. Situação essa que foi se disseminando ao longo dos trabalhos, pois segundo Cosson (2014, p.152): “As duas coisas que fazem o clube funcionar é justamente o compartilhamento da leitura com outras pessoas ao lado de uma leitura muito pessoal que antecede esse compartilhamento normalmente enriquecedor da leitura primeira”.

Outro ponto de muita interferência para realizar o projeto foi a falta dinheiro para os agentes poderem adquirir materiais mínimos para que os encontros pudessem ser realizados com mais dinamicidade e também para que fossem possível compartilhar livros com os participantes para agradecê-los pela participação e instigá-los ainda mais a leitura, o gosto pela leitura, e também para que pudessem oferecer lanches nos encontros.

Na figura 10 podemos observa o CL em ação, no qual passaram por uma preparação anterior, para assim os círculos de leitura serem efetuados, pois ele é a junção entre pessoas e textos. São necessários que os membros estejam bem preparados, e sejam leitores, e tenham ações planejadas. É fundamental que as obras sejam bem selecionadas de acordo com o interesse e os objetivos dos leitores, considerando o contexto e a idade dos participantes.

Figura 10: No chão



Fonte: Arquivo da pesquisa

A teoria aparece no discurso e nas práticas dos AL, na metodologia de ensino e nas estratégias adotadas, no qual precisam combinar duas qualidades que envolvem conhecimento e pesquisa. Utilizando-se disso, buscar textos e obras que melhor se adequassem ao contexto, procurando envolver os participantes nas leituras e discussões das obras, almejando despertar o gosto pela leitura. Os participantes eram observados no momento de escolhas de obras a serem lidas, pois era uma estratégia dos AL em perceber os seus interesses de leitura literária, para isso convocamos Cosson (2014, p. 160):

A seleção das obras obedece a dois princípios básicos. O primeiro é que não há texto ideal para os círculos de leitura, mas sim textos adequados àquela comunidade de leitores. Essa adequação depende das características dos participantes, do ambiente em que se desenvolve o círculo e os objetivos e interesses de sua composição, mas de um modo geral vale a máxima de que texto adequado é aquele que é bom para ler e para discutir. (COSSON,2014, p.160).

É também a ocasião em que os agentes de letramento se sentem parte do projeto, é o ponto de partida para a execução das ações do PCL. É nesse momento em que os AL se enxergaram como parte do PCL, a partir de interações entre os integrantes dos outros grupos que também buscam pesquisas e metodologias de ensino que foram executadas ao longo das ações. É também nesse período de estudos que eram colocados em pauta o percurso teórico

que foi empregado ao longo das agremiações da disciplina de letramento literário que refletiu nos encontros diários/ semanais dos grupos, tal qual é ressaltado no quadro 6.

Quadro 6: Preparação

Fragmento 6:
No início do projeto nos preocupamos, porquanto, não sabíamos que tipo de leitura seria interessante para eles
Abelhinha 1/ Flor de Murici/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Cada grupo fez a seleção dos gêneros literários de acordo com as necessidades do público participante, é essencial a leitura de todos os materiais expostos nos encontros, pois os participantes sempre perguntavam algo das obras que estavam sendo exibidas, e para que a mediação de leitura acontecesse os mediadores precisam e devem estar cientes dos textos, como podemos perceber nos quadros 7- 9, de acordo com Cosson (2014, p.160):

Um círculo é um encontro em torno de pessoas e textos. Para que um círculo seja bem-sucedido, é preciso que ambos estejam preparados e as reuniões onde se encontram devidamente organizadas. Por isso, são fundamentais: a seleção das obras, a disposição dos participantes e a sistematização das reuniões. (COSSON, 2014, p.160)

É por meio de preparações com reuniões que as Abelhinhas fizeram uso de pesquisas e experiências para entenderem como são feitas as seleções dos materiais que seriam usados, como exposto abaixo, no quadro 7, no qual podemos notar a pluralidade de textos selecionados pelos AL, no qual foram estudados e analisados onde chegaram à conclusão que eles poderiam ser usuais nas rodas de leitura mais especificamente serem usadas nos encontros no Cantinho do Vovô.

Quadro 7: Leituras

Fragmento 7:
Iniciamos com a leitura em voz alta da “Onça e o sagui” [...], trabalhamos literatura de Cordel, causos, contos, crônicas etc.
Abelhinha 2/ Flor de Murici/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

A Abelhinha 3, baseia-se em Cosson (2014), utiliza-se da adequação da comunidade leitora para selecionar a obra a ser lida com crianças e jovens, tendo como meio social religiosidade, pois os encontros acontecem na igreja, como mencionado anteriormente,

o grupo Flor de Lótus aproveitou do espaço e o meio habitual delas em seu favor para realizarem a contação de histórias citada no relato do quadro 8.

Quadro 8: Ouvir

Fragmento 8:
Começamos a contar uma linda história baseada em fatos reais que aconteceu há mais de duzentos anos atrás, “A Bíblia de Mary Jones”
Abelhinha 3/ Flor de Lótus/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

As diversidades leitoras bastante plurais, com isso é certo que os participantes do projeto influenciaram nas escolhas dos materiais (livros) a serem levados. Segundo Cosson (2014, p.163) “As possibilidades são muitas e o limite de seleção de obras para círculo de leitura depende da disposição de seus participantes em escolher os objetos de leitura os textos que lhes são mais adequados enquanto uma comunidade de leitores”. Não há obras ou textos ideais, certo ou errado, para serem classificados para os círculos de leitura, mas sim objeto cultural adequado para aquela comunidade de leitores que usufruem das mesmas.

Quadro 9: Despertai

Fragmento 9:
Meu primeiro sentimento despertado com o projeto foi quando eu e minha parceira <i>abelhinha 6</i> fomos na livraria comprar uns livrinhos no formato Cordel. Preparamos uma pequena peça teatral.
Abelhinha 5/ Flor de Ipê/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

É neste momento como mencionado anteriormente que os agentes de letramento relatam seu “despertar” sobre o projeto, objetivos e o gosto à leitura como podemos observar nos relatos das Abelhinhas que executaram o projeto, apresentados nos quadros de 10-14, onde descrevem algumas das leituras escolhidas para fomentar o acervo que foram levados para os círculos de leitura como é exposto nos quadros seguintes.

Quadro 10: A compra

Fragmento 10:
Meu primeiro sentimento despertado com o projeto foi quando eu e minha parceira <i>abelhinha 6</i> fomos na livraria Decolores comprar uns livrinhos no formato cordel. Neste primeiro momento já fiquei maravilhada. Ao conversar com o atendente e dono da livraria, Sr. José Decolores, que nos mostrou ser um amante da literatura, experiente, rico em conhecimentos literárias e até mesmo escritor de cordel. Isso foi “começar com pé direito”. Contamos-lhe do projeto e ele até se ofereceu para declamar seus cordéis juntamente com a gente no local de realização do projeto.

Abelhinha 5/ Flor de Ipê/ Relato- 2018
--

Fonte: Arquivo da pesquisa

Faz-se necessário, também a leitura e estudo dos textos e livro que foram levados para os círculos, segundo Viccini (2011, p. 8), “para formar novos leitores, é preciso dispor tempo e dedicação. Ler textos diversos, conhecer novos autores, na procura por leituras que motivem não só o mediador, primeiro leitor, mas também aqueles a quem a leitura será dirigida, isto é, aos alunos”, teoria e prática estavam interligadas, pois planejar, fazer as leituras das obras buscar sequências de leitura para manter o Círculo de Leitura democrático onde todos pudessem se expressar buscar trabalhos já realizados estava relacionado com a junção entre teoria e prática como é relatado no quadro 11-12.

Quadro 11: Nós lemos

Fragmento 11:

Tínhamos que já está por dentro (sabendo a estória) do que íamos contar, se não soubéssemos, não prestavam atenção no que estávamos lendo, contamos as estórias de forma que prendesse a atenção deles, confesso que não foi fácil, mas conseguimos.
--

Abelhinha 5/ Flor de Ipê/ Relato- 2018
--

Fonte: Arquivo da pesquisa

Nesse processo de mediação de leitura podemos destacar que ambas as partes aprendem, pois os mediadores habilitam-se a fazer seleção dos materiais e os participantes também ,porque, a partir da seleção dos agentes, os participantes farão também suas seleções no momento da escolha da obra ou texto para fazerem a leitura durante os encontros, portanto são aprendizados recíprocos.

Quadro 12: Relação

Fragmento 12:

[...] então as obras que levávamos tinha que está de acordo com o público abordado, isto é, tínhamos que ter várias.
--

Abelhinha 5/ Flor de Ipê/ Relato- 2018
--

Fonte: Arquivo da pesquisa

Portanto a seleção dos materiais (textos, obras e teorias que embasam os agentes para a sequência didática de leitura) foram classificados como impactos ocasionados pelo PCL para a formação dos acadêmicos, pois possibilita e exige que eles conheçam diversos gêneros literários e teóricos, como apresentado no quadro 13: *Tipos de Leitura*, que orientou as possíveis sequências de leitura, organização e propósito de projetos como esse.

Quadro 13: Tipos de leitura

Fragmento 13:
No início do projeto nos preocupamos, porquanto, não sabíamos que tipo de leitura seria interessante para eles, pensar em literatura para crianças, jovens e adultos as vezes torna-se muito mais fácil, pensar em leitura para os idosos foi um desafio e uma caçada minuciosa, mas, tivemos orientações preciosas [...]. Além disso tivemos que levar em consideração muitos fatores como, a limitação física, emocionais, e até mesmo a intelectual.
Abelhinha 1/ Flor de Murici/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Para essa ordenação é colocado em práxis as características dos participantes, em que estavam desenvolvendo o Círculo de Leitura. Também é primordial que coloquem os objetivos e interesses a serem alcançados, mas de todo modo, vale lembrar que a obra/texto que é considerado adequado é bom e prazeroso. Com isso, exigindo do leitor seus conhecimentos para ler e discutir, fazendo articulações como é feito pelos grupos em que é divulgado no quadro 14. No qual concorda Cosson (2014, p. 160-161) “Bom para ler é o texto que “prende” o leitor ou suscita seu interesse em fazer uma leitura completa [...] Bom para discutir é o texto que desperta, inquieta e demanda uma posição do leitor, um texto cuja leitura parece nos exigir o compartilhamento com algum”.

Quadro 14: Articulação

Fragmento 14:
[...] procuramos livros literários voltada a descontração como, contos, poesias, literatura de cordel, e piadas. Agora o próximo passo foi pensar em como desenvolver essas leituras com eles, pois, já se encontram com idade avançada e limitações físicas, então pensamos em faze-las em roda. [...] Com tudo preparado nosso intuito foi levar a leitura literária a um público que aparentemente não se importam com o ato de ler, mas, lembramos também de Rildo Cosson que diz, “... ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros...”(COSSON 2014). Ao nos depararmos com este escrito de Rildo imaginamos o quanto seria interessante essa roda de leitura com eles, pois, através de nossas leituras certamente eles iriam fazer conexões com tantas outras já feitas. Talvez não uma leitura no papel, mas, uma leitura de história ouvida dos pais, dos avos, ou seja, ao ler fazermos esse diálogo com o passado e o presente.
Abelhinha 1/ Flor de Murici/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Não podemos deixar de lado o fato de que os participantes que frequentam o ensino básico público tem muitas das vezes o acesso ao livro didático que “oferece” literatura, mas infelizmente apresentam apenas pequenos excertos ou resumos das obras, no entanto os alunos não chegam a ter a obra por completa. É a realidade de muitos estudantes, tornando a obra algo fora de suas realidades, como é discutido por Zappone destacando vias que interferem no acesso à obra para os alunos, pois:

[...] o livro didático de literatura apresenta apenas excertos de textos, pressupondo que o aluno possa chegar ao texto integral. Ora, se essa não é a realidade de muitos alunos e, desse modo, o texto literário torna-se um objeto inacessível por duas vias: seja pela sua ausência material na vida do aluno, seja pela impossibilidade de acessar sentidos para ele pela falta de instrumental adequado que deveria ser oferecido pela escola. (ZAPPONE, 2008, p.55)

Portanto, cada Círculo de Leitura que é criado/elaborado apresenta vantagens e desvantagens ao modo do letramento literário. Podemos ter CL estruturado em que há o estabelecimento definido de todos os papéis dos integrantes que iram conduzi-lo e um roteiro para poder guiar todas as ações, mas pode acarretar em limitação das leituras. O Círculo semiestruturado já não possui um roteiro, mas orientações para servir de base para o andamento das atividades, no entanto pode ocorrer do mediador interferir nas ideias das discussões. Círculo aberto ou não estruturado é selecionada a obra, traça-se um cronograma para as reuniões e os participantes iniciam a reunião com as discussões apresentando suas impressões da leitura, mas pode acarretar na redução das leituras.

Em síntese, são impactos que iram acrescentar à bagagem de formação acadêmica dos agentes proporcionado pelo PCL, sejam eles considerados positivos ou negativos possibilita aos discentes que conheçam a realidade educacional na prática em nossa cidade dentro e fora dos muros das unidades escolares, permitindo que conheçam as dificuldades e por meio delas criem novas formas de amenizá-las, e que façam a mediação teoria e prática para a promoção do letramento literário, tanto para vida acadêmica, profissional e pessoal e que também faça essa ponte de encontro de si mesmo no curso em que estão.

Além dos fatores elencados, Marta Morais da Costa apud Viccini (2011, p.5) destaca que:

Um encaminhamento que propicia o melhor desempenho dos professores formadores de leitores consiste em intensificar a pesquisa no campo da leitura e da recepção de textos. Esse objetivo é sustentado pela crença de que não existe um bom docente em sala de aula se não o alimentar um pesquisador, isto é, se ele não for movido pela curiosidade e pela persistência em buscar descobrir o que ainda não conhece. (COSTA apud VICCINI, 2011, p.5)

Portanto, podemos concluir que os pontos negativos foram suprimidos pelos pontos positivos, como mencionado nos fragmentos acima, os agentes de letramento ficaram inseguros no início das ações, pois eles não tinham iniciado as articulações teóricas, no qual alicerça-os para depois colocarem em prática os conhecimentos adquiridos por elas e articularem-nas na prática, com todo o aparato teórico adquirido em sala proporcionou aos acadêmicos confiança e leque de possibilidades para planejarem as ações que aconteceram nos encontros. Como temos Impactos do Projeto Colmeia Literária na formação acadêmica

dos agentes de letramento, que mencionamos ao longo deste tópico, também buscamos observar as possíveis ou não contribuições para os participantes atendidos no decorrer das ações do projeto, discussão do próximo tópico.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DO PCL PARA FORMAÇÃO DE LEITORES NA VISÃO DOS PARTICIPANTES

Projetos educacionais e de extensão são atividades organizadas com o objetivo de resolver ou amenizar um problema. Tendo objetivos a serem alcançados, metas a serem cumpridas ao longo dos trabalhos, é necessário que todos tenham responsabilidades e vontade em fazer parte, pois eles são ações concretas a serem executadas, necessárias para o processo de ensino- aprendizagem. É um trabalho tanto individual como coletivo, propiciando tanto aos organizadores como para as participantes vivências múltiplas de relações reais para sua vida e formação.

Como representatividade que projetos de extensões são necessários para o desenvolvimento educacional e que vem abranger um público bastante significativo e eles estão abertos a todos da população, utilizamos a figura 10, onde apresentamos umas das leitoras mais jovens do grupo Flor de Lótus sendo inserida na leitura literária através do PCL.

Figura 11: Leitora Mirim



Fonte: Arquivo da pesquisa

Nascemos inseridos no meio da leitura e escrita, à medida que somos expostos no ambiente das linguagens, somos modificados por meio da interação, mas desde que sejamos nutridos para que possamos nos desenvolver, se isso não ocorrer nossas habilidades linguísticas não sobrevivem.

Portanto, podemos mencionar um dos temas bastante discutidos no meio informal quando falamos sobre leitura: - “quando criança adorava ler, mas agora não gostam mais”, é necessário que façamos o abastecimento em nossas faculdades da linguagem. Da mesma forma, é o que acontece com a leitura dos jovens e adultos que cada vez mais deixam de nutrir sua “faculdade leitora”, acontece o que citamos nos discursos em que algumas pessoas mencionam que se perde o interesse pela leitura quando está na fase da adolescência, enfatiza Kuntzer (2019, p.9):

Outro fator relevante é a idade da criança ou do adolescente-leitor. Esse pode ser um fator determinante na formação do gosto pela leitura. Os problemas se apresentam mais no período da adolescência, quando a agressividade se torna um meio de enfrentar a explosão física, psicológica, intelectual e emocional, ética, religiosa e sexual. Essa agressividade é normal quando se trata de pessoas da faixa dos 12 anos aos 18 anos de idade. No ambiente escolar e familiar isso precisa ser levado em consideração. Enquanto a criança tem maior aceitabilidade ao diferente sugerido pelos adultos, o adolescente tem certo grau de resistência às coisas que vêm "impostas" pelos adultos. Quando estão deixando de ser crianças, vivenciam a perda do corpo infantil, e essa perda da criança gera um luto, um pesar, pois os adultos lhes cobram posições e atitudes mais responsáveis, mas ainda mostram condutas ambíguas em relação a dar-lhes mais autonomia. (KUNTZER,2019, p.9).

Um dos objetivos do PCL era fomentar os saberes leitores das crianças, jovens adultos e idosos que participaram do projeto. Proporcionando o gosto pela leitura literária e incentivando-os para continuarem na caminhada para sua formação enquanto leitor literário capaz de influenciar outras pessoas por meio da leitura.

Deste modo viemos ao mundo sem conhecimento algum, vamos adquirindo com o passar do tempo, portanto, não nascemos sabendo ler ou mesmo escrever, segundo Lajolo (2005,p. 7) “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive”, é ler tudo que está a nossa volta. A leitura e a escrita têm um papel importante para o desenvolvimento da sociedade, e a todo momento ocasionam transformações e consequências culturais, sociais, pessoais e etc., neste meio social.

Na seção anterior, discutimos sobre impactos causados nos acadêmicos ocasionados pelo PCL. Nesta apresentaremos também as contribuições para os grupos de participantes atendidos pelo projeto, não somente os acadêmicos que adquirem conhecimentos, mas também participantes que absorvem e compartilham os aprendizados e são eles também que

tornam o projeto possível. Nos quadros 15 e 16, a Abelhinha 3 descreve algumas conversas que manteve com os leitores do grupo Flor de Lótus sobre o que estavam achando do PCL.

Quadro 15: Confissão

Fragmento 15
[...] Conversando e indagando se eles haviam lido durante a semana, alguns responderam que sim e até contou um pouco das histórias lidas em casa e na escola. [...] Hora da apresentação [...] quando terminamos fizemos algumas perguntas referente a história contada, eles responderam de um jeito que nos fez suspirar aliviados, atingimos nossos objetivos, ensinar que é preciso ter sabedoria para tomar decisões importantes. [...] Quando finalmente chegou o “momento da Mary Jones” eles lembraram onde havíamos parado a leitura, o que me deixou orgulhosa, percebi que estavam realmente gostando dessa história e ansioso para ver a sua continuação. [...] Nesse dia foram um número maior de crianças, alguns estava sendo o seu primeiro dia conosco.
Abelhinha 3/ Flor de Lótus/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Quadro 16: Convidados

Fragmento 16
Aproveitamos a presença da dona Mizeane (a mãe de um de nossos pequenos novos leitores) para perguntarmos se ela havia notado alguma mudança em seu filho depois de estarem participando de nossos encontros, nos relatou que sim, que eles estavam lendo mais histórias na escola e chegava em casa muito tagarela contando as histórias que haviam lido, aos sábados ficavam o tempo todo lembrando-a de olhar o relógio para não perder a hora de vir para a roda de leitura “o que para nós foi muito importante” vemos que nosso projeto estava surtindo o efeito esperado por nós incentivar as crianças o hábito da leitura, plantar nelas o prazer de ler.
Abelhinha 3/ Flor de Lótus/ Relato-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Podemos observar nos fragmentos 15 e 16, os ganhos dos participantes atendidos, eles passam a ler com mais frequência e ter o gosto pela leitura literária, ficavam eufóricos para poder compartilharem as histórias lidas. No relato da mãe, apresentado no quadro 18, podemos ver as contribuições do PCL na formação dos jovens leitores, que passaram a ter acesso à leitura, assim como a importância dos AL como mediadores de leitura. Segundo os depoimentos dos pais, seus filhos também passaram a ser mediadores de leitura deles, pois eles contavam tudo o que tinha acontecido nos encontros, inclusive as histórias e as leituras realizadas. Ainda, conforme, esses pais, as suas crianças ficavam mais atentas às leituras realizadas, devido a empolgação das crianças de contar que leram uma quantidade “X” de histórias e que sabiam contá-las e interpretá-las, mesmo aquelas que não eram alfabetizadas, mas que são letradas, pois conseguem perceber e partilhar a importância da leitura para sua vida e faz uso das habilidades de leitura e escrita em seu cotidiano.

Segundo Silva e Silveira (2013):

Para muitos excluídos literariamente, a ausência da leitura literária em suas vidas dá-se não por falta de referências culturais, mas, também, pela forma como a literatura lhe é retratada na escola, como um bem inacessível e distante da realidade. (SILVA e SILVEIRA, 2011, p.93).

Pessoas podem ser excluídas ao acesso à leitura por diversas maneiras, seja por falta de livros ou incentivo da família ou na escola, mas também temos aquelas que se excluem literariamente, pois não demonstram interesse quando são tentados a serem inserido no meio da leitura literária, muitas vezes, esses processos que acontecem dentro da escola, é pertencente ao reflexo de casa que eles carregam, refletindo assim até o meio acadêmico e social dos indivíduos, segundo Kuntzer (2019, p. 8) “O hábito da leitura ou a falta deste pode ser orientado "mais por preceitos pessoais do que por aqueles de nossos ambientes físico e social" (CRAMER E CASTLE, 2001). Isso implica dizer que são muitas as razões pelas quais um aluno pode se tornar ou não um leitor efetivo”. com isso não conseguem ou não fazem uso do letramento como observamos no quadro17:

Quadro 17: Letramento

Fragmento 17
[...] pedimos para algumas crianças lerem e nos contasse a estória que havia lido [SIC], algumas não conseguiam entender o que tinham lido já outras sim entendiam a leitura.
Abelhinha 4/ Flor de Lótus/ Relato- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

O grupo Colmeia Literária realizou um trabalho que poucos são capazes e estão dispostos a encarar, formar-se e orientar o próximo. Ler e escrever não é uma tarefa fácil, pois requer muito esforço e dedicação, uma empreitada que envolve o indivíduo em uma cadeia solitária e ao mesmo tempo coletiva, está com o outro compartilhando saberes é uma sensação diferenciada, porque conseguimos ver tantas coisas de formas amplas que queremos incentivar a todos que estão a nossa volta, , porque quem tem acesso quer mostrar e dar acesso para outras pessoas, no qual aconteceu no grupo Flor de Lótus, o esplendor da leitura e iniciativa do projeto também encantou a outra formadora/mediadora e contadora de história, a professora da rede pública de ensino mencionada no quadro 18:

Quadro 18: Orgulho

Fragmento 18
Uma senhora conhecida da dona da casa onde estava sendo realizado a roda leitura chegou, e ficou observando e perguntando o que estava acontecendo? Explicamos o projeto Colmeia Literária, então ela nos parabenizou pela iniciativa, ela era professora da rede pública, foi um incentivo para nós. [...] Assim agradecemos a senhora[...] e seu esposo[...] e encerramos o nosso segundo encontro, com a sensação de dever

cumprido e a satisfação de estar contribuindo para despertar novos leitores e promovendo o letramento literário que nem sempre tem acesso a variedades de livros fora do âmbito escolar. As crianças demonstram um interesse muito grande pelos livros, o que eu percebo é que falta um incentivo maior por parte dos adultos os pais e professores. Isso me fez perceber mais a minha responsabilidade como futuro professor de fazer a diferença.

Abelhinha 4/ Flor de Lótus/ Relato – 2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Muitas pessoas afirmam que a escola é a sua segunda casa, e muitas delas somente nela tem o acesso à leitura, contação de história e etc. A escola passa assumir as responsabilidades de educação que é dever dos pais, com isso toda escolarização e educação dos indivíduos são de responsabilidade escolar. Mas também não podemos deixar de refletir sobre a quantidade de papéis assumidos pela unidade escolar com esses, é pressão da família, sociedade, estado, município de todos os lados.

Pessoas são excluídas do meio literário por duas vias: primeiramente, por falta de acesso a livros e viverem em locais que não fornecem leitura e mediações; ou como também aquelas pessoas que se negam a ler literatura. Não conseguimos falar em leitura, mediação de leitura, contação de história, rede de leitores, promoção de letramento literário e formação de leitor sem nos remeter à unidade escolar, por vias felizes e infelizes é por meio dela que todas essas questões são discutidas, articuladas e colocadas em prática.

Todos esses mecanismos utilizados são pensados, vinculados e planejados para o melhoramento da sociedade e também a educação que objetiva ou deveria se objetivar no desenvolvimento crítico dos indivíduos. Como é perguntado no início destes tópicos “Contribuições do PCL para a formação de leitores na visão dos participantes? Retomamos afirmando que sim obtivemos contribuições significativa para o desenvolvimento formador dos participantes, como visto anteriormente as pessoas que estão em contato com o projeto são influenciadas, como aconteceu com a professora, os pais, amigos e desconhecidos que puderam observar e participar quando o projeto estava em andamento. Analisando os dados coletados priorizamos os relatos dos efetivos participantes, aqueles que estavam desde o início participando das ações para podermos avaliar se realmente obtiveram ganhos/ contribuições. A seguir, algumas transcrições de vídeos, os quais apresentam os participantes relatando suas opiniões sobre o projeto.

Quadro 19: Diálogos: Abelhinha 4 entrevista o participante 1.

Fragmento 19

Abelhinha 4: - O que significou esse projeto, essa roda de leitura para você?
--

Participante 1: - Pra mim, eu gostei de mais, por que pra mim aprender a ler, aprender ler muito, por que eu

tenho muita dificuldade de ler as coisas, foi bom, eu li.

Abelhinha 4: Você conseguiu ler? Melhorou? Você acha que melhorou depois disso?

Participante 1: Tô melhorando ainda.

Abelhinha 4: Tá melhorando ainda né?

Participante 1: Sim.

Abelhinha 4: Mas ajudou em alguma coisa?

Participante 1: Ajudou.

Abelhinha 4: Há! Ajudou né? Ajudou em que, mais ou menos?

Participante 1: Ajudou eu ajuntar as letras também.

Abelhinha 4/ participante 1/ Flor de Lótus/ Transcrição de vídeo-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Como é apresentado no quando 19 acima, a criança conseguiu desenvolver no PCL por meio do grupo Flor de Lótus a sua evolução com a decodificação das palavras, assim o projeto é colocado como parte inicial para o processo de alfabetização do participante 1, tornando-se não o fim, mas contribui em parte para a construção e formação das abelhinhas e também dos participantes, como enfatiza Barros (2013, p. 21):

A importância da Literatura Infantil se dá no momento em que a criança toma contato oralmente com ela, e não somente quando se tornam leitores. Dessa forma, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através dela que a criança pode conhecer coisas novas, para que seja iniciada a construção da linguagem, da oralidade, de ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal. Justamente por isso o uso da Literatura Infantil como parte integrante do processo de alfabetização é muito importante, unindo-se literatura e alfabetização a criança entra em contato com o mundo letrado não só ampliando seu vocabulário e adquirindo conhecimento, mas principalmente exercitando seu imaginário. (BARROS, 2013, p.21)

A Família e escola tem um papel muito importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças, e para que o letramento ocorra é necessária a prática de leitura, seja ela, em casa ou fora dela. O professor torna-se o maior mediador de leitura na vida das crianças e jovens, muitas das vezes esses sujeitos passam maior parte do tempo em contato com seus professores do que com seus familiares.

Devido a isso Barros (2013, p.22) salienta:

A literatura tem sua importância no âmbito escolar devido ao fornecimento de condições que propicia à criança em formação. Essa literatura é um elemento que representa o mundo e a vida através das palavras, deixando criatividade, prazer e aprendizagem entrelaçados. Fica evidente que a escola torna-se fator fundamental na aquisição do hábito de leitura e formação do leitor, pois ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura. Deste modo, as atividades literárias diferenciadas no contexto educacional são muito importantes para o bom desempenho da criança. Considerando que a escola tem como função primordial o ensino da leitura e da escrita, o professor desempenha papel fundamental dentro desse processo. Ele deve ser o parceiro, mediador e articulador de muitas e diferentes leituras. (BARROS, 2013, p.22)

É analisando as articulações teóricas e práticas que destacamos o fragmento 20, para articular a importância da escola do professor para a formação leitora dos sujeitos, e também como o trabalho conjunto entre o Círculo de Leitura formado pelo PCL e seus respectivos grupos, no qual trabalhavam com os mesmos objetivos: formar leitores críticos, e como podemos observar neste fragmento um “casamento” que gerou frutos, segundo Cosson (2009, p.30), evidencia que:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. [...], a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2009, p.30)

Quadro 20: Diálogos entre Abelhinha 4 e participante 2.

Fragmento 20
<p>Abelhinha 4: Estamos aqui, reunidos esses dias. Você tem gostado?</p> <p>Participante 2: Sim!</p> <p>Abelhinha 4: Mas assim, qual a importância disso aqui pra ti?</p> <p>Participante 2: É!</p> <p>Abelhinha 4: Mas você não sabe porque é bom?</p> <p>Participante 2: Por que eu gosto de ler!</p> <p>Abelhinha 4: E o que sua professora falou?</p> <p>Participante 2: Ela falou que eu tô lendo melhor.</p> <p>Abelhinha 4: E você gostaria que isso continuasse?</p> <p>Participante 2: Muito!</p>
Abelhinha 4/ participante 2/ Flor de Lótus/ Transcrição de vídeo- 2018

Fonte: Arquivo da pesquisadora

De acordo com Barros (2013, p.28):

A leitura acontece quando se produz o sentido e quanto mais experiências de leituras anteriores, mais consciência na formação de sentido terá o leitor, pois é preciso compreender também as entrelinhas. Só quem lê interpreta, questiona, estabelece julgamentos do que pode e deve fazer, exercendo assim, plenamente a sua cidadania. Quem lê pode mudar sua realidade para melhor. (BARROS, 2013, p.28).

Ler é viajar sem sair do lugar, é refletir sobre o passado e imaginar o futuro. Não tem idade, e nem precisa saber decodificar, ler é interação. É por meio dessa interação fascinante que a literatura proporciona para os indivíduos fazendo com que ocorra a ela a humanização do ser humano, pois é destacado por Cândido (1995) como humanização. Para ele, a humanização acontece quando o ser passa a ter consciência de que aquilo que é indispensável para sua própria vida também será indispensável para a vida do próximo, no qual a literatura é, portanto, um bem inexplicável, que garante a integridade espiritual. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em

contato com alguma espécie de fabulação. É essa fantasia que nós, seres humanos, buscamos para compreendermos a nós mesmos.

No quadro 21 apresentamos o depoimento da participante 3. Mulher, analfabeta, mas letrada encantadora e encantada pela leitura literária realizada pelas AL.

Quadro 21: Rima

Fragmento 21
Depois do lanche fizemos nossa roda novamente para dar início a nossas leituras continuamos com a literatura de Cordel “A camponesa e o príncipe encantado”. Este dia foi um dos dias que me surpreendi com a atitude e memória da Dona participante 3, 87 anos, estávamos fazendo a leitura quando no meio da leitura ouvimos ela comentar sobre a história. Esse cordel conta a história de uma moça muito rica e muito bonita e de bom coração. De repente dona participante 3, que nunca tinha falado nada durante as leituras comenta detalhadamente sobre a atitude das moças na história. [...] nesse dia ela até nos surpreendeu com versos, ficamos felizes de ver que nosso estímulo tinha ajudado. Olha só que lindo os versos de dona participante 3. “Fui para a mata cortar vara capim cortei. O nome do bicho é tão fácil que nele já falei, capivara”. Outro, “Minha mãe me deu uma pisa com cipó de [Sic] ródia e chorei de dengosa, pois a tacada não doía”.
Abelhinha 1/ participante 3/ Flor de Murici/ Relato-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Com base nas experiências relatadas, demonstra-se que o PCL produz resultados positivos, tanto para os AL, quanto para os participantes, mesmo que em um diálogo tímido podemos perceber que esses participantes sentiram em seu dia a dia mudanças, a partir do momento em que começaram a frequentar os Círculos de Leitura.

A literatura proporciona para o leitor o autoconhecimento e uma ótima experiência de sair um pouco de nossas zonas de conforto e conhecer outros pontos de vista, mas também nos faz confrontar com personagens que passaram por problemas semelhantes. E também a entender diferentes sentimentos, pensamentos e desejos que são por diversos momentos colocados e práxis por nós, e assim poderemos refletir sobre o nosso papel neste mundo.

3.3 MOMENTO QUE OS AGENTES DE LETRAMENTO SE ENXERGAM COMO MEDIADORES DE LEITURA

Partindo da argumentação de que apenas é possível transmitir aquilo que se tem adquirido, sustentamos aqui que para que o sujeito tenha a permissão de ensinar a ler ou mesmo auxiliar o gosto e prazer pela leitura, faz-se necessário que ele próprio seja um leitor. Pesquisadores sobre leitura, como Pennac (2008) e Barthes (defendem a ideia de que somente se pode cultivar/ forma e incentivar a leitura aqueles que, por meio de sua formação, concebeu uma boa interação com a leitura literária.

Os mediadores de leituras literárias possuem o papel de formar novos leitores, tendo em seu poder a capacidade de influenciar o curso de vida de alguns ou vários

indivíduos, viabilizando transformações na maneira de se integrar e assimilar os fatos que circulam no mundo. Anteriormente, discorremos os impactos do PCL na formação acadêmica dos AL, as contribuições para os participantes atendidos, e neste momento, como os AL se enxergaram como ML.

A vida é mediada pela palavra, seja ela, escrita ou falada, e a leitura é a junção desses dois mecanismos linguísticos que possibilita a interação do homem com o mundo. Em alguns espaços socioculturais (sala de aula, biblioteca, igreja etc.), pode existir a figura de um sujeito mediador, aquela pessoa que vai contribuir de forma profissional, colaborativa e também generosa em formar outras pessoas, para que elas possam desenvolver o gosto pela leitura.

Esses eventos de letramento proporcionados pela mediação de leitura podem ser trabalhados através de variadas estratégias de ensino, podendo envolver as artes integradas, a contação de história e utilização de textos literários de diferentes gêneros. Em princípio, o mediador deve ser leitor, que ele prepare a prática lendo, compreendendo o texto, buscando arcabouço de interação, aos textos que farão parte daquela dinâmica, daquela mediação, sempre também pensando em contextualizar o texto no cotidiano do leitor.

A aprendizagem da leitura é um processo contínuo. Para que seja criado o hábito de leitura faz-se necessário que o sujeito esteja sempre em contato com livros e outros leitores. Sabemos que não basta colocar pessoas em contato direto com a escrita, é evidente que é preciso incentivá-los a fazer descobertas e auxiliá-las a fazer escolhas, a compreender textos mais complexos, e também a desenvolver o gosto e prazer pela leitura, funções essas que estão intrínsecas ao trabalho de mediador de leitura, enfatiza Pennac (1944, p.48):

“Ele é um público implacável e excelente.” Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor dever de recitar, acompanharem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem em perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir a ameaça do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretendo esse prazer até que ele se faça um dever, fundindo esse dever na gratuidade de toda aprendizagem cultural, e fazendo com que encontrem eles mesmos o prazer nessa gratuidade. (PENNAC, 1944, p.48).

Buscando assim compreender a leitura dialógica, em que precisa que haja um diálogo entre quem está mediando a leitura e as pessoas que estão participando, pois permitir ao leitor que ele interaja com as leituras propostas, que ele encontre um ponto de encontro entre a sua vida, entre o seus gosto e a leitura que está desenvolvendo. Como também a leitura crítica, no qual o leitor critico é aquele que ler e que entende e compreende o que lê,

além disso, a leitura cognitiva e argumentativa, pois o leitor passa pelo processo de cognição a medida que ele lê e interage com as leituras, e assim possa fazer parte de sua vida do seu dia a dia do seu cotidiano. É importante pensar a leitura no âmbito da crítica, pois a leitura irá envolver vários elementos culturais, sociais e políticos por exemplo que são determinados pelo dia a dia do indivíduo.

Em suma, Pennac explica (1944, p.85):

Em vez disso, nós, os que lemos e pretendemos propagar o amor pelo livro, nós preferimos com demasiada frequência como comentaristas, intérpretes, analistas, críticos, biógrafos, exegetas das obras tornadas mudas pelo piedoso testemunho que apresentamos de sua grandeza. Presa na fortaleza de nossa competência, a palavra dos livros cede espaço à nossa palavra. Em lugar de deixar a inteligência do texto falar por nossa boca, nos remetemos à nossa própria inteligência e falamos do texto. Não somos os emissários do livro, mas os guardiões juramentados de um templo, cujas maravilhas exaltamos com as palavras que lhe cerram as portas: “É preciso ler, é preciso ler!”. (PENNAC,1944, p.85).

A leitura se dá em um processo de evolução que envolve diferentes sujeitos e atores, é pensando nesta construção de mediadores de leitura que buscamos relacionar com as ações do PCL se os AL conseguiram se enxergar como mediadores. É refletindo na sequência *Formação, Experiência e Docência*, pois para a formação faz-se necessário a ação da experiência com a leitura literária para existir ato concreto com ela, sem isso não há formação docente de qualidade. O processo de formação de leitura do próprio professor e do mediador em formação constante é essencial ao processo que ele vai desenvolver ao formar leitores, para isso destacamos alguns fragmentos para serem analisados e verificados.

Ao final do PCL, ocorreu uma socialização das atividades realizadas pelos grupos que compuseram o PCL. Houve um momento no qual todos os integrantes relataram oralmente as suas vivências e os resultados obtidos com a execução do PCL. Na ocasião, os AL deram depoimentos dos êxitos, assim como destacaram as principais dificuldades encontradas na execução do PCL. Também ressaltaram o aprendizado adquirido com a experiência docente proporcionada pelo PCL e, naquele momento, os acadêmicos responderam alguns questionamentos da professora orientadora, tais como: “O que vocês aprenderam exercendo a função de mediadores de leitura?”, “Como o PCL contribuiu para a sua formação acadêmica?” , “Como vocês se prepararam para trabalhar com um público-leitor tão diversificado (crianças, jovens e idosos)?”. A partir desses questionamentos, e somando-se a isso, as interlocuções com os colegas de sala de aula e com a professora, os acadêmicos refletiram sobre quando eles se perceberam como AL. A figura 12 apresenta o registro da atividade descrita.

Figura 12: Socialização das atividades



Fonte: Arquivo da pesquisa

Nesse momento do trabalho, observamos a ML feita entre o público e a obra, no qual cria-se uma ponte entre o livro e o leitor, no qual é proporcionado o incentivo para que leiam de forma prazerosa. Para isso, também utiliza-se o método de leitura de fruição, em que se busca o ler por simples prazer, lazer e como prática desportiva. Mas, para isso, é necessário um olhar para os ML se eles sentem e estão cientes do prazer da leitura, pois segundo Barthes (1973, p.21-22) o “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura”.

É por meio da experiência que os AL vão adquirindo aprendizados e tomando consciência de mecanismo de ML, mas somente a experiência o contato corpo a corpo com as ações, pode proporcionar um aprendizado de maior qualidade e conhecimento, como menciona a Abelhinha 5 no quadro 22:

Quadro 22: Por fim.

Fragmento 22
Concluo aqui este relato, foi uma experiência inesquecível, que me proporcionou momentos maravilhosos. E “o importante é que emoções eu vivi”, e mais, pude proporcioná-la à outras pessoas também.
Abelhinha 5/ Flor de Ipê/ Relato-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Como mencionado anteriormente, a mediação de leitura é processo em construção, não nos tornamos leitores ou ML de um dia para outro, mas vamos adquirindo conhecimentos, aprendizados e leituras com as experiências vividas ao longo dos encontros, como é mencionado no quadro 22, a AL menciona que foi uma “experiência inesquecível”, pois de acordo com as análises os AL tiveram contato com a teoria e prática no qual desenvolveram estratégias de leituras nos encontros fundamentando-se com bases teóricas (com estratégia de leitura de Cosson (2014) utilizadas por eles) que trabalham com o incentivo e propostas de ML, atividades criativas, dinâmicas, teatros e contações de histórias, proporcionando assim experiências recíprocas entre teoria e prática.

De acordo com as análises realizadas até então, podemos fomentar que foi concretizado o acordar para a importância do PCL tanto para os acadêmicos/ AL como também para os participantes, pois os dois sujeitos encontravam-se em constante construção e formação profissional e pessoal, inseridos nesse contexto discursivo de experiência adquirida os ML tem um papel essencial para que essa reciprocidade aconteça, assim explica ARMELIN, M. Alice M. de O.; GODOY, M. Cecília F. de (2011, p. 10):

Orientando, apoiando e incentivando os leitores em formação, o mediador poderá levá-los a ampliar seu repertório; a conhecer novos mundos, culturas e civilizações diferentes; poderá gerar condições favoráveis para que consigam articular informações e mostrar que ler e escrever, além de promover socialmente e dar acesso à cultura e ao conhecimento, permitem relacionar a vida de cada um com a realidade na qual se vive. (ARMELIN e GODOY, 2011, p.10).

Nesse sentido, que a interação entre mediador enquanto leitor são constituídos os Círculos de Leituras. É dessa forma que os mediadores e participantes tomaram consciência da importância desses encontros para construções de sentido da e para a sociedade. Visto que, colocando em exercício o planejamento, pesquisas, discussões e estudos, logo começavam colhendo os resultados das sementes semeadas. Os AL utilizavam-se de todos esses artifícios para refletirem da escassez e importância dos seus trabalhos para o estabelecimento e ampliação de conhecimentos dentro e fora das unidades escolares, como é relatado no quadro 23, no qual a Abelhinha 2 coloca-se em ponderação sobre o seu desempenho como formadora.

Quadro 23: Reflexão sobre o projeto.

Fragmento 23
Com tudo [SIC]preparando, nosso intuito foi levar a leitura literária a um público que aparentemente não se importa com ato de ler, mas, lembremos também de Rildo Cosson que diz, “... ler é um diálogo que se faz

com o passado, uma conversa com a experiência dos outros...” (COSSON,2014). Ao nos depara com este escrito de Rildo imaginamos o quanto seria interessante essa roda de leitura com eles, pois, através de nossas leituras certamente eles iriam fazer conexões com tantas outras feitas. Talvez não uma literatura no papel, mas uma leitura de histórias ouvidas dos pais, dos avós, ou seja, ler fazemos esse diálogo com o passado e o presente.

Sinceramente gostei dessa experiência, embora não tenha tantas opções para trabalhar com terceira idade, mas para falar a verdade, se voltar desejo trabalhar com crianças.

Abelhinha 2/ Flor de Murici/ Relato-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

Um dos pontos levantados pelos AL foi a dificuldade que eles encontraram para trabalhar a promoção da leitura com os idosos. Na maioria das vezes, o foco dos estudos e trabalhos científicos ressaltaram a leitura literária promovida para crianças, jovens e adultos. Não encontramos pesquisas sobre experiências literárias com idosos, fato que também culminou num desafio para o grupo Flor de Murici que criou estratégias de leitura visando a atender as especificidades daquele público-leitor.

Conforme Oliveira, Cruvinel e Angeli (2007, p .8):

Talvez o idoso tenha vontade de ler, mas diversos fatores podem impedir a ocorrência desse comportamento. Dentre eles pode-se citar a falta de recursos financeiros para comprar o material, a carência de orientações para frequentar bibliotecas, ou ainda a ausência de publicações especializadas (revistas, jornais e livros) que interessariam a essa população. (OLIVEIRA, CRUVINEL e ANGELI, 2007, p.8)

Dentre as dificuldades encontradas para a execução do PCL, os acadêmicos relataram a falta de poder aquisitivo para adquirir acervo bibliográfico, assim como de pesquisas que possam auxiliar na ML com idosos. A literatura existente aponta muitos estudos no campo da formação do leitor iniciante, concentrando a uma legítima preocupação com a população infantojuvenil, no entanto, cabe ressaltar que o público da terceira idade é carente de incentivos e de políticas socioculturais. Conforme o quadro 24, diante do contexto apresentado, a Abelhinha 1 confessa ter gostado da experiência de trabalhar com a terceira idade, mas caso haja oportunidade, pretende conhecer outro grupo de leitores.

Quadro 24: O leitor

Fragmento 24

Não posso esquecer de dizer que deixamos um leitor lá, seu participante 3 fez questão de ficar com um livro “Palavra de poeta, a descoberta do amor em versos” são vários poetas nesse livro[Sic] (Cassimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves e etc.), creio que ele está gostando muito dele.

Gostei muito dessa experiência embora seja totalmente diferente de se trabalhar com um público infantil ou jovem. Se eu continuar no projeto pretendo voltar lá, mas, quero buscar outro público também.

Abelhinha 1/ Flor de Murici/ Relato-2018

Fonte: Arquivo da pesquisa

A Abelhinha 1 revela a satisfação em afirmar “Não posso esquecer de dizer que deixamos um leitor lá, seu (participante 3) ...”, que o grupo conseguiu formar um leitor no Cantinho do Vovô. Nesse momento, a AL percebeu que conseguiu desenvolver um ação que teve um impacto significativo na vida de uma pessoa que se sentia sozinha, isolada e doente pelas consequências da idade, mas que a partir do incentivo do PCL, o Participante 3 teve interesse em ler e não se sentiu mais solitário como anteriormente. A autorreflexão dos AL é registrada na escrita dos relatos de experiência que foram solicitados ao final do PCL. Nesses textos, identificamos nas falas das Abelhinhas, como se deu o processo de construção dos ML literária, evidenciando o desafio da própria formação do AL.

Diante do exposto, Garcia (2007, p. 95) acrescenta:

Estamos a todo momento buscando quem nos ajuda a superar as dificuldades, a encontrar caminhos no emaranhado de possibilidades, a refazer ideias, a costurar significados. Mais interessante é observar que o mediador muitas vezes faz o percurso junto, ele mesmo é um sujeito em processo, alguém que vai se formando leitor à medida que vai formando outros leitores. O mediador de leitura nunca está definitivamente pronto: será sempre um vir a ser. (GARCIA,2007, p.95).

Com base nesses aspectos, é importante a busca pela articulação teórica prática dos AL. Com isso, conseguimos compreender que os acadêmicos alcançaram o objetivo do PCL, deram início/continuação ao círculo do conhecimento através da leitura literária. Desse modo, tomamos como base para tal afirmação o quadro 25, em que os AL utilizavam-se de suas pesquisas para reforçar a importância do letramento literário, para a o incentivo do gosto e prazer da leitura literária, no qual desenvolve outras habilidades também importantes e necessárias para o meio sociocultural.

Quadro 25: Experiência

Fragmento 25
Termino aqui, com as palavras de uma psicopedagoga “Miriam Regina Souza Moreira” (fundadora da escola infantil “O balão vermelho” na cidade de Juiz de Fora- MG) relatado em um dos livros que fez parte da nossa roda de leitura “O tesouro da raposa”. “Aprender a ler e escrever pode ser uma experiência cheio de alegrias e surpresas tanto para as crianças como para seus pais e professores o ambiente que cerca criança antes e durante o seu aprendizado determinará em grande parte seu interesse e gosto por ler e escrever. Estar cercado por livros de literatura, ouvir histórias lidas e contadas, bem como estar envolvida por adultos que apreciam e usam frequentemente a leitura, são circunstâncias que favorecem a aquisição da língua escrita”.
<i>Abelhinha 3/ Flor de Lótus/ Relato-2018</i>

Fonte: Arquivo da pesquisa

Ter consciência enquanto leitor do poder humanizador da literatura é um bom início para um mediador se enxergar como um, é entender que:

Mediar a leitura é antes de tudo mediar sensibilidades. É fazer uso do que chamo de uma sensível olhar pensante. Olhar a vida, não enxergá-la. Isto significa compreender por que os ipês florescem ainda em julho, no inverno, trazendo esperanças em suas flores amarelas. Quem já viu uma árvore de ipê sabe do que estou falando. Durante o ano fica esquecida. Suas folhas são comuns, pelo menos é isto que a maioria enxerga. Mas quem olhar o ipê verá mais que isto. Verá uma árvore que se prepara pacientemente para, num belo dia de julho, explodir num festival de flores que nos fazem pensar sobre o ciclo da vida, sobre o existir e as capacidades que todos temos para nos solidarizarmos, nos abirmos para o outro, para conhecer, para sonhar e amar, dando novas oportunidades de olhar a vida. É assim o mediador de leitura. Simples como o ipê. Está lá no seu trabalho diário, não enxergando mas olhando possibilidades, transformando decodificadores de texto em leitores, em pessoas que um belo dia multiplicarão sua sensibilidade para construir não um mundo novo, mas uma esperança de solidariedade, de compartilhar conhecimentos e aprendizagens, de transformar a si mesmo para sentir as diferenças, respeitando o ritmo, a capacidade, os sonhos e os desejos do outro. (PIEDADE, 2007, p.102).

O trabalho desenvolvido pelos educadores é árduo e demanda em incentivo pessoal a longo prazo e resulta num aprendizado coletivo. A noção de compartilhar conhecimentos é um dos pontos destacáveis nos CL. O ato de partilhar, de aprender com o outro e de juntos (AL e participantes CL) constituírem sentidos para a existência humana, cada um superando suas dificuldades, medos e ampliando o conhecimento pessoal foram atitudes valorizadas nos grupos do PCL. No quadro 26, podemos observar algumas das sementes disseminadas pelo grupo Flor de Lótus.

Quadro 26: Semente

Fragmento 26
O que posso dizer deste primeiro encontro, é que fiquei muito satisfeito e animado em realiza-lo, também creio que será um sucesso a nossa roda de leitura, minhas companheiras foram excelentes e envolvidas, ainda bem que elas estão comigo pois sem elas eu estaria em dificuldades com estas crianças. Despertar o desejo e o prazer pela leitura é um ato nobre e humanizado e quanto mais cedo fizermos isso melhores são os frutos desta semente, as crianças são terra boa tudo depende das sementes que nós os adultos semeamos nesta boa terra.
<i>Abelhinha 4/ Flor de Lótus/ Relato-2018</i>

Fonte: Arquivo da pesquisa

Em última instância podemos dizer que os AL literários conseguiram se enxergar como mediadores de leitura literária. Ainda há muito aprendizado a ser conquistado pelo conhecimento, mas os primeiros passos dessa trajetória já foram traçados visando a obtenção de uma formação acadêmica sólida que habilite a todos desempenhar conscientemente a profissão de professor.

O PCL proporcionou ensino e aprendizagem a todos os envolvidos na sua realização (coordenadores- acadêmicos- participantes = sociedade). Experiências como essa incentivam outras pessoas a ingressarem em ações de extensão, assim como as motivam a desenvolver projetos de pesquisa a partir das motivações derivadas das reflexões acerca do(s) objeto (s) de linguagem em estudo. Por isso, as universidades são os motores para o desenvolvimento do futuro do mundo. Às vezes, as pequenas ações impulsionam grandes invenções e descobertas científicas que culminam no progresso de uma nação ou da humanidade. Como afirma Garcia (2007, p. 42) “quanto mais democrática e esclarecida for uma sociedade maior será sua participação da definição dessas políticas e nas eventuais correções de rumo”. No quadro 27, a Abelhinha 6 afirma:

Quadro 27: Contribuições

Fragmento 27
É positivo mesmo para a aprendizagem, é o que a gente vai passar né, é o início do que vamos levar ao longo da carreira. (...) Então é isso, é você saber passar para eles o que você sabe com amor e incentivar eles, então o ponto positivo é eu poder passar incentivo aquela pessoa para que ela não fique dizendo que aquela leitura é chata, cansativa ou então não me serve, mas serve, serve para tudo. Tudo foi transformado em alegria, ajudou a fortalecer sobre o que eu quero para minha vida e nos incentivou a ler mais, em ajudar o próximo, temos que estar nos preparando sempre.
<i>Abelhinha 6/ Flor de Ipê/ Transcrição de vídeo- 2018</i>

Fonte: Arquivo da pesquisa

Não podemos deixar de mencionar que não adianta ter todos os recursos materiais que possibilitam a formação do leitor, ter uma biblioteca com acervo, acesso à internet e estudar em “boas escolas” se o indivíduo não desenvolver o hábito de leitura, o gosto e o prazer pelos livros. Sobre esse aspecto Garcia (2007, p.53) afirma:

Mediação, espaço e acervo serão conceitos vazios de significado se o mediador não estiver presente. Um sujeito consciente do seu papel na sociedade e no trabalho, que toma para si a tarefa gostosa, necessária, interessante e cidadã de colocar os textos nas mãos, no coração e no pensamento dos brasileiros não-leitores. (GARCIA,2007, p.53).

A imagem do Mediador de Leitura Literária é associada aquele que cria pontes entre os livros e leitores, no qual cria as condições necessárias, para que a obra e o leitor sejam convergência, pois é de fundamental e necessária importância para o processo de formação de leitores. É a partir dessa conjuntura de conexões que o ML modifica-se em um diálogo articulado, a partir do qual o leitor que está sempre em formação é assistido como um

sujeito cujas ideias e expectativas são significativas. Assim ressaltamos as palavras de Paulo Freire (1982, p. 9):

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1982, p. 9)

Para além disso, o mediador será capaz de estimular os leitores a compartilhar suas experiências e pontos de vista, permitindo que se apropriem da leitura para fazer circular suas ideias. É importante para despertar o interesse, gosto e prazer pela leitura literária, portanto, o contato com a literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, discutimos como os acadêmicos do Curso de Letras articularam os componentes teóricos e práticos na execução do PCL. Destacamos a importância da leitura literária e da literatura no processo de formação sociocultural dos indivíduos, como também, ressaltamos a efetiva contribuição de ações de extensão universitária, assim como aquelas no formato do PCL, pois estimulam os professores em formação inicial a problematizarem as suas práticas formativas ainda no contexto da graduação.

Compreendemos que os projetos de trabalho com foco na educação literária precisam ser cada vez mais incentivados, tanto no âmbito do ensino básico quanto no ensino superior, visto que, sobre esse último nível de escolaridade, não raro, os ingressantes na licenciatura em Letras informam que o contato direto com a literatura ocorreu após as suas inserções no ambiente acadêmico. De acordo com esses relatos informais, o tratamento dispensado ao texto literário em sala de aula, ainda se restringe a considerar os gêneros literários como coadjuvantes, ou seja, tais textos possuem função secundária diante das atividades de gramática normativa.

Diante desse quadro contextual, é comum encontrar o texto literário sendo utilizado para os alunos desenvolverem as habilidades de caligrafia, as chamadas atividades de cópia de texto, e em comandos do tipo “sublinhe, circule, identifique” verbos, substantivos, ditongos, ou outro tópico gramatical em estudo, ou ainda, nas situações de treinos de escrita de leitura em voz alta com ênfase na memorização, como recursos avaliativos. Servindo aos propósitos expostos, a literatura se torna esvaziada de sentido, pois ela é transformada em ferramenta a ser utilizada com a finalidade de alcançar um objetivo didático de ensino de norma linguística.

Fundamentados em Cosson (2009, 2014) e em Candido (1995), compreendemos que a literatura está em todo lugar, dentro e fora da escola, e ela nos humaniza porque revela quem somos. A proposta do PCL de fundar Círculos de Leitura, com o objetivo de criar uma rede de leitores literários em diferentes espaços públicos da cidade de Araguaína, apresenta uma convergência de pensamento alinhada as visões teóricas dos autores mencionados.

Para atender ao objetivo de pesquisa explicitado na introdução desta monografia, elencamos três aspectos essenciais para discutir a articulação entre teoria e prática no fazer pedagógico dos agentes de letramento envolvidos na realização do PCL, são eles: i) Impactos do PCL na formação dos acadêmicos dos agentes de letramento. Foram destacados por via da formação, aprendizados, experiências e o encontro com a teoria e a prática, no qual estavam

inseridos nos discursos dos AL, nas metodologias e estratégias assumidas por eles para o fazer pedagógico. Porquanto, possibilitou aos acadêmicos conhecerem a educação brasileira e municipal por meio de pesquisas, experiências e práticas dentro e fora dos muros escolares. Como também, por terem conhecimento de que o compartilhar saberes deve ser inserido em qualquer lugar e momento. Bem como, na necessidade de estarem sempre em constante busca por conhecimentos e aprendizados, no qual foi possibilitado pela seleção dos gêneros literários, ainda, influenciou na fomentação de formação dos acadêmicos, pois exigia que eles conhecessem diversos gêneros e fundamentações, tal qual orientou-lhes. E através delas, criarem novas formas de amenizar o problema de leitura literária em que abrange tanto a escola como fora dela. Além disso, proporcionou o gosto e prazer à leitura literária também nos AL, portanto, construindo uma ponte de encontro de si mesmo no curso em que estão; ii) Contribuições do PCL para a formação de leitores na visão dos participantes. Os participantes relataram oralmente, como podemos observar em nossas análises, que o PCL contribuiu em suas vidas, porque por meio dele passaram a ler melhor e com mais frequência, como também passaram a ter acesso à leitura literária fora da escola. Assim, obtiveram desenvolvimentos na formação, pois todos os envolvidos (familiares, amigos, vizinhos e professores) que tiveram contato com os participantes do PCL foram influenciados ao gosto e prazer da leitura literária, bem como contribuições linguísticas e leitoras na formação dos participantes. Como também, ressaltando o “casamento” entre os CL formado pelo PCL com as escolas que é uma das fontes de agenciamento de letramento literário; iii) Momento que os agentes de letramento se enxergam como mediadores de leitura. os AL perceberam-se como mediadores de leitura quando se puseram a refletir sobre todas as ações realizadas para a construção dos relatos de experiências momento este de finalização das ações, no qual detectamos que eles conseguiram deixar leitores literários por meio dos Círculos de Leitura desenvolvidos. A experiência capacitou-os e conscientizou-lhes como ML, fomentando para a concretização do acordar da importância do PCL para os acadêmicos e participantes, por colocarem em exercício os planejamentos, pesquisas, discursões e estudos que proporcionou ao AL/ML colherem os resultados do CL, e assim o auto reconhecimento enquanto ML em constata formação.

Com base nesses objetivos específicos, fizemos os devidos aprofundamentos para nos orientar na construção das análises realizadas, utilizando-nos do corpus de pesquisa estabelecido. Demonstramos aos nossos leitores por meio de fundamentações e fragmentos a proposta deste trabalho, os ML identificar-se com AL, pois se reconheceram como formadores e como agentes de letramento literário, propiciando aos leitores iniciantes contato efetivo com obras literárias.

As ações dos CL contribuíram para o crescimento pessoal e profissional dos acadêmicos, possibilitando aprendizado recíproco entre os AL e participantes, permitindo uma reflexão sobre o meio sociocultural, no qual os envolvidos estão inseridos. Os professores e os pais das crianças participantes dos CL perceberam avanços no desenvolvimento escolar de alunos e filhos, que foram identificados na formação de um hábito de leitura, no aprendizado da língua e de um repertório textual e linguístico. Já os adultos e os idosos mencionaram a importância de poder compartilhar as suas experiências de leitura com os AL e com outras pessoas, assim como reconheceram os momentos vivenciados nos CL como essenciais para estimular o ato de ler. A leitura dos textos literários, introduzida no dia a dia desses adultos e idosos, proporcionava a reativação das suas memórias de vida que eram compartilhadas com os AL, por meio da troca de saberes.

Conforme relatos orais das crianças, durante os encontros nos CL, ao chegarem em casa, elas compartilhavam as leituras realizadas com os familiares, e destacavam a contação de histórias aos amigos e vizinhos. Dessa forma, percebemos que o trabalho realizado nos CL ganhava uma dimensão maior do que a expectativa projetada para o PCL, pois constatamos um aumento no quantitativo de crianças, tendo em vista o fato de que uma convidava a outra, e o grupo formado, inicialmente, com crianças da igreja, tornou-se uma referência de formação de leitores para o bairro. Constatamos, ainda, que o PCL conseguiu, nesse CL, alcançar o seu objetivo inicial que era criar uma rede de leitores.

Quanto à questão de pesquisa que motivou esse trabalho, compreendemos que os AL conseguiram articular teoria e prática em todo o processo de execução do PCL, pois houve uma mobilização dos componentes teórico-práticos nas etapas de formulação da proposta, na realização de pesquisa de campo, na caracterização do público-alvo, no planejamento das atividades, na escolha das obras literárias e das estratégias de ensino de leitura e de mediação de leitura literária, assim como na formulação de critérios de avaliação, na produção de material didático e na seleção de recursos de ensino etc. Além disso, destacamos os momentos de autorreflexão sobre seus papéis sociais, enquanto leitores, mediadores de leitura literária e agentes de letramento. Ressaltamos, também, que o PCL proporcionou, ainda, aos AL um incentivo ao exercício da escrita reflexiva a partir da produção de relatos de experiência e de diários de campo.

Com esse estudo procuramos estimular outras pessoas a realizar investigações científicas em torno da temática discutida no âmbito desta monografia. Destacamos que durante a nossa fase de configuração do estado da arte não encontramos pesquisas sobre a mediação de leitura com leitores idosos. Consideramos que esse tema poderia ser aprofundado

e tematizado à luz dos estudos literários, principalmente, com foco na recepção do texto literário. Esta monografia nos motivou a dar continuidade às nossas investigações acerca do ensino de literatura, assim como, nos incentivou a retornar à UFT, em nível de pós-graduação, para prosseguirmos o nosso processo de formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARMELIN, M. Alice M. de O.; GODOY, M. Cecília F. de. **Formação de mediadores de leitura: sistematização de duas experiências**. cadernos Cenpec | São Paulo | v.1 | n.1 | p. 59-85 | dez. 2011.
- BARRETO, Vitória Líbia de Faria. **Memória de Leitura e Educação Infantil. Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo.2004.
- BARROS, Paula Rúbia Peloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da leitura**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO, Lins-SP, para Graduação em Pedagogia, 2013.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2008.
- COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Letramento literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP, agosto-2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 14/12/2018.
- CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura**. In: _____. **Vários Escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995/1988.
- FREIRE, Paulo, 1921 – F934i. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GARCIA, Edson Gabriel. **O mediador de leitura Conversas sobre sua identidade em quatro tons e meio**. Prazer em ler, vol.2. fevereiro 2007.
- HUNTER, James C. **O monge e o executivo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. SOUZA, Vanessa da Silva. **Letramento e Ensino de Gênero**. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 19-40, mar. / ago. 2011.
- _____. **Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social**. Revista Filologia e Linguística Portuguesa, nº 08. 2006.
- _____. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010.
- _____. **Oficina de Leitura**. 9 ed. Campinas: Pontes (2002)
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P. **Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital**. Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2. 2004.
- MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- MOROZ, Melania. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2 edição, 2006.
- OLIVEIRA, Katya Luciane; CRUVINEL Mirian; ANGELI, Acácia Aparecida dos Santos. **Atitudes de leitura e desesperança em idosos**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil, Universidade São Francisco, Itatiba-SP, Brasil. Rev. Paidéia, 2007, 17(37), 245-254. Disponível em: <http://www.scielo.br/paideia>

- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. Renata Junqueira e Rildo Cosson: **Letramento literário: uma proposta para sala de aula**.
- PRADO, Elaine dos Santos. **O IV Canto no contexto das Geórgicas: a cidade das abelhas e o mito de Orfeu**. UFRJ, vol.1, n.1 (1984). Descrição baseada no Vol.22 (2011).
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Porto Alegre, RS: L&PM; Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PINHEIRO, Marta Sousa. **Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”**. Tese (Doutorado em Espaços educativos, produção e apropriação de conhecimento) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, p. 306. 2006.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Letramento Literário: desafios e possibilidades na formação de leitores**. Vol. 01, nº 01, Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, 2011-2013.
- SILVA, Olivia Pires Da. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. 5 reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed.; 4. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- VICCINI, Carla Gabriele. **Professor mediador, aluno leitor**. Rev. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, Curitiba, 7 a 10 de novembro. 2011.
- VIOTTI, Evani de Carvalho. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Florianópolis, 2008.
- ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Modelo de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas**. Rev. Teoria e Prática da Educação, v.11, n.1, p. 49-60, jan./abr. 2008.
- ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>

ANEXOS

ANEXO A- RELATOS DE EXPERIÊNCIA DOS AL

Relatório do projeto de extensão “Colmeia Literária”, grupo: “Flor de Murici”

ABELHINHA 1

O grupo “Flor de Murici” surgiu a partir de um projeto de extensão titulado “Colmeia Literária”, coordenado pela professora Vilma Nunes da Silva Fonseca, do curso de Letras da UFT. Este projeto se dividiu em grupos os quais puderam escolher o ambiente e público alvo para desenvolver seu trabalho, o nosso grupo foi constituído em dupla, [REDACTED] e [REDACTED]. Desenvolvemos nosso trabalho com idosos do Cantinho do Vovô, no setor Brasil, atualmente o cantinho do vovô atende 15 idosos, fomos recebidas muito bem pela a coordenadora [REDACTED] e por todos os outros funcionários. Tomamos essa iniciativa por perceber que o público que escolhemos têm uma carência em termos de leitura, um dos motivos que leva a esta carência é a idade já avançada e, a falta de mediadores de leitura para promover essas ações no local.

A nossa roda de leitura foi constituída por idosos com idades acima de 65 anos. No início do projeto nos preocupamos, porquanto, não sabíamos que tipo de leitura seria interessante para eles, pensar em literatura para crianças, jovens e adultos as vezes torna-se muito mais fácil, pensar em leitura para os idosos foi um desafio e uma caçada minuciosa, mas, tivemos orientações preciosas da professora Vilma. Além disso tivemos que levar em consideração muitos fatores como, a limitação física, emocionais, e até mesmo a intelectual.

Com a orientação da professora Vilma procuramos livros literários voltada a descontração como, contos, poesias, literatura de cordel, e piadas. Agora o próximo passo foi pensar em como desenvolver essas leituras com eles, pois, já se encontram com idade avançada e limitações físicas, então pensamos em faze-las em roda, lendo ou contando uma história. Conseguimos alguns livros, alguns tínhamos em casa outros tivemos que comprar. Além dos livros e textos, selecionamos “adivinhas” para fazer uma brincadeira com eles. Com tudo preparado nosso intuito foi levar a leitura literária a um público que aparentemente não se importa com o ato de ler, mas, lembramos também de Rildo Cosson que diz, “...ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros...” (COSSON 2014). Ao nos deparar com este escrito de Rildo imaginamos o quanto seria interessante essa roda de leitura com eles, pois, através de nossas leituras certamente eles iriam fazer conexões

com tantas outras já feitas. Talvez não uma leitura no papel, mas, uma leitura de histórias ouvida dos pais, dos avós, ou seja, ao ler fazemos esse diálogo com o passado e o presente.

Primeiro encontro: no primeiro encontro estávamos um pouco apreensivas! Chegamos no local as 15:00 horas, montamos o cantinho onde ficaram os livros e alguns arranjos para decorar a mesa. Fizemos uma roda para nos apresentar e conhece-los também, nos apresentamos e posteriormente perguntamos o nome e idade de cada um deles. Então estava participando da nossa primeira roda de leitura os idosos: [REDACTED] 78 anos, [REDACTED] 75 anos, [REDACTED] 87 anos, [REDACTED] 60 [REDACTED] Carmo 83 anos, [REDACTED] 68 anos. Depois que nos apresentamos falamos do nosso projeto, explicamos que o nosso intuito era promover, estimular o gosto e o hábito da leitura.

Vimos que eles não tinham possibilidade de fazer sua própria leitura, então a leitura ficaria exclusivamente a nosso cargo, mas, entre eles seu Benedito [REDACTED] se destacou, pois, já no primeiro dia ele se interessou pelos livros e ficou com um deles “Amor de Perdição” de “Camilo Castelo Branco”. Nesse primeiro dia interagimos bastante com eles antes de começar a leitura, eles são curiosos e carentes. Então começamos a colocar nosso plano de projeto em ação, contamos o caso da “Onça e o Sagui”, nesse momento todos eles ficaram bem atentos, ficamos preocupada porque sabemos que nosso público nessa idade já não está com uma audição muito boa, antes de começar perguntamos a eles se gostavam de ouvir casos, de contar casos, seu [REDACTED] e seu [REDACTED] e disse que sim os outros não quiseram falar. Fizemos a leitura, eles gostaram muito principalmente porque relatou a traquinagem e a esperteza do pequeno “Sagui”. Levamos desenho da onça e do sagui impresso para eles pintarem se quisessem. É claro que não funcionou porque a maioria deles não tem mais coordenação motora para esse tipo de atividade, mas, seu [REDACTED] quis ficar com o desenho e disse, quando vocês vierem outra vez vai estar pintado.

Encerramos nosso primeiro dia de encontro com eles. Eles gostaram muito e pediram para não deixarmos de vir outra vez. Agradecemos a presença e atenção de todos eles.

Segundo encontro: no segundo encontro fomos no mesmo horário anterior as 15:00 horas, montamos novamente nosso cantinho de leitura. Quando chegamos nem todos que estavam no encontro anterior estava lá, mas estavam seu [REDACTED] seu [REDACTED] dona [REDACTED] e dona [REDACTED]. Nesse dia já estávamos mais tranquilas em relação ao encontro anterior, começamos com uma roda de conversa novamente primeiro perguntando como estavam cada um deles e como estavam se sentindo com nossa presença ali novamente.

Responderam que estavam felizes, segundo eles é um prazer receber visitas principalmente quando é para conversar com eles, mas, que gostam de ouvir as histórias também.

Começamos a leitura com uma literatura de Cordel “Os dois Amigos Leais”, esta leitura é um pouco extensa, achamos que seria interessante para eles porque fala de amizades, amor e companheirismo, o que mais me chamou a atenção foi que no meio da história seu [REDACTED] estava com os olhos cheios de lágrimas, ou seja, sentimos que aquela história tocou em seu sentimento, não sei se foi bom ou ruim. Depois da leitura perguntamos para eles o que eles acharam da história, disseram, que é uma história linda e que “a amizade verdadeira, que é muito difícil! Mas, se tivermos devemos preservá-la porque ela vale muito”, Seu [REDACTED] falou isso. Como foi uma leitura que mexeu com eles principalmente [REDACTED] seu [REDACTED] fizemos outra leitura para descontrair então contamos o caso do “Elefante e o Macaco” de (BAÇA 2014). Conversamos bastante. Notamos mais uma vez que eles realmente gostam quando tem pessoas de fora para conversa ou contar história como fizemos.

Encerramos mais um encontro com a promessa de voltar novamente e trazer um lanche para continuar. Embora nossos encontros estavam indo bem eu e [REDACTED] notamos que o que eles mais queriam era a presença de alguém para dialogar.

Terceiro encontro: como avíamos combinado de levar um lanche, tivemos que sair mais cedo para organizar as coisas. Foi uma correria, mas, conseguimos. Quando chegamos estavam quase todos lá fora aguardando o lanche, organizamos tudo e servimos eles. Depois do lanche fizemos nossa roda novamente para dar início a nossas leituras continuamos com a literatura de Cordel “A camponesa e o príncipe encantado”. Este dia foi um dos dias que eu me surpreendi com a atitude e memória da dona I [REDACTED] 87anos, estávamos fazendo a leitura quando no meio da leitura ouvimos ela comentar sobre a história. Esse cordel conta a história de uma moça muito rica e muito feia e egoísta, e de uma moça que era muito pobre mais muito bonita e de bom coração. De repente dona [REDACTED] que nunca tinha falado nada durante as leituras comenta detalhadamente sobre a atitude das moças na história. Nos até tínhamos comentado que nossos leitores e ouvintes era somente se [REDACTED] e seu [REDACTED] mas, não nesse dia ela até nos surpreendeu com versos, ficamos felizes de ver que nosso estímulo tinha ajudado.

Olha só que lindo os versos de dona I [REDACTED] “Fui para o mato cortar vara capim cortei o nome do bicho é tão fácil que nele já falei, capivara”. Outro, “Minha mãe me deu uma pisa com cipó de ródia e chorei de dengosa pois a tacada não doía. Esse dia foi muito bom embora seu [REDACTED] ficou mais afastado, mas, deixamos ele a vontade. Como foi dia de lanche o tempo passou rápido então ficamos apenas com uma leitura.

Quarto encontro: começamos com nossa roda de leitura novamente, sempre conversando um pouco antes das leituras. Deixa eu relatar algo antes de terminar o relatório, falamos apenas da presença de alguns idosos, porque embora convidamos todos do local eles não se interessaram em ouvir as leituras. Então nesse dia contamos mais um caso, o caso do “Vampiro”, eles gostaram muito desse caso, achamos interessante que seu [REDACTED] que ficava mais escondidinho, na hora desse caso ele veio para perto de nós para ouvi-lo. Fizemos a brincadeira de adivinhação, foi muito legal eles gostaram muito.

Por fim nesse dia combinamos de voltar no outro dia para encerrar nossa primeira etapa desse projeto com, perguntamos se eles tinham interesse que continuássemos, eles disseram que sim e que seria um prazer.

Quinto encontro: fizemos a culminância do nosso trabalho com um lanche, estavam todos juntos novamente, inclusive os funcionários, conversamos bastante com a coordenadora disse ter gostado da nossa atitude. E por fim em relação a leitura ainda deu tempo de fazer uma leitura com eles, mais um caso “A influência da Lua”.

Por se tratar de um projeto de extensão deixamos em aberto com eles a possibilidade de voltarmos. Não posso esquecer de dizer que deixamos um leitor lá, seu [REDACTED] fez questão de ficar com um livro “Palavra de poeta, a descoberta do amor em versos” são vários poetas nesse livro (Cassimiro de Abreu, Gonsalves Dias, Castro Alves e etc.), creio que ele está gostando muito dele.

Gostei muito dessa experiência embora seja totalmente diferente de se trabalhar com um público infantil ou jovem. Se eu continuar no projeto pretendo voltar lá, mas, quero buscar outro público também.

Relatório do projeto “Colmeia literária” Práticas de leitura literária.

Acadêmica: [REDACTED] **ABELHINHA 2**

Grupo: “Flor de Murici”

O grupo “Flor de murici” surgiu a partir de um projeto de extensão com título “Colmeia literária”, coordenado pela professora Vilma Nunes da Silva Fonseca, do curso de Letras da UFT. Este projeto se dividiu em grupos os quais puderam escolher o local e público alvo para desenvolver seu trabalho, o nosso grupo foi constituído e [REDACTED] [REDACTED] e [REDACTED]. Desenvolvemos nosso projeto com idosos do Cantinho do vovô, no setor Brasil em Araguaína Tocantins. Nossa roda de leitura foi desenvolvido por 15 idosos com idade média de 65 anos e máxima de 83 anos, 10 homens e 5 mulheres, fomos bem recebidas pela Coordenadora [REDACTED] e por todos funcionários daquele local. Tomamos iniciativa por perceber que o público que escolhemos tem uma carência em termos de leitura, devido a idade, falta de mediadores, e até mesmo por alguns não terem sido alfabetizados. Então o nosso objetivo como futuras educadoras foi provocar a consciência de que a leitura é o caminho e construção de novas visões e olhares sobre o mundo.

No primeiro encontro, nos apresentamos aos participantes da roda de leitura, qual seria o objetivo do projeto, que era provocar o gosto pela leitura através da de textos literários como: causos, contos, crônicas etc. Iniciamos com a leitura em voz alta da “Onça e o sagui”, depois da leitura feita discutiu-se sobre o conto onde todos tinham espaços aberto para dialogar, lembrando que os encontros m às 15h00min e terminava às 17 horas.

No segundo encontro trabalhamos literatura de cordel “Os dois amigos leais”, percebi que através da leitura desse conto despertaram neles lembranças de sua infância e juventude, de fatos que haviam acontecido no passado. Eles começaram a contar suas vivências e experiências, que me emocionou muito. Como por exemplo: dona [REDACTED] de 87 anos relatou que não sabia ler e escrever porque seu pai não a deixava estudar, ela chegou a implorar seu pai para deixá-la ir à escola. Segundo ela, o pai respondia que não, e que só os meninos deveriam ir, e as meninas não. Então só os homens que poderiam aprender ler e escrever, se não as mulheres iriam escrever cartas para os machos comentava seu pai. Certo dia, [REDACTED] falou: “Você não deixa eu estudar, se eu quiser escrever cartas, peço minha prima Maria”, seu pai ficou zangado e falou “ Pode terminar esse namoro agora.” Então ela foi até sua prima Maria e pediu que escrevesse uma carta terminando com seu namorado, ela

afirmou que não adiantou nada, pois, fugiu logo depois com o rapaz. Segundo ela sua mãe sabia ler, mas nunca sobrava tempo para ensinar à filha porque trabalhava o dia todo.

No terceiro encontro, lemos literatura de cordel “A camponesa e o príncipe encantado”. Após a leitura era aberto espaço ao diálogo, perguntávamos se eles haviam entendido, nós ouvimos suas histórias. Também trabalhamos com adivinhações, eles também fizeram perguntas de adivinhações para nós.

No quarto encontro: trabalhamos com a leitura “Causos de pescadores, o causo do vampiro”. Neste dia estava presente a orientanda da professora Vilma, a acadêmica Thais, que presenciou junto conosco na roda de leitura. Depois pedimos que eles contassem causos conhecidos por eles, percebemos que através desses causos recordaram lembranças do passado deles.

No quinto encontro, nossa roda de leitura iniciou com o causo “A influência da lua” e adivinhações. Quando cheguei, fiquei feliz, pois, [REDACTED] estava lendo um livro que tínhamos deixado com ele. O livro de Camilo Castelo Branco, “Amor de perdição”. Fiquei contente, porque percebi que nosso trabalho não foi em vão. Então podemos afirmar que desse trabalho desenvolvido deixamos um leitor, seu [REDACTED], que fez questão de ficar com o livro “Palavras de poeta”, “A descoberta do amor em versos”, são vários poemas nesse livro “Cassimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves etc...”. Acredito que ele está gostando muito do livro. Falei para ele que, era um exemplo de leitor para os demais, para não parar e que através da leitura ele vai melhorar a escrita, enriquecer seu vocabulário, e conhecer o mundo através da leitura. Então encerramos nosso projeto literário, tendo como culminância, um lanche para eles e os demais funcionários.

Lembrando que todo nosso trabalho foi desenvolvido com orientação da professora Vilma que forneceu alguns livros para nós, livros literários voltados à descontração como contos, poesia, literatura de cordel e piadas. Então pensamos em fazer rodas lendo e contando histórias como aconteceu, conseguimos alguns livros, alguns tínhamos em casa, outros tivemos que comprar. Com tudo preparado, nosso intuito foi levar a leitura literária a um público que aparentemente não se importa com ato de ler, mas, lembremos também de Rildo Cosson que diz, “...ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros...” (COSSON 2014). Ao nos depararmos com este escrito de Rildo imaginamos o quanto seria interessante essa roda de leitura com eles, pois, através de nossas leituras certamente eles iriam fazer conexões com tantas outras feitas. Talvez não uma literatura no papel, mas, uma leitura de histórias ouvida dos pais, dos avós, ou seja, ao ler fazemos esse diálogo com o passado e o presente.

Sinceramente gostei dessa experiência, embora não tenha tantas opções para trabalhar com a terceira idade, mas para falar a verdade, se voltar desejo trabalhar com criança.

Projeto Colmeia Literária.

“Roda de leitura grupo flor de lótus”

Abelhinha 3

Quando a professora Vilma apresentou a nós a ideia de criarmos uma rede de leitores em diferentes espaços públicos afim de propiciar ao cidadão comum o contato com obras literárias ,Confesso que isso me deixou um pouco assustada, o primeiro pensamento que me veio era de que não daria certo, as pessoas que não tem esse hábito, provavelmente acha que isso é uma perda de tempo e não daríamos sua atenção e fiquei com esse receio até o dia que começamos a por essa ideia em prática.

Porém logo nos primeiros momentos esse receio deu lugar para o encantamento, as crianças chegaram bem tímida e aos poucos eles foram se soltando e até as bem novinhas de 2 aninhos demonstrou muito interesse nos livros. O público escolhido por nós eram crianças entre 2 a 10 anos de idade, elas estavam todas entusiasmada com aquele momento.

Nosso projeto foi realizado na Comunidade Vida Abundante. Iniciamos nos apresentando, falamos nossos nomes e perguntamos o nome de cada um, apresentamos nosso projeto, qual era nosso objetivo e aproveitamos para conhecer um pouco sobre eles. Então deixamos eles olhando os livros, escolhendo e lendo à vontade, para aqueles que não sabiam ler, pedimos que escolhessem um livro e nós fizemos a leitura.

Para finalizarmos esse dia, reservamos alguns minutos para que eles nos contassem um pouco da história que eles leram e que mais gostaram. Ao nos despedirmos, todos estavam radiantes e prometeram que voltaria nos próximos encontros.

No segundo dia iríamos fazer a leitura ao ar livre, porque estava tendo ensaio no local em que estamos realizando o nosso projeto, porém começou a cair Pingos de chuva e com medo de que a chuva intensificasse, fomos para uma casa próxima onde a dona era amiga do nosso companheiro [REDACTED] e já estava a nossa espera caso isso acontecesse (afinal estamos no período das chuvas).

Nesse dia apenas metade das Crianças compareceram, a outra metade estava participando do ensaio para uma apresentação que haveria na igreja, no entanto esse dia não foi menos interessante, iniciamos as crianças lendo um livro a sua escolha e em seguida começamos a contar uma linda história baseada em fatos reais que aconteceu há mais de duzentos anos atrás, A Bíblia de Mary Jones, uma menina que não sabia ler ,nem ela e nem

seus pais sabiam ler ,eles não tinham nenhum livro em casa, nem mesmo uma Bíblia ,aliás as Bíblias como todos os outros livros eram muito raros e caros naquele tempo.

Todos os domingos eles iam a igreja, Mary se esforçava ao máximo para gravar as histórias contadas pelo Reverendo lidas em um livro de capa preta. Quando o culto terminava, Mary se aproximava do livro para admira-lo e ficava se perguntando como alguém podia entender aquele monte de rabiscos e nasce então o desejo de aprender a ler e ter a sua própria Bíblia.

“Este momento” me deixou encantada, eu me sentei de frente para eles, mas quando me dei conta eles estavam atrás de mim alguns até em pé, eles estavam tão interessados na leitura que vieram acompanhar de perto e ver as figuras representando a história; então cheguei um pouco para frente e acomodei todos atrás de mim.

Não terminamos a história nesse dia, deixamos eles na expectativa, terminaríamos nos próximos encontros. Finalizamos o encontro com cada um fazendo um comentário de como tinha sido esse dia para eles e a história que mais lhes chamou atenção.

Para o terceiro dia, preparamos uma pequena peça teatral, encenamos a história Bíblica, O Rei Salomão julga a causa de duas mulheres que diziam ser mãe de um mesmo bebê. Enquanto minha amiga [REDACTED] e eu estávamos colocando nosso figurino, nosso [REDACTED] Agenor ficou lendo com as crianças, conversando e indagando se eles haviam lido durante aquela semana, alguns respondeu que sim e até contou um pouco das histórias lidas em casa e na escola.

Tudo pronto, hora da apresentação, para mim foi uma experiência bem gostosa e emocionante, as crianças estavam bem atentas assistindo à peça. Quando terminamos fizemos algumas perguntas referente a história contada, eles nos responderam de um jeito que nos fez suspirar aliviados, atingimos nossos objetivos, ensinar que é preciso ter sabedoria para tomar decisões importantes.

Voltando um pouco lá atrás, logo que se sentaram na roda, algumas das crianças que estavam na semana interior vieram me perguntar sobre a história de Mary Jones se eu não iria ler mais um pouco da história, eu disse que sim, leríamos mais um capítulo antes do encerramento.

Quando finalmente chegou o “momento da Mary Jones”, eles lembraram onde havíamos parado a leitura, o que me deixou orgulhosa, percebi que estavam realmente gostando dessa história e ansioso para ver a sua continuação.

Já sabendo que eles queriam acompanhar a leitura de perto, me sentei de costas para eles com o livro um pouco levantado para que eles pudessem ver melhor as figuras.

Para encerrar distribuimos alguns versos da Bíblia para aqueles que sabiam, para fazerem leitura em voz alta, dois meninos que eram um pouco mais tímidos não queriam ler, mas com jeitinho acabamos convencendo-os a ler também.

Nesse dia foram um número maior de crianças, alguns estava sendo o seu primeiro dia conosco ao nos despedirmos, entregamos dois desenhos referente a história de Mary Jones para que eles levassem para pintar em casa e trouxesse na próxima semana.

No terceiro dia, não foi possível estar no início a nossa roda de leitura, enquanto meus companheiros davam início eu estava na faculdade fazendo um exame final de uma matéria. Porém assim que terminei minha prova corri para lá, não poderia perder um momento como esse que para mim estava sendo muito gratificante, uma experiência maravilhosa.

Quando cheguei lá, nosso amigo Agenor estava ouvindo o relato feito por cada um sobre os livros que haviam lido naquele dia, uma das crianças estava contando orgulhosamente que haviam lido 5 livros, eles contavam com muito entusiasmo. Eles levaram seus desenhos pintados, que haviam levado para casa no encontro passado, o da “Mary Jones”, fizemos um varal com esses desenhos e os parabenizamos pelo empenho e dedicação.

Chegou a hora tão aguardada por todos, a hora da história da menina Mary Jones, eles foram logo sentando à minha volta para acompanhar comigo a leitura dessa bela história, quando terminei que disse fim todos aplaudiram.

Encerramos esse dia ensaiando uma pequena música sobre o livro que vamos cantar no dia do encerramento. Tivemos a participação especial de duas voluntárias, a esposa e a filha do Senhor [REDACTED] e a mãe de uma das crianças que participa da roda de leitura.

Aproveitamos a presença da dona [REDACTED] a mãe de um de nossos pequenos novos leitores) para perguntamos se ela havia notado alguma mudanças em seu filho depois de estarem participando de nossos encontros, nos relatou que sim, que eles estavam lendo mais histórias na escola e chegava em casa muitos tagarelas contando as histórias que haviam lido, aos sábados ficavam o tempo todo lembrando-a de olhar o relógio para não perder a hora de vir para roda de leitura “o que para nós foi muito importante” vemos que nosso projeto estava surtindo o efeito esperado por nós incentivar as crianças o hábito da leitura, plantar nelas o prazer de ler.

Preparamos para o penúltimo dia a história do Pato e o Sapo, usamos dois fantoches para a representação. Voltei na infância quando dávamos as mãos e íamos bater à porta da casa do seu lobo e vê se "ele já estava pronto"(aquela chamada brincadeira de seu lobo).

Ensaíamos com as crianças para cantarmos no último dia, ao finalizar o nosso projeto uma musiquinha sobre o livro e a sua importância em nossa vida.

Pedimos para algumas mãezinhas virem participar conosco e nos relatar sobre o efeito do nosso projeto na vida de seus filhos. Já estou com saudade desses pequenos leitores que nos surpreendeu a cada dia com sua demonstração de interesse e entusiasmo pelos os livros e histórias por nós contada.

Nosso projeto superou todas as minhas expectativas, sinto-me afortunada com as experiências por nós vivida nesses dias, aprendi muito com essas crianças, as diferenças, as dificuldades e as facilidades de cada um com a relação à leitura, todos participavam, mesmo aqueles que diziam não gostar de ler, em algum momento víamos olhando e lendo os livros com o olhar de quem estava gostando daquele momento.

Termino aqui, com as palavras de uma psicopedagoga “*Miriam Regina Souza Moreira*” (fundadora da escola infantil “O balão vermelho “na cidade de Juiz de Fora-MG) relatado em um dos livros que fez parte da nossa roda de leitura “O tesouro da raposa”. “Aprender a ler e escrever pode ser uma experiência cheio de alegrias e surpresas tanto para as crianças como para seus pais e professores o ambiente que cerca criança antes e durante o seu aprendizado determinará em grande parte seu interesse e gosto por ler e escrever. Estar cercado por livros de literatura, ouvir histórias lidas e contadas, bem como estar envolvida por adultos que apreciam e usam frequentemente a leitura, são circunstâncias que favorecem a aquisição da língua escrita”.

Relatório do primeiro encontro realizado no dia 17 de Fevereiro 2018.

[REDACTED]

No dia 17 de fevereiro de 2018, o grupo FLOR DE LOTUS, realizou seu primeiro encontro do projeto colmeia literária, na **comunidade vida abundante** no setor Itaipu, Igreja na qual sou o pastor, com crianças da comunidade de diversas faixa etária.



Nosso grupo é composto por três alunos do curso de letras 4º período da UFT: [REDACTED]

[REDACTED]. **ABELHINHA 4**

Nosso horário de reunião é das 15h às 16, neste dia nos levamos vários livros de estórias infantis dos mais variados autores, colocamos tapetes no chão e espalhamos os livros. As crianças foram chegando e se assentando em volta dos livros e com avidez e curiosidade foram escolhendo aquele que mais lhes atraía pelas cores da capa ou a imagens coloridas.

Introdutoriamente nos apresentamos e explicamos rapidamente o objetivo de estarmos ali e firmamos um compromisso de esta todos os sábados as 15h para nossa roda de leitura e termos uma experiência literária e desenvolver o gosto pela leitura.

Neste primeiro momento deixamos que elas escolhessem o livro que quisessem ler ou simplesmente folheá-los, confesso que estava um pouco preocupado, porque é uma experiência nova pra mim, eu sempre lido mais com adultos em uma outra esfera de atuação, mas agora era uma nova experiência e apesar de me sentir um pouco quadrado as coisas foram fluindo e foi ficando emocionante vendo aqueles olhinhos lendo as histórias e tentando entender; para algumas delas a única experiência com livros eram os da escolares e outros a bíblia sagrada, aquelas crianças que ainda não sabiam ler, nos liamos para elas os livros que elas escolhiam. Tínhamos de tudo, bíblias, histórias da Barbie, a formiga e cigarra, o urso esfomeado, Daniel na cova dos leões, Jonas e a baleia, branca de neve, gibis e muitos outros.

Eu havia levado algumas bíblias para os que quisessem ler, um dos meninos que aqui vou chamar de [REDACTED], me pediu uma bíblia para que pudesse dar a um coleguinha seu, e eu dei de presente a eles.

Após este momento de leitura espontânea servimos um lanche que eu havia trazido refrigerante com biscoito Mabel, eles ficaram alegres e satisfeitos. Neste primeiro encontro

vieram checa de vinte crianças entre meninos e meninas de idades que variavam entre 5 a 12 anos.

O que posso dizer deste primeiro encontro, é que fiquei muito satisfeito e animado em realiza-lo, também creio que será um sucesso a nossa roda de leitura, minhas companheiras foram excelentes e envolvidas, ainda bem que elas estão comigo pois sem elas eu estaria em dificuldades com estas crianças.

Despertar o desejo e o prazer pela leitura é um ato nobre e humanizado e quanto mais cedo fizermos isso melhores são os frutos desta sementeira, as crianças são terra boa tudo depende das sementes que nós os adultos semeamos nesta boa terra.

Relatório do segundo encontro realizado no dia 24 de fevereiro 2018. Aluno: [REDACTED] ABELHINHA
4



No dia 24 de fevereiro de 2018, o grupo FLOR DE LOTUS, realizou seu segundo encontro do projeto colmeia literária, foi realizado na área da casa da Srª [REDACTED] no setor Ceu azul, devido esta havendo um seminário na comunidade vida abundante.

Organizamos tudo tapetes, livros, fiz um banner do nosso grupo, o lanche ficou a cargo da [REDACTED] as crianças estavam presentes e começamos a programação com leitura, pedimos para algumas crianças lerem e nos contasse a estória que havia lido, algumas não conseguiam entender o que tinham lido já outras sim entendiam a leitura.

Percebi que há crianças que leem, mas não conseguem entender o que leram, então tivemos que explicar a história que haviam lido, foi muito bom fazer isso eu me sentir bem.

Também outra parte da programação foi o início da leitura do livro, a Bíblia de Mary Jones. Este livro conta a história de Mary Jones. É uma história verdadeira. Aconteceu há mais de 200 anos. Mostra como Deus pode fazer grandes coisas a partir de inícios que nos parecem tão simples e pouco importantes. Uma história emocionante e inspiradora. Um testemunho real do grande amor de Deus. Conta como as Sociedades Bíblicas nasceram.

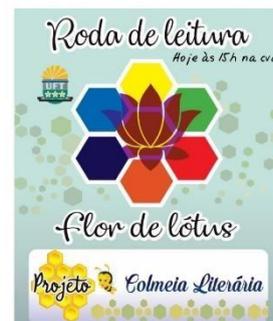
Após a leitura feita pela [REDACTED] de alguns capítulos paramos e deixamos em suspense para o próximo encontro, elas ficaram curiosas para saber como a história termina. Passamos a servir o delicioso lanche que foi salada de frutas, feita pela [REDACTED], todos foram servidos e ficaram satisfeitos.

Uma senhora conhecida da dona da casa onde estava sendo realizada a roda de leitura chegou, e ficou observando e perguntou o que estava acontecendo? Explicamos o projeto colmeia literária, então ela nos parabenizou pela iniciativa, ela era professora da rede pública, foi um incentivo para nos.

Assim agradecemos a Senhora [REDACTED] e seu esposo [REDACTED] e encerramos o nosso segundo encontro, com a sensação de dever cumprido e a satisfação de estar contribuindo para despertar novos leitores e promovendo o letramento literário de crianças que nem sempre tem acesso a variedades de livros fora do ambiente escolar.

As crianças demonstram um interesse muito grande pelos livros, o que eu percebo é que falta um incentivo maior por parte dos adultos os pais e professores. Isso me fez perceber mais a minha responsabilidade como futuro professor de fazer diferente.

Grupo de leitura: Flor de Lotus
 Horário de reunião: 15h as 16h
 Local: Comunidade Vida Abundante
3º encontro



Relatório do segundo encontro realizado no dia 03 de março 2018. Aluno: [REDAZIDA] ABELHINHA

4 Nos reunimos como de costume as 15h na comunidade vida abundante com as 19 crianças da comunidade, iniciamos com as crianças lendo os livros conforme suas escolhas.

Enquanto as crianças liam, nós nos preparamos para apresentar um teatro, vamos representar uma história da cultura bíblica, sobre a sabedoria de Salomão, um dos muitos episódios interessantes da sua vida no tempo em que ele era rei em Israel o referido episódio está registrado na bíblia sagrada no livro de I Reis 3.16-28 em que ele julga a causa entre duas mulheres que brigavam por um bebe. Já tínhamos preparado tudo o trono o cetro a indumentária do rei, para representar o rei contamos com a colaboração do [REDAZIDA] e o soldado do rei foi o jovem [REDAZIDA] ambos membros da CVA, eu era o narrador e [REDAZIDA] e a [REDAZIDA] as duas mulheres. Assim apresentamos esse teatro que foi acompanhado com muita atenção pelos nossos leitores mirins, foi muito legal aguçar a imaginação da criança, levando as pensar sobre o amor de uma mãe, isso dito por elas mesmo.

Em seguida na programação continuamos a ler mais um capítulo do livro a bíblia de Mary Jones, ao termino da leitura distribuimos desenhos que tinham haver com a história do livro, para pintar em casa no próximo encontro. Em seguida chegou a hora do lanche provido [REDAZIDA]ado pela [REDAZIDA] as crianças lancharam e foram liberadas.

Uma coisa que tenho observado é a evolução no interesse da maioria das crianças na leitura e em participar na roda quando pedimos que elas compartilhem as suas leituras semanais, umas dizem que leram a bíblia outras leram um livro da escola que pegaram na biblioteca, isso é maravilhoso porque percebo que o nosso esforço está dando resultado. Tem uma delas que vou chamar de florzinha que a chamo de devoradora de livros, porque enquanto as outras leem um livro apenas ela ler três e faz questão de pedir para contar as histórias que leu eu acho isso tremendo. Basicamente foi isso...

Já estou ansioso pelo próximo encontro.

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Disciplina: Letramento literário

Professora: Vilma Nunes

Aluna: Ana Karla [REDACTED] **MINHA 5****Projeto:** “Colmeia literária” (Grupo *Flor de Ipê*)

Meu primeiro sentimento despertado com o projeto foi quando eu e minha parceira Loriana fomos na livraria Decolores comprar uns livrinhos no formato cordel. Neste primeiro momento já fiquei maravilhada. Ao conversar com o atendente e dono da livraria, Sr. José Decolores, que nos mostrou ser um amante da Literatura, experiente, rico em conhecimentos literários e até mesmo escritor de cordel. Isso foi “começar com pé direito”. Contamos-lhe do projeto e ele até se ofereceu para declamar seus cordéis juntamente com a gente no local de realização do projeto. E nós aceitamos, é claro!

Porém, devido alguns contratemplos, não tivemos como nos juntarmos para acertamos os detalhes e nos encontrarmos no dia do projeto. Mas tenho certeza que não faltará oportunidades para esse feito literário. Finalizamos o projeto, mas, em qualquer oportunidade futura nos juntaremos com esse talentoso vendedor de livros, e ele fará brilhar seus cordeis.

Num segundo momento, já realizando o projeto, no primeiro encontro, foi incrível! Como as crianças eram interessadas em ouvir e ler as histórias. Os adolescentes curiosos em saber quais obras a gente tinha. Alguns ficaram com vergonha de ler, mas, pararam para ouvir uma história que lemos para eles.

Um ocorrido que chamou-me bastante atenção foi os pais das crianças acharem e perguntarem se precisaria pagar algum dinheiro para ler ou ouvir as histórias. Outros, antes da gente abordá-los e fala-lhes do projetos, achavam que estávamos era vendendo livros, mas depois que contávamos a eles sobre nosso projetos, ficavam impressionados e nos davam os parabéns. Por fim, este primeiro encontro foi um sucesso. Só posso dizer que foi maravilhoso.

No segundo encontro, foi melhor do que esperávamos, quanta gente parou para ler conosco. Se no primeiro encontro teve muitas crianças, no segundo é que teve mesmo. Mas, não teve só criança não, tivemos adolescentes também abrilhantando nosso encontro. Fiquei impressionada com uma jovem que parou para nos ouvir, lhe mostrei uns livrinhos, ela escolheu um e, enquanto não terminou de lê-lo ela não parou, só levantou dali quando tinha devorado o livro inteiro, isso nos deixou mais animada ainda. Já era uma conquista.

Depois, umas mulheres pararam para perguntar do que se tratava o projeto, expliquei a elas que era um projeto que tinha como objetivo estabelecer o contato de obras literárias com pessoas comuns e também incentivar as pessoas a lerem mais, a terem a leitura como um hábito do dia a dia. Depois de nos ouvir ficaram muito animadas com a iniciativa, acharam o projeto super importante.

Fiquei muito feliz ao ver os pais das crianças todos encantados com seus filhos lendo e ouvindo historinhas. A cada encontro realizado, íamos percebendo que um superava o outro, e ficávamos na expectativa de que o próximo seria melhor ainda.

No terceiro encontro, assim como nos outros, tivemos muitas crianças lendo conosco, desta vez, eram criancinhas mesmos, tínhamos que já está por dentro (sabendo a estória) do que íamos contar, se não soubéssemos, não prestavam atenção no que estávamos lendo, contamos as estórias de forma que prendesse a atenção deles, confesso que não foi fácil, mas conseguimos. Tínhamos os nossos docinhos (balinhas e pirulitos) para atraí-los.

Os pais das crianças, quando falamos que eles poderiam ler também, ficavam intimidados, preferiam deixar só as crianças mesmo, mas aí a gente falava para eles só olharem os livros e quando chegassem em casa que tivessem um tempinho, pesquisassem um bom livro para lerem, assim plantávamos uma sementinha em seus corações.

No quarto e último encontro, não ficamos satisfeita, porque já saímos de casa com o tempo dando sinal de que ia chover, mal chegamos no local e a chuva começou a cair, como o local de realização do projeto era um local aberto, tivemos que voltar, pois não tinha como ficar lá na chuva se molhando e molhando os materiais.

Por assim, esta experiência foi de muito valor, aprendizado e conquista para mim. Com esse projeto, me vi iniciando praticar a profissão que escolhi, e isso mexeu comigo, me fez ter a certeza de que estou na profissão certa. Mediar a leitura entre diferentes públicos, ser um elo entre o livro e o leitor é uma honra que poucos conseguem ter, e eu hoje posso dizer que me sinto digna desta honra. Por meio deste projeto tive o prazer de fazer o que gosto e incentivar outras pessoas a conhecer os prazeres que a leitura pode nos proporcionar.

Por fim, assim como tudo na vida, temos os dois lados da história, o bom e o ruim. O bom eu já falei, agora só falta o ruim. O Lado ruim é, na minha opinião, foi que, faltou um pouco de verba para investir no projeto, como por exemplo comprar mais livros, fantoches para contar as histórias de outras formas. Falo isso porque sentimos na pele, tínhamos que nos virar com o que a gente tinha mesmo.

Como a gente realizou nosso projeto num local público aberto, tínhamos variados públicos, desde criancinhas de dois à três anos à pessoas adultas e idosas, então as obras que levávamos tinha que está de acordo com o público abordado, isto é, tínhamos que ter várias.

O momento que sentimos esse déficit foi quando no penúltimo encontro estávamos lendo para crianças de dois e três anos que não eram fisgadas pela leitura em si, elas se encantavam apenas pelas imagens. Nesta hora nos faltou algumas obras ilustrativas própria para estas idades. Mas usamos a criatividade e tudo deu certo, como diz o provérbio: “quem não tem cão caça com o gato”, e assim fizemos, usamos os materiais que a gente tinha mesmo e tudo deu certo.

Concluo aqui este relato, foi uma experiência inesquecível, que me proporcionou momentos maravilhosos. E “o importante é que emoções eu vivi”, e mais, pude proporcioná-la à outras pessoas também.

ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO (Vídeo)

ABELHINHA 6

A gente escolheu esse grupo por causa do que a gente tem visto na cidade aqui mesmo, na UFT, várias flores de Ipês e então é predominante, tem amarelo em todos os lugares que você vai, nos jardins e até nos jardins que eles estão refazendo plantam mais Ipê na cidade por isso decidimos colocar como nome do grupo.

E na hora de escolher em qual local a gente estaria, eu falei não [REDACTED] ali tem um lugar um orfanato de meninos, ao ela falou então vamos nesse orfanato, ai fomos lá. Falamos com a mulher num foi diferente das outras meninas, ficaram meio apreensivas, so que a gente tinha que passar por uma psicopedagoga por várias pessoas, que a gente teria que ir em outro lugar pegar autorização. A gente foi pegar a autorização, quando chegamos com nosso projeto eles disseram que nosso projeto não tinha nada a ver com eles e que iria indicar outro lugar pra gente ir. Falou que “não tem nada a ver com o que vocês querem e se vocês forem ficar na casa vocês terão que reformular o projeto de vocês, eu ajudo eu também sou professora, ajudo a reformular, mas isso aqui não tem nada a ver”.

Ai a gente indicou um lugar próximo a minha casa, a princípio eu falei a que bom perto da minha casa, ai so que depois a gente viu que não tinha nada ver com que a pessoa era meio “oportunista”, ate isso teve no nosso meio, ficava enrolando –“Começa semana que vem”, “não vai começar”. Ai a gente tinha que iniciar o projeto, vamos começar, e começamos com projeto já quase na última hora. “To viajando”, “to fazendo isso...” ,“quando eu chegar ai eu procuro vocês” e acabou que a gente não foi, o nome era a casa de Davi. Mas não chegamos a ir até depois dessa enrolação “vai começar”, “vai começar....” e nunca começou e a gente precisava iniciar. Ai decidimos ir para a Via Lago quando iniciamos.

O caminho apreensivo, chegamos lá, marcamos o nosso primeiro encontro, que foi na quinta-feira. Chegamos lá eu tremia eu não queria ir na verdade eu disse: - “não chegar eu nunca vi ninguém desse povo, ninguém vai olhar pra gente”. Ai chegamos lá nos montamos foi colocando os trenzinhos, “ e o ponto que vamos ficar ?” – “Não vamos ficar perto dos bancos, não!”, “Aonde vamos colocar esse cartaz? Não vamos colocar o cartaz em cima do banco deitado”.

Ai chegamos, fomos lá pro mastro onde tem o símbolo quando a Via Lago foi feita né. Eu queria colocar em cima do nome lá, ai a [REDACTED] -“Não! Vamos ser processadas.” (risos). Ai colocamos o nome lá direitinho.

As pessoas perguntavam “é vendendo?” Eu não a gente está com o projeto, nosso Projeto Colmeia Literária, e agente está incentivando a leitura tanto crianças como adultos. Ai elas diziam: “Há! Que legal é muito bom parabéns”, mas já passava direto. Todos davam parabéns, mas passavam.

Ai” agora nosso público?”, ai eu falei: “então tá, bom nós falamos com esses que estão passando, beleza! Mas nós vamos procurar esse povo que estão sentados. E todas as vezes foi assim. A gente procurou todo mundo que estava sentado e sempre vinham e indicavam os filhos. Não tínhamos variedades de livros para o nosso público.

E a gente chegava lá no início a gente falávamos que íamos montar e já íamos convidando, convidando. Eu já ia lá buscava: “olha estamos ali om o Projeto Colmeia Literária, você pode liberar sua criança pra gente ler uma historinha com a gente? Não, claro, pode”. Ai depois os pais chegavam lá, depois os iam pra saber o que estava acontecendo.

E a gente só precisava chamar as primeiras crianças, porque depois as outras chegavam automaticamente, porque todos sentados cada um com o livro na mão, chamavam a atenção das outras, e eu achei isso muito importante, tinha vezes que a gente saia de lá rouca de tanto ler livro.

As pessoas que a gente abordava os jovens e adultos ficavam meio apreensivos, quando a gente chama-os , ele ficavam assim: “Leitura!”. Mais ai pegava um livro, o outro ficava esperando o outro ler. Ai a gente recitou poemas, cordel. Outros chegavam pegavam o livro e sentavam, teve uma moça que chegou leu todo o cordel só depois que foi embora.

Nos abordamos todas as classes, mas a que mais se esforçou foi a infantil. E eu pude ver tanta criança e achei interessante que muitas sabiam ler desde pequenininha, a gente abordava crianças de 4, 5 e 6 anos e elas já sabiam ler, e os que não sabia direitinho eles perguntavam como é que completa essa palavra aqui, eles liam quase tudo.

Tipo a história da “Ema do Cerrado” e “ela come osso?” e lia as histórias super interessados e as mais curtinhas, e as que elas não davam conta perguntavam. E tivemos outras que iam e não queriam voltar, ficavam chorando para os pais não a levarem. Eu achava lindo isso, o pai pegando, pegando e o filho chorando pra ficar e o pai: “não nos temos que buscar sua ame no trabalho, depois voltamos de novo”.

É bom ver eles interessados e não queria nem sair dali, pegavam um livro pegava outro. E a gente ver questão assim, de um livro so com imagens sem palavras escritas, pra mim, não tinha interesse antes, mas a partir do público que a gente pegou de crianças que não sabiam ler e que você podia criar uma história a partir dali, vendo aquilo ali, eles se divertindo. Eu tinha livro que foi até a [REDACTED] que nos deu, que quase não tem texto só

gravuras. Eu pegava esse livro e lia para as crianças inventando uma história lá: “Que horário de dormi? Vocês sabiam que existe horário para dormir?”, usando as imagens de crianças na cama etc. Elas ficavam empolgadas e riam, e foi bom criar histórias a partir desses livros, foi bom, foi legal. E outras tinha um livrinho aqui que a gente mais lia que tinha várias histórias e as crianças já sabiam a gente pegava e criava outra história e eles ficavam super interessados aproveitando os pontos da história que elas já sabiam e colocavam dentro da nossa história.

PERGUNTAS REALIZADAS PELA ORIENTADORA DO PCL PARA A MLABELHINHA 6: TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO (Vídeo)

1. Qual ou quais aspectos positivos e negativos do PCL para a sua experiência?

Olha os positivos e que a experiências maravilhosas, assim as pessoas receberam muito bem, muitos parabéns pela iniciativa que saímos de lá pra espocar de tantos parabéns tantos elogios: “Nossa que iniciativa boa”. Nossa! todo mundo que passava, ate os que estavam achando que era pra vender livros dava parabéns.

O professor [REDACTED] (da UFT) parou um pouco viu alguns livros e falou que a gente estávamos de parabéns, e perguntou qual a professora, aí a gente falou. Nossa parabéns e falou que era uma iniciativa ótima.

Os negativos, assim é a questão acho que pessoal, negativo como pela gente mesmo desde a sala de aula quando iniciou o projeto: “Não vai dar certo”, “aí a professora investiu nisso”, “a gente nunca trabalhou com públicos assim”. Acho que no momento não queríamos trabalhar com públicos diversos, estávamos assim “empurrando com a barriga a professora e projeto”. Comentávamos que queria essa experiência, mas com público fechados, com isso íamos nos afastando.

Para mim, pontos negativos não teve isso não, porque ate as nossas necessidades da gente forma suprimidas, não tivemos tantos pontos negativos. Acho que o ponto negativo somos mesmo porque não queremos participar, não fazer e que tudo era ruim “ai será que não vai chover”, “será que o sol vai está muito quente”, “ai será que meu patrão vai me liberar”. Mas, no entanto, o material abordado foi maravilhoso, eu não me senti desconfortável ao abordar uma pessoa, até porque eu gosto muito, não me senti com medo de aborda não, se depender de mim voltaríamos.

2. Receberam algum não?

A palavra NÃO, não recebemos. Falavam “daqui a pouco eu volto”, “hoje eu vou fazer compra no supermercado”, “apenas passei por passar, mas eu vou voltar” e todos falaram que iam voltar.

3. Alguém foi descortês com vocês?

Não. Em nenhum momento fomos destrasadas.

4. Então o que vocês aprenderem como mediadores de leitura?

É positivo mesmo para o aprendiz, é o que a gente vai passar né, é o início do que vamos levar ao longo da carreira, início de que você tem que escolher o que você escolheu para si mesmo e vocês vai saber passar com carinho e amor, e passar para alunos que aquilo ali é importante, que sem aquilo ali sem a leitura sem conhecimento. Porque teve um que me perguntou porque a gente fala sobre leituras para jovens, então um me questionou: “Mas para que isso vai me servi?”. A gente falava: “Olha a leitura hoje é essencial em tudo, se você vai fazer um concurso, se você vai fazer uma prova, se você está conversando com outras pessoas sobre “X” assuntos a leitura lhe possibilita mais conhecimentos e discurso bem mais elaborados a leitura é necessária e importante em todo lugar.

Então é isso, é você saber passar para eles o que você sabe com amor e incentivar eles, então o ponto positivo é eu pode passar incentivar aquela pessoa para que ela não fique pensando ou idealizando que a ler é chato, cansativo ou então que não me serve para nada. Mas serve, serve para tudo.

5. Como o projeto contribuiu para vocês?

Tudo. Tudo foi transformado em alegria, ajudou a fortalecer sobre o que eu quero pra minha vida e nos incentivou a ler mais, em ajudar o próximo, temos que estar nos preparando sempre.

ANEXO D- REGISTRO FOTOGRÁFICO DO PCL

Flor de Murici



Flor de Lótus



Flor de Ipê

